



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DCL
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

MARIA DOS MILAGRES ZEFERINO UYANIK

O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes

CURRAIS NOVOS - RN
2018

MARIA DOS MILAGRES ZEFERINO UYANIK

O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Campus de Currais Novos, como requisito final ao título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientação: Prof.^a Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

CURRAIS NOVOS-RN
2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES Currais Novos

Uyanik, Maria dos Milagres Zeferino.

O romance policial e o diário de leitura em sala de aula: letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes / Maria Dos Milagres Zeferino Uyanik. - 2018. 179 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras, Centro de Ensino Superior do Seridó, Departamento de Letras do Ceres. Currais Novos, RN, 2018.

Orientador: Prof^a. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias.

1. Letramento literário - Dissertação. 2. Romance policial - Dissertação. 3. Práticas motivadoras - Dissertação. 4. Subjetividade - Dissertação. 5. Diários de leitura - Dissertação. I. Dias, Valdenides Cabral de Araújo. II. Título.

RN/UF/BSCN

CDU 82-312.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Campus de Currais Novos, em cumprimento às exigências legais como requisito final à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Dedico aos meus filhos e aos amigos que lutam por mim e comigo, e já são
tão poucos. E às pessoas no meu futuro ... que já se fazem presentes.

Ao meu marido que, mesmo distante, está sempre perto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Allah – Akahu ekbar – que me brinda com muitas lutas e com lutas-vitórias como esta. Pois ambas se misturam numa oscilação constante, uma vitória pressupõe nova luta e, assim, gira a roda do tempo... Deus é grande.

A minha professora Valdenides, que faz do presente-passado e também gira como desígnios de Deus, e poetiza-se numa embriaguez-lúcida e num abraço que une os tempos.

A Fábio, companheiro de lutas, antigas e girantes, mas que se faz cada dia mais meu amigo de todas as horas.

A Thiago, novo integrante da roda, de outros encontros, pontual e certo, mas que arranca risos numa estrada que é sacrifício, mas também é regozijo: rota: Caicó-Cruzeta-Currais-Cruzeta-Caicó ... girante ... e Maria Betânia girando conosco, no som do carro.

RESUMO

Os trabalhos relativos à fomentação da leitura literária se tornam sempre pertinentes, tendo em vista as frequentes dificuldades de sua efetivação em sala de aula na contemporaneidade das escolas públicas brasileiras. Em âmbito local, esse dado se confirma, constatado por pesquisa prévia, realizada numa turma de 8º ano, ao detectar uma demasiada vinculação destes estudantes aos meios tecnológicos, preferindo-os à prática de leitura. Assim, este trabalho se propõe analisar resultados de uma proposta pedagógica, que associa práticas motivadoras e os diários de leitura, propiciando o letramento literário na valorização dos aspectos subjetivos do leitor e o preenchimento dos vazios do texto por este mesmo leitor em contato com a literatura. Para isso, escolheu-se, como ponto de partida de leitura, o gênero romance policial de enigma, *O cão dos Baskervilles*, de Sir Arthur Conan Doyle, e por ser seu protagonista, Sherlock Holmes que, embora criado há mais de cem anos, presente no contexto atual, sendo reatualizado, relido e (re) adaptado a outros suportes, como cinema, jogos e séries de tevê, e, dessa maneira, próximo ao universo vivencial dos alunos. Vale dizer que este estudo percorre os caminhos da metodologia da pesquisa-ação, uma vez que esta retorna para a comunidade a fim de amenizar suas problemáticas, concebendo todos como co-participantes do processo de construção de transformações e corresponsáveis pelos avanços dentro de uma coletividade. Para isso, as ações utilizam-se das *sequências didáticas expandidas de Cosson (2009)* e suas concepções teórico-metodológicas, e dos *diários de leitura* produzidos pelos alunos como fomento de dados conclusivos de possíveis sucessos. Também, o trabalho se ancora teoricamente nas abordagens de Sodré (1985) e Eco (1970), de Reimão (1983) e de Todorov (1969), relativo à discussão sobre literatura de massa na vida social, ao romance policial como gênero narrativo; de Cosson (2009; 2014) ao versar sobre letramento literário; de Bogdan & Biklen (1994) e de Thiollent (1996) concernente à pesquisa e à pesquisa-ação; de Machado (1998) quanto aos diários de leitura e de Rouxel et al. (2013) acerca da subjetividade do leitor. Os resultados obtidos configuram-se no maior envolvimento dos alunos com a leitura literária, fortalecendo esse letramento, percebendo-se como integrante da relação comunicativa com a obra e com o autor, visto que se põem na posição participante, seja no preenchimento dos vazios do texto, seja na possibilidade de se colocarem frente ao texto criticamente, conforme demonstrado nos *diários de leitura*. Assim como foi possível transformar culturas de leitura por oportunizar espaços para o “ler” dentro da escola, seja na transformação dos espaços físicos para isto, como a sala de leitura e outros, ou mesmo nos espaços dentro do tempo das aulas, ou seja, nas aulas não se sugerem leituras, mas se fazem e se compartilham leituras, expandindo-se a várias áreas do conhecimento e alcançando outras turmas na escola.

Palavras-chave: Letramento literário. Romance policial. Práticas motivadoras. Subjetividade. Diários de leitura.

ABSTRACT

The works relate to the promotion of literary reading is always relevant, given the frequent difficulties of its effectiveness in the classroom in the contemporaneity of Brazilian public schools. Specifically here, this data is confirmed verified by previous research performed in a group of 8th year when detecting too much linkage of these students to the technological means, preferring them to the practice of reading. Thus this work aims to analyze the results of a pedagogical proposal, which associates motivational practices and reading diaries, propitiating literary literacy appreciating the subjective aspects of the reader and filling the empty of the text by this same reader in contact with literature. For this the novel Sir Arthur Conan Doyle's *The Dog of the Baskervilles* was chosen as the starting point for reading the mystery novel and for being its protagonist Sherlock Holmes who although created more than a hundred years ago, still is present in the current context being updated re-read and (re) adapted to other supports such as cinema games and TV series and thus near to the students' experiential universe. It is important highlighted this study wander the paths of the methodology of action research since it returns to the community in order to ease their problems realizing all as co-participants in the process of building transformations and co-responsible for the advances within a community. For this the actions are used of the expanded didactic sequences of Cosson (2009) and his theoretical-methodological conceptions and of the reading diaries made by the students as foment of conclusive data of possible successes. The work also is theoretically anchored in Sodr e's (1985) and Eco (1970), Reimão's (1983) and Todorov's (1969) approaches to the discussion of mass literature in social life to the crime novel as a narrative genre; of Cosson (2009; 2014) when dealing with literary literacy; of Bogdan & Biklen (1994) and Thiollent (1996) about research and action research; of Machado (1998) on reading journals and Rouxel et al. (2013) about the subjectivity of the reader. The results itself obtained represented a greater involvement of the students with the literary reading strengthening this literacy, recognizing themselves as part of the communicative relationship with the work and with the author because they put themselves in the participant position either in filling the empty of the text or in the possibility of placing themselves in front of the text critically as shown in the reading diaries. Just as it was possible to transform reading cultures by providing spaces for "reading" inside the school, either in the transformation of physical spaces such as the reading room and others or even in the spaces during the class time, reading is not suggested during the classes, but it has been done and shared, expanding itself to several areas of knowledge and reaching other classes at school.

Keywords: Literary literacy. Police romance. Motivational practices. Subjectivity. Reading diaries.

ÍNDICE DE ABREVIações

D1	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 1
D2	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 2
D3	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 3
D4	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 4
D5	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 5
D6	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 6
D7	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 7
D8	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 8
D9	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 9
D10	DIÁRIO DE LEITURA DE ALUNO IDENTIFICADO COMO ALUNO 10

INDICE DE TABELAS

QUADRO 1 – ESTRUTURA DO ROMANCE DE ENIGMA.....	38
QUADRO 2 – TIPOS DE ROMANCES POLICIAIS	39
QUADRO 3 – ESQUEMA NARRATIVO CANÔNICO DE GREIMAS.....	46

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - ALUNOS DECIFRANDO ENIGMAS DIVERSOS	78
FOTO 2 - AULA SOBRE O GÊNERO, AUTOR, O PERSONAGEM E SUAS CURIOSIDADES.....	78
FOTO 3 - PERSONALIZAÇÃO DO DIÁRIO COM ADESIVO	79
FOTO 4 - PERSONALIZAÇÃO DO DIÁRIO.....	79
FOTO 5 - MONTANDO A SALA, CONFORME A CASA DE SHERLOCK, SEGUNDO IMAGENS DO MUSEU DE SHERLOCK EM LONDRES, BASEADO NOS LIVROS.	80
FOTO 6 - CONSTRUINDO A SALA	80
FOTO 7 - CONSTRUINDO A SALA	81
FOTO 8 - CONSTRUINDO A SALA.....	81
FOTO 9 - PORTA CARACTERIZANDO O AMBIENTE DO ENDEREÇO DE SHERLOCK.....	82
FOTO 10 - SALA PRONTA.....	82
FOTO 11 - ELEMENTOS DO CENÁRIO.....	83
FOTO 12 - ELEMENTOS DO CENÁRIO.....	83
FOTO 13 - ELEMENTOS DO CENÁRIO.....	84
FOTO 14 - A PARCERIA COM O CLUBE DE LEITURA “SOCIEDADE DO LIVRO .	84
FOTO 15 - A DOAÇÃO DOS BONÉS DE SHERLOCK.....	85
FOTO 16 - A MEDIAÇÃO PARA DISCUSSÃO ORAL E ESCRITA DOS CONTOS LIDOS PELO CLUBE DE LEITURA	85
FOTO 17 - CARACTERIZAÇÃO DA DUPLA DE ALUNOS	86
FOTO 18 - O ENIGMA PARA AS DUPLAS QUE DEVEM ENCONTRAR O LIVRO A SER TRABALHADO, NO COTIDIANO.....	86
FOTO 19 - DUPLA DECIFRANDO ENIGMA.....	87
FOTO 20 - A BUSCA PELO LIVRO PELOS DEMAIS ALUNOS	87
FOTO 21 - INSERÇÃO DE ELEMENTO NOVO: VIOLINO	88
FOTO 22 - INSERÇÃO DE NOVO ELEMENTO NO AMBIENTE: PEGADAS/ LUPAS	88
FOTO 23 - O LABORATÓRIO CENOGRÁFICO, EVIDENCIANDO O PENSAMENTO CIENTÍFICO DO HERÓI.	89
FOTO 24 - ENIGMA FEITO NO APLICATIVO QR CODE.....	90

FOTO 25 - MONTAR QUADRO DE SUSPEITOS E CADEIA DE RELAÇÕES, RECUPERANDO A IMAGEM DAS PERSONAGENS	90
FOTO 26 – QUADRO DE CONTROLE INVESTIGATIVO.....	90
FOTO 27 – QUADRO DE CONTROLE DOS SUJEITOS PELOS DETETIVES-LEITORES	91
FOTO 28 - AULA DE QUÍMICA.....	92
FOTO 29 - AULA DE QUÍMICA.....	92
FOTO 30 - AULA DE INGLÊS (COMO SE ESCREVE UMA CARTA)	92
FOTO 31 - A ESCRITA E A TRADUÇÃO DA CARTA.....	93
FOTO 32 - DIGITAÇÃO DA CARTA PARA LÍNGUA INGLESA POR CADA DUPLA.....	93
FOTO 33 - ENTREGA DAS CARTAS NOS CORREIOS.....	93
FOTO 34 - JOGO DE XADREZ EXPLORANDO CONHECIMENTOS LÓGICOS, COORDENADO PELA PROFESSORA DE MATEMÁTICA	94
FOTO 35 - JOGO PERFIL, EXPLORANDO ESTRATÉGIAS, TAMBÉM COORDENADO PELA PROFESSORA DE MATEMÁTICA.	94
FOTO 36 - SERIADO SHERLOCK DA BBC – EPISÓDIO “THE ABOMINABLE BRIDE” (A NOIVA ABOMINÁVEL) NO MESMO TEOR APARENTEMENTE FANTASMAGÓRICO CONTIDO NA OBRA TRABALHADA.	95
FOTO 37 - JOGO DE VIDEOGAME CRIME & PUNISHMENT	95
FOTO 38 - ALUNOS JOGANDO O GAME CRIME & PUNISHMENT	96
FOTO 39 - ENTREVISTA SOBRE INVESTIGAÇÃO POLICIAL COM POLICIAL LOCAL.....	96
FOTO 40 - OS ALUNOS AGUARDANDO O INÍCIO DA AULA NA SALA DE LEITURA, ANTES DO INÍCIO DAS AULAS.	97
FOTO 41 - ESCRITA APÓS LEITURA.....	98
FOTO 42 – D1	100
FOTO 43 – D2	100
FOTO 44 – D2	101
FOTO 45 – D3	102
FOTO 46 – D1	103
FOTO 47 – D1	103
FOTO 48 – D4	105
FOTO 49 – D4	105
FOTO 50 – D5	106

FOTO 51 – D5	107
FOTO 52 – D3	107
FOTO 53 – D2	108
FOTO 54 – D2	108
FOTO 55 – D5	109
FOTO 56 – D5	110
FOTO 57 – D6	111
FOTO 58 – D4	112
FOTO 59 – D4	112
FOTO 60 – D7	113
FOTO 61 – D3	113
FOTO 62 – D7	114
FOTO 63 – D3	115
FOTO 64 – D4	116
FOTO 65 – D5	117
FOTO 66 – D5	118
FOTO 67 – D5	119
FOTO 68 – D8	120
FOTO 69 – D8	120
FOTO 70 – D9	121
FOTO 71 – D9	122
FOTO 72 – D10	123
FOTO 73 – D5	124
FOTO 74 - NOVAS LEITURAS DA TURMA.....	126
FOTO 75 - TRABALHO ESTENDIDO A OUTRAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO	127
FOTO 76 – TRABALHO ESTENDIDO A OUTRAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO....	127
FOTO 77 - PARCERIA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA E FILOSOFIA/SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	128
FOTO 78 - PARCERIA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA E FILOSOFIA/SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - ABRINDO O DIÁRIO: O ENIGMA SE APRESENTA	14
2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UMA RECONSTITUIÇÃO	19
2.1 A LEITURA: PERCURSOS E PERCALÇOS DE UMA MACRO E MICRORREALIDADE	19
2.1.1 Primeiros indícios de um caminho	22
3 AS DUAS LITERATURAS: A LITERATURA CANÔNICA E A LITERATURA DE MASSA – ASSUMINDO SEUS PAPÉIS NA FICÇÃO	27
3.1 NARRATIVA POLICIAL: DESVENDANDO AS PISTAS DO GÊNERO.....	35
3.2 HOLMES E DOYLE: UMA RELAÇÃO TURBULENTA	41
3.3 O CÃO DOS BASKERVILLES – O CRIME PERFEITO E NEM TÃO ELEMENTAR NUMA VISÃO SEMIÓTICA	45
4 A LEITURA DO ROMANCE POLICIAL EM SALA DE AULA E O DIÁRIO DE LEITURA EM AÇÃO – FORMA-SE UMA DUPLA	50
4.1 A INTERAÇÃO NO ATO DE LEITURA: TEXTO, AUTOR E LEITOR – COMPREENDENDO CADA FIO DA TRAMA.....	50
4.2 O DIÁRIO DE LEITURA: LEVANTANDO EVIDÊNCIAS	55
4.2.1 O leitor e a leitura subjetiva nos diários de leitura	58
5 FOLHA POR FOLHA: SOB O ENFOQUE DA LUPA	63
5.1 TIPO DA PESQUISA	63
5.2 OBJETO E OBJETIVO DA INTERVENÇÃO	64
5.3 ABORDAGEM DE DADOS E DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	65
5.4 CENÁRIO E DETETIVES.....	66
5.5 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA E PARA A PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURA: SEGUINDO UMA LINHA CONDUTORA.....	68
5.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISES.....	74
6 FAREJANDO O DIÁRIO: ELUCIDANDO AS PISTAS, FORMULANDO CONJETURAS	77
7 CONCLUSÃO - FECHANDO O DIÁRIO: DECIFRANDO O ENIGMA	130
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE A - Questionário de Diagnóstico A (aos alunos da turma).....	140
APÊNDICE B - Questionário de Diagnóstico B (aos bibliotecários da escola)	144

ANEXO A – Autorização de uso de imagem dos alunos assinada pelos responsáveis.....	148
ANEXO B - Autorização de uso de imagem dos professores parceiros, agente dos correios, investigador policial, alunos do Ensino Médio e do Clube de leitura.	165
ANEXO C - Autorização do gestor da escola acerca do uso do nome e dados da escola para a presente pesquisa.....	166
ANEXO D - Relação dos empréstimos de livros da biblioteca escolar - ano 2016 .	167
ANEXO E - Relação dos empréstimos de livros da biblioteca escolar - ano 2017..	171
ANEXO F – Lista dos empréstimos de livros feitos no sistema informatizado da biblioteca até o mês de maio de 2018.	178

1 INTRODUÇÃO - ABRINDO O DIÁRIO: O ENIGMA SE APRESENTA

A prática de leitura dos alunos vem sofrendo uma queda considerável, pois ler tem se tornado um exercício não prazeroso, uma vez que vem competir com uma tecnologia traduzida nas comunicações rápidas das redes sociais. E, pela lei do menor esforço, isso pode condicionar perdas irreparáveis em toda uma geração acostumada à superficialidade das relações com a leitura e, por sua vez, na sua inserção no mundo prático de modo crítico e reflexivo.

Além disso, cabe à escola amenizar esses retrocessos, tendo em vista que, em muitas famílias, o gosto pela leitura é irrelevante. Por isso a escola pode e deve preencher essa lacuna, haja vista que a criança ou pré-adolescente em formação precisam de crescimento intelectual advindos da leitura. E, para isso, a escola precisa criar estratégias mais ou menos envolventes para conseguir tal intuito, isto porque quebrar práticas culturais consolidadas não é tarefa que se faça de modo repentino. Nesse sentido, o fazer pedagógico do professor requer certa insistência e metodologia que os envolvam, com uma literatura que lhes dê prazer. Ademais, seguir certos passos teóricos que nortearão essa prática conduzirá a melhores resultados.

Para tal, a pesquisa foi aplicada numa turma de 8º ano da Escola Estadual Joaquim José de Medeiros, localizada na cidade de Cruzeta-RN, pois, em observações e questionários, foram detectados vários aspectos que a pesquisa pretende estudar e intervir, como a recusa pela leitura, e mesmo forte identificação com meios tecnológicos, além da ausência de uma figura familiar de fomento à leitura. E, mais que isso, por estarem numa faixa etária mais propícia a uma intervenção, uma vez que estão em processo de formação.

Vale considerar também que esta necessidade tem como fundamento o fato de que a leitura exigida pela escola nos moldes tradicionais, dotada de atividades responsivas que se concentram em resumos, fichas de leitura e apresentações, encontra-se como entrave a sua efetividade, pois, na maioria dos casos, efetivam-se esses trabalhos tão somente na breve consulta aos resumos e às informações sobre a obra, retirados de sites na *Internet*, sem sequer realizarem a leitura proposta. Outrossim, muitos desses textos sugeridos para leitura são comumente recusados pelo aluno, por alegarem ser de difícil linguagem, e, assim, de difícil leitura e, mais destacadamente, estarem distantes de seu cotidiano, considerando que suas

preferências estão mais ligadas às séries televisivas, aos jogos, aos *fanfictions*¹, enfim, ao uso de meios de comunicação de massa. Inseridos, pois, mais do que nunca, pela fácil acessibilidade, na *Indústria Cultural*, da qual dificilmente se pode se desvencilhar.

Ler, parar, pensar, refletir, interagir escrevendo são as ações que orientam esta pesquisa, cujas questões norteadoras buscam investigar: a) as estratégias de motivação que estejam próximas ao enredo do livro, associadas aos elementos tecnológicos da cultura de massa, são eficazes para o letramento literário principiante de um aluno marcadamente inserido no mundo digital? b) averiguar se os diários de leitura, produzidos a partir de oficinas de motivação de leitura, trarão contribuições para percepção do aluno como ser participante do processo de leitura, e a partir deles perceber o valor de sua subjetividade na construção literária, aprimorando as visões.

Dessa forma, objetivou-se analisar os resultados de uma proposta pedagógica que associa práticas motivadoras de leitura dentro do enredo da narrativa trabalhada e os *diários de leitura* dos alunos. Estes últimos usados como forma de evidenciar concretamente os dados pretendidos, tomando por proposição a leitura e as suas manifestações subjetivas no preenchimento dos vazios do texto, promoventes de um encontro significativo do leitor com o texto do romance policial de enigma.

O que fundamentou esse ponto de partida, ou seja, a utilização do gênero policial, o qual ancorou todas ações, é o fato de que, embora considerado preconceituosamente como subliteratura² _sendo também chamada de literatura menor ou paraliteratura _traz em si aspectos facilitadores de envolvimento, por estar mais próximo ao universo imaginário e interacional do aluno. O fato mais preponderante deste fazer é o de que, nessa faixa etária, vale inserir o aluno no mundo literário, seja este canônico ou popular. Não se deve privá-lo da imaginação, da evasão imaginativa, favorecendo o contato com o livro, ainda fonte primeira para

¹ Fandom ou fanfiction é o texto do fã que reescreve, amplia ou dá continuidade à obra original ou aos personagens que admira(...) que tem a peculiaridade de se desenvolver na internet. Fora do ciberespaço tem-se vínculo com a obra original por meio do cosplay e dos fanhits, composição musical feita pelo fã. (Cosson, 2014, p.118-119). Pode abarcar além de livros, filmes, seriados, bandas, animes.

² Os estudos de Jean Tortel (1970) usam os termos paraliteratura para evitar o termo preconceituoso subliteratura. Estes estudos, por sua vez, também nortearam o trabalho de Anazildo Vasconcelos da Silva em “A Paraliteratura” (In: Teoria da Literatura, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1979), no sentido de propor uma teoria da paraliteratura. que deve ser entendida com “autonomia em relação a literatura culta, como universo distinto na produção da cultura. Só assim, é nessas condições é que detectaríamos as premissas básicas e a própria lógica interna que regem a dinâmica e o desenvolvimento do discurso paraliterário.” (CALDAS, Waldenyr. Literatura da Cultura de Massa: uma análise sociológica. São Paulo: Musa Editora, 2000, p. 81)

muitas leituras, embora ressignificadas no mundo digital, o qual favorece a cada dia essa interatividade. Uma obra canônica poderia significar certo obstáculo no processo de construção do gosto pela leitura nessa fase da vida, refletindo em toda sua vida adulta, pelos suas elaborações mais complexas; em contrapartida, o uso de *best-seller*, se bem orientado, poderia abrir novos horizontes literários, pois, como analogia, não se aprende a ler a partir de estruturas textuais complexas, mas a partir das letras e sílabas para se formar palavras e textos. Assim, entende-se que o interesse pela literatura deva partir da identificação, da liberação do prazer, da emoção, ativando mecanismos proporcionadores de bem-estar e que podem construir o gosto de ler. O que não significa dizer que a obra canônica não traga esses mesmos nuances ao leitor, mas que a literatura de massa se encontra mais próxima a este estudante, por sua linguagem, sua rapidez e fluidez, e pela própria faixa etária e seus universos vivenciais e culturais, facilitando, pois, as abordagens, nesse jogo de sedução que deve imbuir as ações de favorecimento do letramento literário, por isso a opção por este gênero da cultura de massa.³ Partindo dessa prerrogativa, a obra escolhida foi o romance policial de Sir Conan Conan Doyle, *Sherlock Holmes: O Cão dos Baskervilles* (1902).

E os *diários de leitura* constituem-se como uma estratégia de reflexão sobre o que se lê, uma vez que podem fornecer pistas de como se efetiva essa leitura, nos aspectos previstos, e até imprevistos pelo autor, no enxergar do leitor como participativo, aquele que preenche os vazios, mas que é dotado do aspecto identitário e subjetivo na constituição de suas leituras.

Estando este trabalho focalizado dentro da linha de pesquisa *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes*, sendo voltada para a aprendizagem da leitura, especificamente, dentro das perspectivas do letramento literário.

Dessa forma, organizou-se esta intervenção distribuída em seis capítulos, a saber:

No capítulo a seguir, situou-se o leitor em relação às nossas proposições, ao contexto em que será aplicada a pesquisa-ação, partindo de uma situação problemática, detectada por meio de observações e comprovada por meio de questionário aplicado na turma específica, dialogando com pesquisas em âmbito

³ Essas ações de motivação e envolvimentos devem e podem serem efetivadas também com obras canônicas dentro dos contextos de cada realidade e com inventividade do professor,

nacional, e ainda, de forma breve, sustentando as ações/reflexões acerca dos estudos de Aguiar (2013), Alves (2008), Koch (2006), Candido (1995), dentre outros, apontando os primeiros traços de uma proposta de ação pedagógica que considera a leitura da narrativa policial acoplada ao diário de leitura.

No terceiro capítulo, apresentou-se uma reconstituição dos aspectos teóricos relativa à leitura literária em sala de aula, no âmbito do gênero de massa, no caso, a *narrativa policial*, trazendo suas discussões e implicações. Tomada esta literatura como escolha pelo pressuposto de melhor se aproximar dos gostos os alunos, evidencia-se, então, a discussão das potencialidades dos seus usos no contexto escolar, além de melhor localizar a obra e suas nuances que focalizam seu processo de construção. Assim, ancorando-se nos escritos de Todorov (1969), Sodré (1985), Reimão (1983), Albuquerque (1979), Paes (1990), Eco (1970) e outros.

No quarto capítulo, retomaram-se as abordagens sobre leitura, melhor destacando o papel do letramento literário em condi es mais específicas do gênero escolhido e a condi o do leitor na constru o dos sentidos, levando em conta a sua subjetividade, além de enveredar pelos caminhos da análise da própria reflexão acerca da leitura concretizada nos *diários*, nos diálogos com o texto. Aqui o sustentáculo foram os estudos de Cosson (2014), Eco (1994), Machado (1998), Rouxel et alli (2013).

No quinto, destacam-se os aspectos relacionados   metodologia de pesquisa, os instrumentos de gera o de dados para sua realiza o, os respaldos teóricos da *pesquisa-a o* e sua valia social, a es que têm como norte as orienta es de Thiollent (1996), Biklen & Bogdan (1994), Moreira & Caleffe (2006) e outros; bem como o traçado da metodologia de interven o, através de *sequência didática expandida*, de Cosson (2009), em que se pretende motivar o ato de ler em sala de aula, e os aspectos a serem verificados nos escritos dos diários de leitura produzidos pelos alunos.

No sexto capítulo, analisaram-se os escritos contidos nos diários, em consonância com a aplica o das sequências, estabelecendo diálogos com estudos já realizados, formulando as conjecturas analíticas que se configuram nas possíveis respostas aos questionamentos propostos nesta pesquisa, com objetivo de melhorar o letramento literário desses alunos.

Na conclusão, trouxeram-se as constata es na constru o desse letramento literário e do próprio ato de ler na escola, na discussão se houve eficácia na aplica o

dessa proposta pedagógica, fundada na sequência didática expandida de Cosson (2009), tendo em vista a superação de uma realidade negativa apresentada na escola, bem como se o uso do diário de leitura pôde ser uma ferramenta de reflexão e interação com o texto literário, uma vez que é um instrumento que parece estar mais vinculado ao uso nos meios acadêmicos e ainda é precoce na dimensão literária aqui no país, enquanto instrumento de ação pedagógica.

2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UMA RECONSTITUIÇÃO

A leitura em perigo constante, as bibliotecas vazias, e os livros intocados, ainda novos, abandonados num canto nas prateleiras, são estes elementos de um cenário comum em muitas escolas. Sabe-se que toda escrita se concretiza na figura do leitor, dá-lhe razão. O leitor hoje ocupa um lugar de destaque, uma vez que desempenha um papel relevante na interação com o texto e o autor. Os dados justificam e alarmam para uma realidade nacional em que o livro não participa do mundo de muitos. Mais pessoas aderem a leituras superficiais de memes, ou mensagens rápidas e resumidas de meios eletrônicos, sem muita reflexão sobre o ato de ler e os reflexos desse gosto pela leitura na sua formação humana atual e futura.

Além disso, a escola veste-se de preconceitos, estabelecendo o canônico como ideal, dentro de uma nova realidade social que não o abraça, causando retrocessos, conflitos. Isto porque forçosamente se tenta estabelecer a leitura, esquecendo-se do teor de sedução de que esta deve estar imbuída para ser atraente ao leitor iniciante. E o que é mais grave constatar é o fato de que esse leitor, muitas vezes, encontra-se nessa fase inexperiente com leitura literária até mesmo nas últimas séries do ensino básico, pois não lhe foi trabalhada nas séries iniciais sua formação leitora, visto que se ignorou um pressuposto crucial no ensino e aprendizagem que seria partir de um fazer pedagógico que alie os saberes escolares com a realidade.

2.1 A LEITURA: PERCURSOS E PERCALÇOS DE UMA MACRO E MICRORREALIDADE

Qualquer pesquisa deve partir de um problema ou de uma necessidade detectada. Sabe-se que a dificuldade de leitura é algo latente na sociedade brasileira e os discursos se repetem sem, no entanto, causar grandes transformações no contexto social.

Segundo a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope, sob encomenda do Instituto Pró-Livro⁴ em 2015, na região Nordeste, manteve-

⁴ O Instituto Pró-Livro – IPL é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. A metodologia da pesquisa considera como leitor, aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses da realização da pesquisa.

se estável o percentual dos considerados leitores, com 51%, em relação à última pesquisa de 2011, apesar do crescimento no número de destes nas demais regiões do país, crescendo 6% em relação à anterior. Ainda constatou que a atividade de leitura no tempo livre ocupa o 10º lugar (24%), perdendo para os usos mais tecnológicos dos meios digitais. E mais: para 67% dos entrevistados, não houve um incentivo à leitura em sua trajetória, porém, dos 33% que tiveram alguma influência, afirmaram ser o principal responsável por sua formação leitora a mãe, ou representante do sexo feminino, com 11%, e o professor, com 7%.

Esta é uma ilustração da realidade nacional em que a leitura encontra como entrave a dura competição com meios de comunicação tidos como mais atrativos, mas também evidencia a importância de referência familiar nesse sentido, assim como na figura do professor como modelos e/ou instigadores do ato de ler, embora de modo mais diminuto.

O que foi revelado na pesquisa Pró-Livro é observável a olho nu dentro das salas de aula, todavia, só o observável diariamente nem sempre oferece dados tão aprofundados e, dessa maneira, a fim de averiguar a situação específica da turma, na qual se aplica esta pesquisa-ação, detectou-se, pelas falas nos questionários (anexos), que esses dados da pesquisa, de fato, mostram-se presentes na realidade da turma, quando afirmam, na sua maioria, que apenas leem quando a professora pede e quando esta atividade vale nota. Evidenciando que, mesmo o docente procurando instigar a leitura, o processo não se dá conforme o idealizado, isso porque muitos colocaram que era comum recorrerem aos resumos prontos na *Internet* para apresentação do enredo da obra no momento da apresentação da leitura em sala de aula, sem sequer terem lido o livro. Além disso, os resultados do questionário que valoravam alguns itens de consumo de 1 a 10, em 1º ou 2º lugar ficaram os jogos e aparelhos eletrônicos, expuseram a posição do livro e das leituras diversas em 8º ou 9º, e até 10º lugar. E mais, que seja no valor dado aos bens tecnológicos, ou nos locais de preferência, como a tevê, a internet, as redes sociais, ou os jogos, foi notório rejeição da leitura, mesmo a por prazer, e que rareiam as referências familiares de leitura, ou seja, apenas 3 alunos possuíam livros em casa, ou pais ou parentes leitores.

Esse quadro também é evidenciado pelos bibliotecários da escola que, também submetidos a um questionário prévio, relataram a diminuição da procura pelo livro, e que esta procura se dá efetivamente apenas sob a orientação do professor, quando

este adota um livro específico. Ainda, expuseram que a biblioteca é vista como espaço para conversarem, acessarem a internet, ou fazerem alguma atividade das disciplinas, apenas como uma extensão de sala de aula.

Os dados da pesquisa Pró-Livro em dimensão global e dos questionários aplicados aos alunos da série e bibliotecários da escola, numa dimensão local, revelam um quadro preocupante e que requer formação e ações pedagógicas de modo a propiciar à pessoa formar-se enquanto leitor.

Assim, a pesquisa pretende usar as leituras do romance policial como ancoragem para a produção de diários de leitura, convergindo duas práticas: leitura e escrita⁵, posto que os diários são escritos, porém, o foco será a leitura. A escrita funcionou apenas como uma forma de comunicação, de diálogo entre texto-leitor-autor, e como elementos de investigação de como se deu o letramento literário e esse diálogo como reflexo das subjetividades. Segundo o documento que norteia o fazer pedagógico no país, uma vez que o fundamentam estudiosos de credibilidade, os PCNs⁶ colocam:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1997, p.40)

Ressaltando que não se pretendeu a escrita em si mesma, a ser cobrada nesta pesquisa como ponto central, mas se sabe que o ato de escrever de modo mais livre pode libertar muitos tabus que envolvem o processo de escrita, podendo até naturalizá-la, e ser benéfico em um uso futuro, além de criar modelos, dentro dos vários gêneros, ou mesmo a percepção da finalidade comunicativa, enquanto sujeito do seu dizer, assim também favorecer o uso das regras da língua. Aqui, enfatizando mais uma vez, não se reverenciou esse enfoque.

Como se fundamenta na leitura, é preciso enxergar em que aspecto seu ensino tem sido falho e a responsabilidade da escola na configuração dessa realidade. Pois, se há mais acesso à escola, aos livros, à informação, os dados relativos à

⁵ A escrita aqui não será tomada na dimensão formal, como algo em si mesma, mas em utilizá-la como recurso à detecção das nuances interpretativas e posições desse leitor na construção do letramento literário em conjunto com suas subjetividades.

⁶ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias.

competência e aos gostos pela leitura continuam a falar negativamente. Daí ser necessário rever alguns trabalhos dirigidos a essa clientela, cujas roupagens, cuja argila se molda noutros contextos, noutras relações sociais, noutras visões de mundo, sendo bombardeada de informações várias e descartáveis, sem o aprisionamento de algo contundente às suas vidas.

2.1.1. Primeiros indícios de um caminho

Primeiro, acredita-se que a leitura deve partir do encantamento, do envolvimento, de uma metodologia que não enxergue o leitor como ser passivo diante do mundo letrado, mas como alguém que dialoga, que define linguagens, que participa da elaboração da obra, e que também deve ir além nesse processo, uma vez que pode fazer-se ouvir diante da voz de quem produz o texto, dando-lhe sentido. Conforme justifica Machado (1998),

Em relação especificamente ao ensino de leitura, implicaria criar condições para que todos os sujeitos leitores envolvidos numa situação de comunicação escolar específica expusessem, confrontassem e justificassem suas diferentes interpretações e suas diferentes práticas de leitura. (MACHADO, 1998, p. 8)

Essa voz que surge diante da voz original, embora embrionária, dá margem ao surgimento de uma consciência de ser construtor de sentidos, ativo, semelhante ao que vem se vivenciando a ações no mundo tecnológico, em uma ação dialogal, que concorda, discorda, reproduz, enfim, que delineia um discurso, um diálogo, e, por sua vez, a concepção de ser leitor. Segundo Koch (2006, p. 10) “os sujeitos são vistos como atores construtores sociais, sujeitos ativos que- dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”.

Nesse “ouvir-se” pode estar a garantia de uma prática efetiva de interação e, assim, uma visão de um ser que atua, que maneja a mensagem, que a extrapola, repete e até a julga, semelhante ao que acontece no mundo virtual, o qual tanto encanta o indivíduo, uma vez que este se sente, de fato, participante do processo. Sobre isso, Werkmeister (1993, p.58) retrata que “a interação com o texto liberta o leitor daquelas coisas obscuras e escondidas que ele não via, seja em si mesmo, seja no mundo”.

O diário, neste caso específico, o de leitura possibilita deixar fluir a voz de quem lê. No entanto, vale dizer que a eficácia da fluência dessa voz se dá contundentemente

pela presença do professor, pois, sem o direcionamento adequado, o diário (como qualquer outra estratégia de leitura e escrita) não funciona. A intenção dessa pesquisa não foi vislumbrar o diário como uma atividade vazia, para cumprir uma exigência delegada para a produção de um trabalho mais científico, ou mesmo uma metodologia em que não se acredite, mas que, pelos estudos teóricos em que se ampara, enxergue-se nele a concretude da relação do aluno com a leitura e, mais que isso, com a literatura, a qual se pretende incorporar às suas vivências enquanto ser humano.

Partiu-se, assim, de uma literatura que possa se assemelhar aos efeitos especiais do cinema, das séries de tevê, e até dos jogos de videogame, e que não se contraponha a estes, mas que se efetive num diálogo através da observância dos inúmeros traços em comum, ou até mesmo, percebendo que esta complementa, pela sua própria construção literária, os espaços que os recursos midiáticos podem deixar. Partindo, assim, do que o aluno conhece e do que convive para a exploração do novo e pormenorizado mundo literário. Segundo Aguiar (2013),

Quando a leitura ficcional representa atendimento ao gosto imediato do leitor, ela desencadeia o processo de identificação do sujeito com elementos da realidade representada, gerando prazer. Por outro lado, rompe de modo incisivo com as expectativas do sujeito, dá início ao diálogo e ao conseqüente questionamento das propostas inovadoras ali contidas, alargando o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é novamente o prazer da leitura, agora por outra via, a da apropriação de um mundo inesperado. (AGUIAR,2013, p.159)

Vale levantar a questão de que muitos desses produtos midiáticos, com os quais tantos estudantes se identificam, bebem na fonte literária no seu processo de produção, porém, não a superam quando não deixam espaço à construção da própria imaginação ou não conseguem repassar particularidades que só a palavra pressupõe. No caso, melhor explicando, quando o filme não alcança a dimensão do livro no seu dizer. Por isso, a leitura é imprescindível a quem pretende construir algo mais firme e coeso, sem as superficialidades da rapidez e fluidez que essas mídias carregam.

E, por meio de um diálogo, através dos diários de leitura, com esse universo infanto-juvenil do romance policial de enigma, é que esta pesquisa encontra suporte para definir as linhas de uma ação pedagógica que venha sanar ou mesmo amenizar esta nuance desfavorável relativa à leitura literária na escola. Primeiro porque este tipo de leitura detém a clara identificação do leitor, e, assim, a possibilidade de sua total atenção, pois envolve o mundo da aventura e do desafio, numa linguagem que pretende fazer-se entender, acessível, e, também, por criar a possibilidade de um olhar

menos apressado e reflexivo, diferentemente da cena rápida de um filme, por meio da escrita dos diários, que param num aspecto e o visualizam para encontrar algo. Enfim, é um congelamento da cena para compreendê-la, degustá-la. Assim, conforme Aguiar (2013),

O processo de leitura pressupõe a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem, mas, ao contrário interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida (...). Na verdade, um mesmo texto pode ser lido diferentemente por mais de um leitor ou até pelo mesmo em momentos distintos. (Aguiar, 2013, p.153-154)

A capacidade de refletir sobre esses vazios do texto, dos quais fala a autora, fazem o leitor dialogar com outros contextos sociais e históricos, embora dentro de uma realidade tão comum que, muitas vezes, a literatura traz em si, e escrever sobre suas visões, podendo se colocar dentro dessas perspectivas, dá a este leitor iniciante a perspectiva de obter um amadurecimento bem maior, favorecendo sua subjetividade no encontro com o dizer do texto. Este leitor se antagoniza àquele acostumado a leituras breves, rápidas, que traduzem a rapidez da vida moderna, e que, ao mesmo tempo, modela-se a ela, de maneira submissa, perpassada pela superficialidade. Este último, aliás, nem de longe, vem a ser a pretensão da escola. Esta pretende e sonha a formação de um ser resiliente, resistente, pensante, atuante, e reconhece que este nasce do esforço que culminará em experiências bem-sucedidas de leituras.

São essas as expectativas que o trabalho com diários de leitura pode suscitar, nas potencialidades destes como metodologia de ensino, como meio para a promoção do letramento literário. No entanto, cada realidade é um universo, e os desafios e particularidades podem se mostrar outros.

Sendo importante mencionar que uma pesquisa pode sempre revelar outros aspectos não imagináveis por antecipação, no entanto, a imprescindibilidade desta compreende o papel da escola no processo de letramento literário e a importância deste na atribuição de sentido na formação desse leitor. Por isso e com base nisso, viu-se, nos diários, um veículo material de facilitação desse processo, pois, com a escrita, motivada pela leitura, o leitor pode partir de suas subjetividades e de suas experiências leitoras, até mesmo conseguir certa maturidade, claro, com a intervenção didática devida para isso. Essa ideia se apoia em Cosson (2014) quando diz que

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem

transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, p. 2014, p.23)

Quando se escreve alimentado pela leitura, melhor se compreende os próprios processos cognitivos, pois se materializam as dificuldades, os entendimentos, os posicionamentos, as previsões, a compreensão do texto, de mundo e até de si, além de quebrar as velhas barreiras que se opõem à escrita que se pretende realizar no contexto escolar. Em amplas dimensões, reside a valia dos escritos diaristas, pois privilegia a própria percepção de ser um leitor ativo e interativo.

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2014, p.66)

A escrita dos diários, além de possibilitar o compartilhamento, parte do pressuposto da naturalidade desta escrita em primeira instância, o que não impede que se atinjam os aspectos mais elaborados de que é dotado o ato de escrever posteriormente, pois não se pode esquecer de que a leitura, obviamente, é um meio bastante relevante para se atingir o domínio escrito. O diário, por assim dizer, neste trabalho especificamente, procura tão-somente materializar os percursos desta leitura, registrando os caminhos, reordenando o pensamento, dentre outros, além de dar suporte de dados à pesquisa e à análise.

Dessa forma, com foco no autor-texto-leitor, num processo interativo, compreende-se, aqui, o ler e o escrever como elementos em simbiose que agem em prol de um aprender significativo, vendo na literatura uma prática social de relevância, pois dá-nos o caráter de humanidade, bem como nos remete à imaginação e à evasão catártica⁷, mas parte do que nos identificamos, como seres criativos, reflexivos, e por que não dizer, críticos e contestadores de nós mesmos e do nosso mundo circundante, mesmo não se partindo de uma literatura de proposta ou canônica. E por conter este extravasamento criativo, a prática diarista se faz sem os policiamentos costumeiros em que se dão qualquer produção escrita na escola. Segundo Candido (1995)

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem

⁷ Vem de catarse (do grego catharse) que significa, segundo Aristóteles (1993, p.37), purificação; a função catártica está na literatura traduzida no fato de o leitor realizar a descarga emocional, purificando-se das emoções negativas por meio da ficção.

na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, p.1995, p.175)

E assim, conforme Candido, a literatura nos humaniza e, num mundo marcado pela impessoalidade, até pela autoexclusão que marca a vida dos jovens, ler é necessário; e ler de modo colaborativo, compartilhando a leitura, pode ser uma experiência nova e renovadora. Dialogando com isso, Leffa (1999, p. 14-15) acrescenta: “podemos dizer que, quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo”.

3 AS DUAS LITERATURAS: A LITERATURA CANÔNICA E A LITERATURA DE MASSA – ASSUMINDO SEUS PAPÉIS NA FICÇÃO

Quando se fala em leitura na escola, automaticamente, remete-se a obras literárias mais clássicas, os chamados cânones, e destrincham-se Machado de Assis, José de Alencar, e contos dos mais renomados artistas da palavra. E, claro, a escola não deve esquivar-se delas, por enfatizar a condição humana no sentido mais dialético, como enfatizado por Candido, e sua reflexão nos faz humanos e nos afasta da barbárie por enxergarmos melhor o mundo e nós mesmos, na visão adorniana. No entanto, existe certa resistência dos alunos em adotá-las como prática em suas vidas, seja no âmbito escolar ou não. O contato com estas obras e estilos apenas se dá quando exigido pelo professor, a critério de avaliação; além disso, não são lidas na íntegra, enfastiando-lhes logo nas primeiras páginas e, assim, muitas vezes, recorrem a outros subterfúgios como pesquisa de resumos prontos na *Internet* a fim de angariar uma nota no fim do bimestre. Esses resumos, muitas vezes, não dão conta dos aspectos que o professor pretendia trabalhar, como a reflexividade, o gosto literário, burlando todo o processo de formação literária.

Mas se percebe, por outro lado, a fixação dos estudantes por seriados ou series de tevê e, em menor número, por livros, que logo viram filmes ou jogos, sendo estes últimos uma unanimidade entre os jovens, fazendo-se presentes nos seus assuntos prediletos. Muitos desses livros e seus personagens, mesmo conhecidos pelos alunos por meio do cinema, encontram-se nas prateleiras da biblioteca sem que os estudantes tomem conhecimento, ou façam as relações, assim como alguns elementos dessas histórias prediletas estão em outras obras, nas tidas como clássicas, diluídos noutra linguagem, porém, imperceptível tanto pelos alunos quanto pelos professores, vendo-as como algo separado, como se um não dialogasse com outro. Para melhor esclarecer, reflete-se: quantos elementos contidos nos filmes e livros do herói Percy Jackson não nasceram da leitura da *Odisseia*⁸ e outros clássicos da mitologia grega? Pode-se dizer que muitos. Mas poucos dos alunos reconhecem esses elementos, pois desconhecem a obra primeira, *A Odisseia*; e mesmo há os que preferem o filme ao livro do mesmo herói adolescente por ser mais acessível e mais fácil de compreender. Porém, é notório, nas falas cotidianas de quem leu o livro, dar-

⁸ Poema épico atribuído a Homero, escrito no século VIII a.C. Conta a história de Ulisses que levou 10 anos, após a guerra de Troia e vivenciar muitas peripécias, para retornar a Ítaca, sua terra natal.

lhe logo os louros em detrimento da leitura do cinema. Por outro lado, carece ao professor a disponibilidade de realizar essas pontes que não se darão sozinhas, mas podem ser mediadas e facilitadas.

Vale também perceber que essas obras, que tanto atraem essa nova geração, nunca se concentram apenas num suporte: vão do livro, ao filme, ao jogo, ao *fanfics* (*fanfiction*), tendo a capacidade de se refazer. Todavia, tidas como produto da *indústria cultural*, e assim uma *literatura de massa*, pois não conduz a uma reflexão crítica e transformadora da sociedade, cuja preocupação são apenas os sentidos mercadológicos, do capitalismo que busca alienar os seus usuários. Talvez aí resida a não importância dada por parte da academia, e mesmo da formação do educador em utilizá-la.

E, assim, a escola ignora a recorrência da preferência por essa literatura, julgando-a apenas como uma literatura de entretenimento, de subliteratura, com letra minúscula. Pode-se dizer que não apenas se ignora, mas se reveste de preconceitos, tendo em vista os conceitos que a cercam e por estar imbuída de valor negativo.

Mas, para entender melhor, vale mencionar o seu caráter de formação e as discussões acerca dessas duas literaturas – a canônica, clássica ou de proposta, e a de massa, a chamada folhetinesca.

Assim sendo, as questões teóricas se fazem pertinentes. Dessa maneira, a construção deste capítulo se norteia nas discussões de Sodré (1985), parafraseando-lhe, relativo ao resgate histórico do fenômeno de uma literatura de massa e seus aspectos literários, nascida das transformações sociais em voga.

A literatura folhetinesca teve sua origem na segunda metade do século XIX, a chamada *roman-feuilleton*, originada no jornal “La Presse”, na França, sendo publicada por partes, e com grande sucesso de público, dando notoriedade aos seus autores, que atendiam aos preceitos e gostos de entretenimento de uma nova classe ascendente: a burguesia. E, assim, ganhou o mundo, que, nos rodapés dos jornais, publicaram as histórias de grande tiragem, a preços baixos, de linguagem acessível, que abarcaram escritores de renome como Eugene Sue, Alexandre Dumas, Walter Scott, Charles Dickens, José de Alencar, Dostoiévski, dentre outros.

Com base nos estudos do autor citado, verifica-se que é contemporânea a evolução desse tipo de literatura de entretenimento, em que são elementos constitutivos a imaginação, o lendário, o épico, contido em *livros-filmes-séries-jogos* – escrito assim, neste trabalho, por se apresentarem, nesses suportes, de modo tão

íntimo e tão ligado, que são lançados no mercado quase que simultaneamente – atraindo um público fiel e envolvido. A *mass media*⁹ continua, ainda hoje, usando-a de todas as formas possíveis, explorando os gostos e aquecendo os mercados, o que se evidencia em obras como *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins; *Diários do Vampiro*, L. J. Smith; *Harry Potter*, de J. K. Rowling; *As crônicas de gelo e fogo*, de George R.R. Martin; e mesmo o personagem *Sherlock Holmes*, de Conan Doyle, ainda atualíssimo.

Segundo Sodré (1985, p.12), “aparece na prática, a diferença entre *folhetinista* – aquele que obedece às características intrínsecas de um modo popular de contar histórias – e *escritor* com projeto mais ‘culto’, mais ‘elevado’.” E isso vale dizer que ambos, embora tratem do caráter informativo, social e até jornalístico, a literatura culta se preocupa com as formas de dizer, com a própria língua, com o próprio estilo do fazer literário, ou seja, não apenas no contar. Ainda Sodré (1985, p.14) acrescenta que o escritor, na contemporaneidade, é um artista, ou seja,

um virtuose, sua arte é maior do que a história contada, ele se confunde com seu próprio ato criador (“eu sou o homem pena”, dizia Flaubert). Não se trata tanto de observar a sociedade, mas de descrevê-la a partir de um estilo pessoal. Importa [...] a técnica romanesca.

[...] O estilo culto implica uma intervenção pessoal do escritor tanto na técnica romanesca corrente como na *língua nacional escrita*. Isto quer dizer que o escritor de certo modo cria uma língua própria quando escreve. [...]. Este encena uma língua (e aí está a primeira e grande ficção da literatura)

Dessa forma, diferenciam-se as duas literaturas: a canônica, na preocupação estética, na atenção ao uso da língua, sendo do próprio texto em que se emergem as fabulações, enquanto a literatura de folhetim ou de massa tem no elemento de conteúdo, na fabulação, sua principal premissa. Premissa esta que quer encantar, envolver, sem as preocupações com técnicas romanescas ou mesmo com a própria língua nacional.

Em linhas gerais, o autor enfatiza que o que valida uma literatura é seu reconhecimento, e assim o seu processo de produção e consumo. Se na literatura canônica quem motiva sua produção e seu valor é a academia, na literatura de massa é o próprio mercado consumidor que a valida. Assim, apenas se vende, se tem mercado, existe interesse de produção.

Como já comentado, a *Indústria Cultural* é fomentada por interesses mercadológicos, que dita as regras não só da literatura, mas do teatro, cinema, disco,

⁹ Meio de comunicação de massa: rádio, televisão, jornal, cinema, etc.

rádio, televisão, revistas. Parte sempre do jogo da oferta e da procura, constituindo-se de *best-sellers* as produções de maiores tiragens e vendas; e movimentando um mercado que vai do livro à televisão, a jogos, gerando receitas milionárias, e ainda de proporções maiores, considerando a era digital e da *Internet*, bem como o próprio contexto da vida moderna, sequiosa por entretenimento.

As exigências do mercado, portanto, propiciam a produção e, por sua vez, os interesses desse mesmo mercado atendem aos interesses de grupos econômicos e, conseqüentemente, ideológicos, que fomentam valores na maioria dos indivíduos, sem que percebam essa manipulação. Sendo este ponto de que se tratará, tendo em vista o estudo crítico de estudiosos.

Caldas (2000) retrata no seu livro que discorre sobre cultura e literatura de massa que, para Adorno, a Indústria Cultural, através da cultura de massa – no nosso caso falaremos da literatura – mostra-se nociva, visto que não lança os gostos populares para consumo, mas dita esses gostos, conforme um interesse ideológico, manipulando os interesses, numa dominação presente nos seus produtos, em favor da classe dominante, detentora do capital. Assim, em vez de libertar, aprisiona, adormece os sentidos, a criticidade, ao contrário da arte com A maiúsculo.

Porém, ainda destaca que, para alguns estudiosos (Edward Shils, na sua “teoria evolucionista progressista”), Adorno e companhia representam uma visão “pessimista”, tendo em vista o contexto histórico de seu período, e que a cultura de massa trouxe maior acesso das classes populares à cultura letrada, maior democratização, pois houve maior alfabetização.

Os teóricos se contrapõem, mas vale dizer que a Escola de Frankfurt foi o diferencial na análise das novas nuances que se estabeleceram nas relações entre poder, mercado e ideologia. E suas posições refletem a busca pelo ideal de uma educação emancipadora e, por isso, que evite a barbárie, como a que se deu em vários de nossos momentos históricos.

Desse modo, as relações dos modos de produção e cultura, bem como os interesses ideológicos do estado devem, sim, ser considerados, principalmente pelo professor que quer partir dessa realidade de consumo e vê nela uma estratégia na construção dos caminhos para a formação de um leitor proficiente e crítico no futuro. Porém, não deve desconsiderar a existência desses produtos e sua influência no manejo dos gostos, nas práticas mais próximas da realidade do educando, cada dia

mais consumista, e mais exposto a uma gama de informações, pela acessibilidade aos produtos e suportes de linguagem, e tecnologia.

É importante dizer que o que foi mencionado acima acerca da cultura de massa ou *Indústria cultural* justifica o preconceito relativo à literatura de massa, nos meios mais academicistas, considerada como algo de menor prestígio, o que pode ser algo reconsiderado, visto que se analisa esta pelos mesmos critérios da literatura culta, sendo que ambos os processos de produção perpassam por objetivos diferenciados de produção e consumo, como vem acrescentar Caldas em suas posições. De acordo com Eco (1970, p. 87)

Em muitas dessas sisudas condenações do gosto massificado, no apelo desconfiado a uma comunidade de fruidores ocupados unicamente em descobrir as belezas ocultas e secretas da mensagem reservada da grande arte, ou da arte inédita, nunca se dá lugar ao consumidor médio (a cada um de nós, na pele do consumidor médio), que, no fim de um dia de trabalho, pede a um livro ou a uma película o estímulo de alguns efeitos fundamentais (o arrepio, a risada, o patético) para estabelecer o equilíbrio da própria vida física ou intelectual. (ECO. p. 1970, p. 87)

Vale mencionar que Eco muito bem trafega pelas análises de duas posições que antagonizam nos *Apocalípticos e Integrados*, o primeiro com a visão fatalista sobre a cultura de massa, numa visão mais elitista da arte, e a segunda que a enxerga de modo mais otimista. O que o autor defende é o equilíbrio, defendendo a capacidade do homem circular em ambas as literaturas conforme suas necessidades e anseios de leitura.

O que se cogita é que, se o objetivo da literatura de massa é entretenimento, deve ser tratada como tal, e nada melhor para o leitor iniciante essa capacidade de evadir-se, de mergulhar no mundo da imaginação para despertar seu interesse pelo mundo letrado, indo do simples ao complexo, como se exige qualquer modelo de aprendizagem. Ninguém aprende a partir de um texto, mas a partir do conhecimento das primeiras letras, dos sons. Assim deve ser a leitura, do simples ao complexo, do que se (re)conhece (folhetim) à exploração de novos universos (clássicos), como ainda aborda Eco (1970, p.87): “Mas quantas vezes a mensagem artística não é usada como estímulo evasivo, e quantas vezes o estímulo evasivo, visto com olho crítico, não se torna objeto de uma reflexão consciente?”, surgindo daí uma reflexividade acerca da possibilidade de execução de um trabalho mediado, utilizando-se dessa literatura de massa. Ou seja, que enxerga no seu aspecto mais contundente, que envolve o universo da sedução, do envolvimento, do gosto, e que, por essa razão,

num momento de crise da leitura literária, deve ser considerada, em prol de um alcance maior.

Deve-se considerar, também, que essa literatura abarcou nomes famosos que ganharam notoriedade com esses escritos popularescos, e que nem sempre é fácil distinguir os valores da literatura de massa e da culta. Conforme tece Sodré (1985), há exemplos na obra *Os mistérios de Paris*¹⁰, de Eugène Sue, antes considerada sublitteratura, mas que valeu estudos de Marx, Engels e Gramsci, uma vez que havia identificação entre o proletariado e as personagens contidas na história, tendo grande alcance social, pois mostravam que o crime e a miséria são ocasionados pelas condições sociais injustas. Assim, como Dickens, cujas obras posteriormente foram reconhecidas como cultas, ou mesmo Conan Doyle, homem de primor literário, que usaram dessa literatura. Ou mesmo, Dumas com seu *Conde de Monte Cristo*, folhetim, hoje visto como literatura de proposta.

Ainda acerca do *Romantismo brasileiro*, segundo Alfredo Bosi (1983, 141-142, apud SODRÉ, 1985, p.11), em *História concisa de literatura brasileira*, ao se referir ao público leitor dos folhetins, define-o como “Moços e moças provindos de classes altas e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da Corte ou dispersos pela província. Era o tipo de leitor que busca entretenimento.” Aqui ocorre a ênfase numa literatura hoje considerada como culta, mas que foi escrita com sentido de mercado, pois o escritor ganhava dimensão profissional, vendendo sua força de trabalho num novo contexto em que o entretenimento se tornava mercadoria.

Apesar de todos os preconceitos no meio acadêmico que delega a um plano menor a literatura de massa, colocando-a como sublitteratura, produto de uma *indústria cultural*, vista como alienante, esta pode ser uma análise incompleta, se seguirmos o pensamento de Sodré (1985, p.71), para quem

O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode estudá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeitos dos estratagemas mercadológicos ou dos subprodutos de literatura culta.
[...] Entretanto, se deslocarmos o lugar de onde produzimos juízos cultos e assumirmos a perspectiva popular, poderemos enxergar as *operações mediadoras* através das quais a Indústria cultural se aproxima do *povo* (categoria diferente da *classe social*). Vai-se poder localizar, então, na cultura

¹⁰ Rodolfo de Gerolstein é um príncipe alemão, que trata seus súditos com justiça e bondade (...). Seu infeliz amor pela aventureira Sara Mac Gregor e a suposta morte de sua filha nascida desse amor o aflige. O eixo da intriga consiste na busca por essa filha, que mais tarde se revela ser a prostituta Flor de Maria, e em sua redenção. Rodolfo enfrentará personagens horrendos como o Assassino, Jacob Ferrand, a Coruja, e as armadilhas de Sara ou de perversos como o jovem Saint-Rémy, e ainda por cima, salvar pessoas de bom coração como a senhora Fermont. (SODRÉ, 1985 p.7)

industrializada para o consumo das massas, elementos da tradição narrativa e imagística do povo, de um certo *ethos* nacional que perpassa tanto as populações camponesas como as urbanas.

Vale salientar também que, por a narrativa de massa possuir um caráter que não vislumbra o aspecto concernente à língua, ou abordagens estéticas, prima pelo popularesco, em aspectos como a linearidade narrativa, a simplicidade da linguagem, o caráter épico, o menor esforço interpretativo, a busca de atendimentos à sensibilização, a curiosidade, transita com facilidade por variados suportes, em variados meios (*mass-media*), uma vez que as adaptações se fazem sem maiores transtornos, que se daria se fosse o caso de uma obra de literatura de proposta¹¹ ou canônica. Tendo, pois, maiores alcances sociais quem viu o filme, leu o livro. Isto porque o trânsito da obra por estes meios, de respaldo tecnológico, muda o código, todavia, não sua estrutura básica e essencial.

Outro engano é pensar que ser uma literatura que tem na sua formulação a simplicidade de diálogos significa ser fácil de ser executada, mas vale frisar que precisa atender a interesses do público, tarefa esta nem sempre fácil. Apesar de possuir um enredo linear, a ausência de análises metafísicas, a concentração na ação, nos diálogos, propiciar a catarse, a sensibilização, a identificação, é tarefa difícil numa ambientação de tanta oferta e busca por novidades. Sobre isso, elucidada Caldas (2000, p.97), chamando a essa de “paraliteratura de imaginação”, o que Sodré chama de “literatura de massa”, que o seu autor cria um “modelo padrão de romance” facilitador para seus leitores e, por essa razão, “Sua comunicação é feita em cima de emoções, sentimentos e sensações, levando a seu público momento de profundo interesse pela leitura de entretenimento”.

E, assim, considerando o âmbito escolar, por que razão não se partir deste universo da “paraliteratura” tão conhecido dos estudantes, que reconhecem as suas personagens principais – embora sem profundidade – e, dessa forma, fomentar ações que se utilize desta literatura que, sem dúvida, ao longo da história, desde o folhetim nos rodapés dos jornais até livro, só aproximou e envolveu o leitor?

A esse respeito, em entrevista concedida pelo linguista e filósofo búlgaro Tzvetan Todorov para a revista francesa *Télérama*, e reproduzida por Jorge Coli na *Folha de S. Paulo*, vale destacar, quando interpelado sobre seu livro *Literatura em*

¹¹ O mesmo que literatura erudita, culta, canônica, clássica – designação usada por Umberto Eco, em *Apocalípticos e integrados*.

Perigo (2007), em que diz que a escola não ensina o que os livros dizem, mas o que dizem os críticos, ele colocou

Há algum tempo que, na escola, pararam de refletir sobre o sentido dos textos e passaram a estudar de preferência os conceitos e métodos de análise. Nesse sentido, é possível dizer que se estudam as teorias dos críticos, e não as obras dos autores. [...]

Estou convencido de que, para aceder à “grande literatura”, deve-se primeiro aprender a amar a leitura. Para tanto, passar pela literatura de juventude parece-me ser a via mais indicada [...] Desse ponto de vista, eu recomendo sempre “O Conde de Monte Cristo” (de Alexandre Dumas) ou, por que não? As aventuras de Harry Potter. (COLI, 2007)

Essa visão todoroviana parece elucidar o comentário de Caldas (2000, p. 96-97) sobre essa necessidade de o universo escolar fugir desta realidade e encarar com certo desdém essa vertente da literatura, que parece estar perpassado por uma visão elitista, levando, inclusive, “os teóricos até mesmo a omitirem-se de conhecer esse tipo de produção cultural”.

Já mencionava a professora Josee Dupuy acerca do uso da literatura policial, ou seja, de massa, nos currículos escolares, em seu livro pedagógico *Le Roman Policier* (1974, p.261, apud ALBUQUERQUE, 1979, p. 260-263), vendo-os não apenas como uma simples literatura de divertimento, mas uma forma válida de comunicação de massa que não deveria ficar de fora dos estudos literários, já que leitores dos mais traduzidos escritores dessa literatura, e escritores desse gênero eram também grandes escritores da literatura erudita. Ela dizia que certos autores eram como um castigo para os alunos. E ainda “Sejamos realistas. A maioria dos alunos de uma classe modesta, aos quais querem impor grandes textos, nunca lerão Chateaubriand¹². Mas eles se apaixonam por William Irish¹³, então já será uma vitória, a partir daí tudo é possível. ”.

Vale esclarecer que o uso de uma obra da literatura de massa na sala de aula é concebido como forma de promover reflexividade, compreensão e percepções leitoras, através das elucidações e manifestações nos diários de leitura. Sendo um primeiro contato, um momento em que ler se constitui formar identificações, perpetrar universos imaginativos, ou seja, uma experiência positiva de leitura que possa fornecer maior contato com o ato de ler e quebrar os estigmas negativos do ler forçosamente.

¹² François René Auguste de Chateaubriand, escritor culto francês.

¹³ Pseudônimo de Cornell George Hopley-Woolrich, escritor de romance policial de suspense, como: *Janela indiscreta*, transformados em filmes (por Hitchcock).

A respeito de considerar que alguns nunca lerão o clássico, conforme defendeu Dupuy, este trabalho enxerga o uso da literatura de massa como uma das literaturas que o leitor pode ter acesso durante seu processo formativo, conforme for sua necessidade, aqui ela funciona pelo seu caráter de predizer envolvimento e prazer, coisas essenciais para uma faixa etária em que o leitor que existe em cada um desses alunos está em formação. Assim, o leitor, conforme Eco (1970, p.60), pode transitar em todas as literaturas: “ [...] não só ao habitual fruidor de Pound poder recorrer ao romance policial, mas também o habitual fruidor do romance policial poder adir uma fruição cultural mais complexo. ”.

3.1 NARRATIVA POLICIAL: DESVENDANDO AS PISTAS DO GÊNERO

Na Literatura de massa, os gêneros subdividem-se por temática e público leitor. Segundo Sodré (1985, p.26), essa subdivisão se apresenta da seguinte maneira, cuja natureza é a atualidade informativo-jornalística que venha veicular:

- *Romance policial* – Informações de natureza criminológica, psicológica, judiciária, etc.
- *Ficção científica* – Vulgarização e antecipação de grandes descobertas científicas ou então conjeturas sobre o relacionamento entre o homem e a tecnologia.
- *Romance de terror* – Conhecimentos biológicos ou antropológicos em torno dos padrões de “normalidade” humana.
- *Romance sentimental* – Doutrina ou informações de natureza ética, relativas aos fenômenos do amor ou da sexualidade.

Dentro dessas perspectivas de gêneros, aqui se trata do gênero policial, e, para compreensão deste, faz-se necessário um estudo deste percorrendo os espaços de sua evolução e aspectos tipológicos que evidenciam suas características que o popularizaram.

Para encontrar sua origem, é importante perpassar os caminhos do *romance de aventura*, conforme comenta Albuquerque (1979), cuja ascendência vem dos primórdios da humanidade, quando os primeiros homens se reuniam em torno do contar, do imaginar, da luta entre o bem e o mal, e prevalecimento do primeiro como desfecho ideal.

Essas histórias baseadas na ação, na presença do herói e dos vilões, e ainda com advento da imprensa, passaram por transformações em busca de novos cenários, procurando se reinventar, conforme os novos públicos lhes exigiam. Albuquerque (1979, p.3) estabelece três fases: a primeira, dentro da mesma direção dos pioneiros, aumentando apenas o seu campo de ação; a segunda fez surgir o *romance de espionagem*, o qual não leva a espionagem em si como ponto central da intriga; a terceira deu-se o próprio romance policial, em que se superava a força e a ação por meio do raciocínio lógico, sendo este aspecto que o diferencia dos demais. Dessa forma, são imprescindíveis à composição do romance policial dois componentes básicos: o uso do raciocínio lógico para elucidar um caso; e que possua dois elementos preponderantes representativos do bem e do mal, isto é, o detetive e o criminoso, respectivamente.

Valendo dizer que o contexto histórico que fomenta e condiciona o surgimento do gênero, segundo Reimão (1983, p.12-16), é o surgimento de jornais populares, em que prevaleciam os *atos diversos e raros*, atraindo atenção de um público leitor urbano e industrial, que concebe na *urbis* ideias de cidadão, dotado dos valores filosóficos do Positivismo¹⁴. Mas que, por outro lado, lidava com a ideia de insegurança, de crime com o crescimento e complexidade das cidades.

Foi nesse período, no século XIX, em que a polícia surgiu, porém, estes eram recrutados dentre os ex-contraventores, o que ocasionava desconfiança na população. Isso porque o criminoso na nova concepção da *urbis* industrial representava alguém que infringe a ordem vigente, e assim representa o mal, a contravenção, que prejudica não só um indivíduo, mas toda a sociedade.

Daí o gênero policial sempre ter como protagonista um detetive que não é um policial de fato, contrapondo-se, dessa maneira, a Vidocq¹⁵, ex-condenado que conta suas memórias, criando, então, detetives como Dupin, de Edgar Allan Poe; Sherlock Holmes, de Conan Doyle; e, posteriormente, Poirot, de Agatha Christie, todos privilegiando o intelecto, o raciocínio lógico, em que o detetive é uma máquina de pensar.

¹⁴ O conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. (Auguste Comte e John Stuart Mill)

¹⁵ Eugène-François Vidocq – criminoso e criminalista francês que inspirou muitos escritores. Escreveu em seu Memórias de Vidocq, sendo antecessor de Poe, o qual em um intertexto em que o seu detetive Dupin, assassinatos na Rua Morgue, satiriza-o, chamando-o como um “excelente adivinhador”, criticando-lhe o método.

Cabe, assim, a Poe o papel de fundador do gênero policial, com sua narrativa *Assassinato na Rua Morgue* (em 1841), conforme explica a autora:

Com uma proposta inovadora em termos de literatura e um protagonista, C. Auguste Dupin, que se opõe aos policiais ex-condenados que trabalham empiricamente, Poe inventa o detetive moderno, inventa como diz Lacassin “um arquétipo literário: o detetive amador, o homem que coleciona enigmas como os outros colecionam objetos. (REIMÃO, p.1983, p.18)

Conseguindo, pois, segundo a autora, reunir ficção com raciocínio lógico, pois Poe sai do plano da intuição, do acaso, substituindo-o pelo da precisão e rigor científico, esse plano positivista não só acompanha a elucidação do enigma, mas o próprio fazer da narrativa. Além disso, o detetive consegue elucidar casos sem mesmo sair de sua casa, apenas pelos relatos dos fatos interpretados sob o rigor científico positivista na observação e análise.

Também menciona Reimão (1983) que Doyle, no seu Sherlock Holmes, posterior a Dupin, possui o mesmo caráter do raciocínio dedutivo. Entretanto, acrescenta-lhe a ação e mesmo uma humanização na personagem, além do que introduziu a presença de um ajudante, Dr. Watson, também memorialista e narrador da história, mas não anônimo, como Dupin, de Poe.

Pode-se, daí, analisar que esse caráter inovador deu a Holmes o título de detetive mais famoso de todos os tempos, sendo até hoje explorado pela *Indústria cultural*, seja em filmes, seriados de tevê da BBC e até games, reinventando-se noutras linguagens, mas mantendo algumas características que lhe foram sucesso em outras épocas, como a excentricidade e o raciocínio incomum.

A cargo de informações, Reimão (1983) ainda estabelece: Poe, com seu detetive *Dupin*; e posteriormente Doyle, com *Sherlock*; e Agatha Christie, com *Poirot*, enquadram-se na narrativa policial clássica, o *romance de enigma*. A estrutura deste se fundamenta na visão do detetive com fortes traços dedutivos, raciocínio quase matemático, e cujas aventuras são sempre contadas, de forma memorialista, por um narrador que pode ser personagem ou não.

Edgar Allan Poe, a respeito, produziu, além do já citado *Assassinato na Rua Morgue*, outros trabalhos de vertente policial, com seu detetive *Dupin*, como *A Carta Roubada* e *O Mistério de Marie Roget* (baseado em um assassinato real, de Mary Cecília Rogers), este esfacelando os limites entre o real e o ficcional, vale dizer.

Todorov (1969, p.97-98) acrescenta que a estrutura desse romance de enigma estabelece duas histórias: a do crime e a do inquérito. A primeira se diz ausente,

porém, significativa; e a segunda, presente, porém, insignificante. Isso vale dizer que a história que se conta no livro é a do inquérito demonstrando as qualidades e inteligência do detetive na condução da investigação. Explicando-se que o conceito de *ausente* e *real* é a razão de ser o crime o fato motivador da história, nele se amparando a segunda, que não existe por si mesma, mas em função da primeira, do crime, e é por isso *insignificante*.

Reimão (1983, p.24) a respeito, constrói um quadro que evidencia essa questão para um melhor entendimento:

Quadro 1 – Estrutura do romance de enigma

	Primeira história (Ausente, mas real)	Segunda história (Presente, mas insignificante)
Personagens principais	Criminoso Vítima	Detetive Narrador
Assunto	Ação propriamente dita (o crime)	Apreensão da ação passada (o inquérito)

Fonte: Reimão (1983, p.24)

A essa estrutura básica, Conan Doyle, a partir dos escritos de Poe, deu ao seu detetive um ajudante, de inteligência mediana, mas fiel, Dr. Watson, que pudesse se aproximar do leitor e com ele partilhar dos indícios, mas que só Sherlock possuía a destreza de interpretá-los de modo pleno. Em *O cão dos Baskervilles*, em Doyle (2009, p.8), a fala de *Sherlock* para Dr. Watson, o narrador, evidencia esse traço: “[...] Talvez você não seja brilhante, mas é com certeza um condutor de luz. Algumas pessoas, ainda que não sejam geniais, têm o notável poder de estimular o gênio”.

Este é memorialista, pois narra os feitos de seu amigo, depois dos acontecimentos se deram constante nos seus diários e anotações. Também escolhe como e quais aventuras que devem ser relatadas. No mesmo *O cão dos Baskervilles*, em Doyle (2009, p.8), o narrador, Dr. Watson, evidencia sua postura enquanto organizador destas aventuras e sua posição diante do gênio de Sherlock: “Ele nunca falara tanto e, devo admitir, as suas palavras causaram-me grande satisfação, pois muitas vezes me aborreci com sua indiferença à minha admiração e às tentativas eu tenho feito de tornar públicos seus métodos.”.

Já Dupin, de Poe, é contado por um narrador anônimo; e Poirot, da dama do crime, Agatha Christie, na figura também de um narrador personagem – semelhante a Dr. Watson – no entanto, este se mostra lento e, muitas vezes, ludibriado pelos demais personagens.

Para se falar teoricamente, Todorov (1969, 95-100) afirma que o romance policial se divide em romance de enigma, o chamado clássico policial, o romance negro (romance americano) e o romance de suspense. Valendo elaborar um quadro exemplificativo:

Quadro 2 – Tipos de romances policiais

Romance de enigma	Romance negro - Série Noire	Romance de suspense
Apresenta-se sob forma de memórias de um narrador.	Não é memorialista, é presente.	<ul style="list-style-type: none"> • Do romance de enigma permanece o mistério e as duas histórias, e do romance negro a segunda história tem função central; • Passado (explicação do que aconteceu) e Futuro (suspense sobre os fatos que virão); • Foi a transição entre o romance de enigma e o negro; • Dois tipos: detetive vulnerável e detetive suspeito (deve provar sua inocência).
O detetive e o ajudante são imunes.	O detetive não é imune.	
Honestidade narrativa	Não honestidade, os indícios podem ser falsos, enganando protagonista e leitores.	
Detetive requintado	Detetive rude, vulgar, grosseiro.	
Raciocínio lógico; detetive é máquina de pensar.	Presença de ação, violência e sexo, viver no mundo que nos cerca, crítica ético-político-social (meio); Desconfia das deduções mentais.	
Linguagem sofisticada	Linguagem coloquial, vulgar, gírias, palavrões.	
Mistério tem função central.	Mistério tem função secundária.	
Dupla história: do crime e investigação.	Centraliza na narrativa e ação.	
Versão final do crime inquestionável.	Versão final questionável, pode até nem desvendar o crime.	

Sem envolvimento emocional. Ausência de relação amoroso e sexual. O detetive deve estar concentrado no caso invstigado.	Envolvimento emocional com os demais personagens: o detetive se envolve amorosamente sexualmente com mulheres fatais.	
Edgar Allan Poe Sir Arthur Conan Doyle Agatha Christie	Dashiell Hammett e Chandler	Irish, Patrick Quentim, Charles Williams

Fonte: Esquema extraído da escrita de Todorov (1969, 95-100)

Apesar dos pontos diferentes, Reimão considera que há uns “topos” comum que é o fato de haver um culpado contraventor. E se percebe, neste trabalho, que eles se reinventam a partir de um reforço num ou noutra elemento, seja ele o mistério, o meio social ou o suspense, com maior ou menor intensidade, bem como as excentricidades, ou mesmo as abordagens das pistas, também num desfecho fechado que caminhe para o sucesso na elucidação dos casos, conforme o esperado, ou num aberto que desconsidere este fator, surpreendendo o leitor. Tudo isto é acionado na tentativa de aguçar a curiosidade e o interesse do público leitor e admirador desse gênero ao longo do tempo, trazendo sempre uma novidade e reatualizando fórmulas literárias que deram certo.

Há, inclusive, nas teorias lidas, a discussão se o romance ou a narrativa policial passam por evoluções. A esse respeito, Todorov (1969) afirma não ser o caso, pois as formas coexistem ainda hoje, a respeito dessas transformações de elementos centrais do gênero, revela o constrangimento que um item, seja ele o mistério, a descrição do meio, ou suspense, se torne apenas pretexto, e assim o gênero se distancia deste, assumindo outro de modo mais nítido: no caso romance de enigma usou o mistério; o romance negro, a descrição do meio; e o de suspense, o mistério e o próprio suspense.

Conhecendo melhor a leitura da qual se parte para se efetuar essa pesquisa, as observações foram feitas de modo mais seguras, pois, ao se apropriar do gênero e suas variações, dá-nos a real valoração da escolha, justificada por seu alcance atual nas mídias, por seu caráter pioneiro, e apostando na identificação do educando com o universo de *Sherlock Holmes* e seu fiel auxiliar Dr. Watson. Ganhou o mundo nas mãos de tantos criadores, que atravessou gerações, nascido numa época de

curiosidade científica, e que se repete hoje, num momento em que a informação está ligeira, que imagem se associa à palavra escrita e, muitas vezes, suplanta-a, mas que não diz tudo e, ao perceber esse caráter, pode ser o elemento diferencial para busca pelo prazer da leitura no atual contexto escolar.

Evidencia que a escola, por sua vez, não deve ignorar o fenômeno dos *best-sellers*, das leituras mais comuns que circundam o universo dos alunos e de seus convívios, em suas diversas roupagens e muito mais associadas à imagem; e partir deles e das estratégias motivacionais para se efetivar uma leitura habitual, abarcando a palavra escrita e suas nuances, podendo ser esse o primeiro passo para que a leitura de fato se efetive nas suas vidas, dentro e fora da escola.

3.2 HOLMES E DOYLE: UMA RELAÇÃO TURBULENTA

Como já explicitado, a *Indústria cultural* foi responsável pela popularização de obras e autores, no uso do marketing, gerando rendas milionárias, sendo este o caso particular do personagem Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle, que o imortalizou em quatro romances e cinco livros de contos¹⁶.

Para tal, será necessário fazer um retrospecto de como este surgiu como sucesso de vendas e as curiosidades que justificam sua popularidade que permanece até os dias hoje, bem como a desconfortável relação com seu criador. James (2012) tece no seu livro algumas considerações acerca desse retrospecto:

Conan Doyle era clínico geral, que, ao montar seu consultório, após uma vida turbulenta de médico em alto-mar, não conseguia clientes suficientes. Daí surgindo a ideia de criar um detetive a fim de vender seus escritos, nascendo Sherlock Holmes, inspirado no seu professor, cirurgião do Edinburgh Royal Infirmary, de forte caráter observador e brilhante em diagnósticos, Joseph Bell. Publicou, assim, o primeiro romance “*Estudo em Vermelho*”, em 1887, nas páginas *Beeton’s Christmas Annual*, custando um xelim. Prática folhetinesca, sendo posteriormente publicado como volume independente na *Stand Magazine*¹⁷.

¹⁶ **Romances:** Um Estudo em Vermelho (1887), O Signo dos Quatro (1890), O Cão dos Baskervilles (1902), O Vale do Terror (1915). **Contos:** As Aventuras de Sherlock Holmes (1892), Memórias de Sherlock Holmes (1894), O Retorno de Sherlock Holmes (1905), O Último Adeus de Sherlock Holmes (1917), O Arquivo Secreto de Sherlock Holmes (1927).

¹⁷ Stand Magazine, fundada por George Newnes, em 1880 (...) abriu território novo atraindo leitores com inovações como entrevistas com celebridades, artigos sobre assuntos gerais, fotografias e brindes, prenunciando as revistas populares que viriam a prosperar no século seguinte. Responsável pelo

O autor seguiu os passos de Poe, porém, revestindo sua narrativa de caráter novo, de pura aventura, pois não era mais um detetive que investigava sem sair de seu quarto, mas o que ia in loco coletar pistas. Manteve, assim, o aspecto de ser o detetive uma máquina de raciocínio, todavia, humanizando-o nos gostos excêntricos e dando verossimilhança, conforme afirma Reimão (p.38): “Se Dupin não existia enquanto personagem, mas apenas enquanto detetive, enquanto máquina de raciocínio, Holmes além de ser, enquanto detetive, uma máquina dedutiva a elaborar equações, nem por isso abdica de ter personalidade própria. Ao lado de Holmes detetive, é justaposto, agregado, Holmes, o homem”. Sherlock tocava violino, era pugilista, praticava esgrima, lutava com bastão, sendo grande conhecedor de direito e até de venenos (ópio e beladona), além de ser mestre em disfarces; e quando não tinha um caso para se resolver, mergulhava no ócio, numa inércia, que lhe causava mau humor, tornando-se até antissocial, e isso rendia constantes tiros na parede, além de ser morfinômano e cocainômano. Mas que era capaz de sair do marasmo entediante quando um caso lhe parecesse desafiador, até mesmo escusando-se de pagamento. Essas características são amplamente exploradas até hoje onde quer que a personagem surja, sob qualquer direção, ou sob o crivo de qualquer novo autor que o retome. E conhecidas por qualquer um a que se mencione seu nome e que esteja antenado às mídias.

Conan Doyle criou, também, o famoso modelo da “dupla”, que persiste em produções em diversos suportes nos dias atuais, a exemplo criou Dr. John Watson, um nome simples, para uma personagem considerada simplória que existe para narrar as aventuras do herói, de maneira memorialista, e para enfatizar o valor da mente dedutiva do protagonista.

A esse exemplo, no romance policial, *O cão dos Baskervilles*, Doyle (2009, p.8), destaca-se a colocação de Holmes para Watson: “– Receio, Watson, que maioria de suas conclusões esteja errada. Quando disse que você estimulava meu gênio, queria dizer, para ser sincero, que seus erros me levam à verdade. ”.

Essa fala pode até parecer pouco simpática ao público, no entanto, essa humanização e essa verdade, no trato sincero com o outro, podem ser condicionantes do elogio de alguém que não se submete às falsas modéstias do traquejo social, mas apresenta um requinte de outras formas. John Watson, vale dizer, conforme avalia

sucesso de Conan Doyle, que foi convidado para colaborar com uma série de contos para a revista. (JAMES, P. D. Segredos do romance policial – História das histórias de detetive. p.3)

Reimão (1983), não é o mero registrador das aventuras, ele é um narrador-personagem de papel mediador entre as aventuras com o público, e busca fazê-lo atendendo aos gostos deste público, escolhendo quais aventuras deveria contar, como deveria contar. Muitas vezes, interpelado por Holmes, por serem estas narrativas muito romanceadas e pouco técnicas, mais próximas do gosto do detetive.

É curioso o fato de que Holmes tenha conquistado o público, atravessando gerações e, por outro lado, Doyle não se sentia confortável com essa personagem que lhe roubava muitas horas, as quais seriam dedicadas a escritas mais sérias, mais ambiciosas, conforme seu próprio dizer. James (2012, p.42) revela esse aspecto na carta de Doyle a um amigo “Tomei tamanha overdose dele que sinto por ele a mesma coisa que sinto por *pâté de foie gras*, que uma vez comi demais, de forma que o simples nome me dá uma sensação de enjoo até hoje”.

O que se verifica na postura acima assumida pelo próprio autor diante de seu personagem são as mesmas ideias que se atribuía e se atribui à literatura de massa, ainda hoje, impregnando as mentes de ser ela algo inferior, incapaz de promover evasões positivas, sem causar reflexão, sem promover emancipação dos sujeitos, produto de uma indústria que dita regras de consumo. No entanto, é necessário frisar que essa visão, até extremista, desconsidera o crivo da aceitabilidade de todo público e agradá-lo não é tarefa de fácil execução. A exemplo, tantos produtos submetidos a fortes campanhas de marketings não caem nas graças populares, e outros de imediato se tornam efetivos de consumo popularesco. E isso se constata no *mass media* cotidianamente.

Sodré (1985, p.12) ainda menciona que o fato de ser popularesco não significa ser fácil de realização. A exemplo, cita o depoimento de Josué Montelo ao *Jornal do Brasil*, em 22/11/1983, sobre a adaptação do romance *A Balaiada* pelo teatrólogo talentoso Viriato Correa, para uma novela de rádio – outra forma de literatura de massa – e que não atingia os índices de audiência e aceitação do público, o que valeu o comentário deste: “Apanhei como nunca. Não me meto noutra. É um gênero difícilimo. Com outra técnica. É outro modo de escrever”. Desse modo, o mesmo se pode dizer do romance policial, que requer um modelo, uma técnica que atraia e não canse o público, uma fórmula que atenda os anseios do mercado, do consumo e, assim, caia no gosto popular.

Mesmo se concebendo que as personagens, muitas vezes, traduzem aspectos interiores de seu criador, em que o próprio Doyle admite (Apud James, 2012, p.33) “

um homem não consegue inventar um personagem a partir de sua própria consciência e torná-lo realmente verossímil, a menos que tenha algumas possibilidades desse personagem dentro dele” pode-se contrapor, de qualquer forma, Doyle e Sherlock, criador e criatura, percebendo-se que se afastam em vários aspectos. Realçando isso, enquanto o criador era dotado de imenso conhecimento de cultura geral, de literatura, de literatura histórica, Holmes desconhecia qualquer aspecto literário, era pragmático, racional, e defendia que os conhecimentos necessários seriam os que pudessem ser postos em prática. Por outro lado, Doyle representava os ideais do período vitoriano, principalmente no anseio pela justiça que sempre defendeu, aproximando-se de seu personagem, que também aplicava a sanção da justiça aos criminosos, porém, Holmes possui uma dicotomia de personalidade, no seu pessimismo até arrogante, por vezes, e irônico. Talvez por isso tão moderno, e por isso bastante revisitado na atualidade.

Vale relatar que o autor, imbuído do desejo de escrever uma literatura maior, dentro do padrão, matou Sherlock numa luta épica com seu archi-inimigo professor Moriarty, nas cataratas de Reichenbach, na Suíça, no conto *O Problema Final* (em 1893), o que lhe rendeu aborrecimentos e até agressões na rua, sendo por meio da quantia oferecida por editores e pressão popular, com cartas contendo ofensas e ameaças, foi obrigado a ressuscitar o herói no conto *A casa vazia*, no livro *A volta de Sherlock Holmes*, em 1903. Não um ressuscitar no sentido literal, pois não convergia ao caráter racional, mas dar uma nova saída e justificativa ao fato de ter Holmes sobrevivido à queda das cataratas.

Isso já demonstrava que Sherlock não mais pertencia ao autor, era de domínio público. E um fato curiosíssimo é que, depois da morte de Sherlock, os fãs começaram a tomar as rédeas da personagem, dando início os primeiros *fanfics* da história, durante o tempo em que o autor foi dedicar-se a outros escritos. Pode-se dizer que até hoje o retomam com essa mesma atmosfera. Um exemplo é o bordão “Elementar, meu caro Watson”¹⁸ reconhecível por qualquer fã, e logo atribuída a ele, mas nunca foi proferido nos livros. Mesmo após a morte de Doyle, em 1930, Sherlock Holmes vive, atualíssimo, protagonizando séries televisivas, jogos; mudaram-se a linguagem,

¹⁸ “Elementar, meu caro Watson”. A frase apareceu pela primeira vez em 1929 no filme *O Retorno de Sherlock Holmes*, mas acabou se tornando popular graças ao escritor Edith Meiser, que escreveu a série *The New Adventures of Sherlock Holmes*, transmitida no Reino Unido pela rádio BBC entre 1939 e 1947. O detetive de Baker Street diz “elementary” e “my dear Watson” – mas nunca os dois juntos. <http://molhoingles.com/como-surgiu-a-frase-elementar-meu-caru-watson/>

obviamente, os figurinos, seja no cinema, séries ou jogos, mas permanecendo outros aspectos que confirmam a razão de ser “o maior detetive de todos os tempos”, como a ironia, a inteligência, a argúcia, o forte senso de observação, e a presença de Dr. Watson, seja homem ou mulher (este último a exemplo da série *Elementary*, da Universal), validado por aclamação popular. Ele se materializou em outras mãos ao longo do século XX e XXI, e sua personalidade também migrou para outras releituras, como o também polêmico *Dr. House*¹⁹, da Fox.

3.3 O CÃO DOS BASKERVILLES – O CRIME PERFEITO E NEM TÃO ELEMENTAR NUMA VISÃO SEMIÓTICA

A obra escolhida, o Cão dos Baskervilles, traz logo no título uma atmosfera de curiosidade e terror, por isso chamou a atenção dos alunos. Fato este que era condicionante para a escolha de um caso: Doyle (ou Holmes) escolhia os casos intrigantes, e não os comuns, mas os que exigissem muito de astúcia e perspicácia.

A própria palavra “cão” seduz por um aspecto até paranormal, por analogias a imagens demoníacas, escuridão, mistério, castigo e morte.

O enredo evidencia essa leitura primeira, uma vez que surge a partir de uma maldição familiar, de uma expiação por pecados do passado, enfim, de uma lenda que se torna real, devido à morte misteriosa de membros de família relacionada a essa lenda local na figura de cão dos infernos e assassino. Daí surge a trama, após a visita de um médico do vilarejo dos Baskervilles em busca dos serviços do herói, fama alcançada premeditadamente pelos escritos de Dr. Watson. Além disso, um fato interessante é a focalização em Dr. Watson que ganha dimensão de protagonista, uma vez que Sherlock aparentemente cede seu lugar para o amigo, a fim de que este lhe mande informações, mesmo que ele desconheça as intenções dessa “aparente” ausência do herói.

¹⁹ Dr. Gregory House (Hugh Laurie) é um médico especialista em desvendar casos que desafiam a Medicina. Os diagnósticos de House são tão afiados quanto sua língua ferina. O comportamento do médico beira o antissocial, a ponto de despertar a ira na equipe. Mas o brilhantismo dele o preserva no hospital como peça fundamental no tratamento dos pacientes. Mas o que explica tanto mau humor? House sofre de dores constantes na perna e o problema já o deixou viciado em analgésicos. Inclusive, a ponto de levá-lo a um tratamento psiquiátrico. Embora seja temido pelos pacientes, ele é adorado pelo público. Não é à toa que House foi a série de drama mais assistida no mundo em 2008 e 2009. <http://universal.globo.com/series/house/sobre.html>

Aos poucos as personagens são apresentadas e as suspeitas surgem, emaranhando-se a outras tramas e relações – como o do mordomo e sua família e tantas outras –, no entanto, logo muitas suspeitas se dissipam e recaem sobre outros. Tudo emaranhado de possibilidades, em que toda pista é importante.

Em meio a isso, sons atravessam a noite dando caráter de mistério, relações são omitidas, enfatizando o suspense e o envolvimento, além de bilhetes de recortes de jornais e sinais de velas nas janelas do casarão da família amaldiçoada, este sendo obscuro, cercado por um pântano que torna o ambiente mais pesado para os leitores.

Esses são elementos que são capazes de instigar o estudante à participação, a assumir a vontade de ler, de ter a leitura como suportes presentes e futuros. E adentrar os aspectos semióticos ajuda a compreensão das fórmulas do gênero narrativo, dentro dele o romance policial de enigma.

Toda a narrativa trabalha com o esquema narrativo canônico: a manipulação, a competência, a performance e a sanção, conforme enfocados por Barros (1988) e Fiorin & Platão (1995), nascidos da semiótica de Greimas, tornando importante evidenciar.

Brevemente, adentramo-nos os aspectos da semiótica discursiva observáveis nos quadros abaixo, tendo respaldo no modelo greimasiano:

Quadro 3 – Esquema narrativo canônico de Greimas

Esquema narrativo canônico			
Manipulação	Competência	Performance	Sanção
Um personagem induz outro fazer algo. Precisa de: Querer ou dever	O sujeito do fazer adquire um saber e um poder	O sujeito do fazer executa sua ação.	Sujeito do fazer recebe castigo ou recompensa.

Fonte: Fiorin (1995, p.57)

Esse esquema narrativo canônico confere esses aspectos na narrativa, e que o sujeito do *fazer* é mobilizado a executar uma ação, o *querer ou dever*, tendo em vista um resultado, a sanção; e para isso é necessária certa ação, motivada por *poder* e *saber* para, assim, obter sucesso.

Barros (1988), ainda, abrange, dizendo haver três percursos narrativos: o do sujeito, contido na dimensão da competência e performance; o do destinador – manipulador ou percurso da manipulação; e o do destinador – julgador ou percurso da sanção. Em síntese, essa manipulação se estabelece pelos valores que encerra, persuadindo os sujeitos a tomar parte, para que se cumpra um jogo, um contrato a fim

de dar sucesso à narrativa. Se o sujeito não se importa, não age, não aciona competências e performance, a narrativa não se efetua. No caso do romance policial, Holmes é provocado por alguém igual competente, um gênio, envolvido num caso complexo, e possui competência cognitiva para resolvê-la, cogita ações, aciona raciocínios, e, assim, engendra os vários *sujeitos actantes*, conforme a autora enumera: do querer, do saber, competente e realizador.

Sujeitos do fazer, na narrativa, podem ser exemplificados como o detetive e seu ajudante, compelidos a desvendar um crime; a manipulação se faz por alguém ligado à vítima, ou mesmo a potencial próxima vítima, como o Sir Henry Baskerville. A força desta manipulação reside no fato de ser um desafio, dentro do parâmetro provocação e tentação, especificamente, que instiga e intriga o gênio de Sherlock, respectivamente, pelos traços de genialidade do seu rival (o vilão):

Há quatro grandes tipos de figuras de manipulação, a *provocação*, a *sedução*, a *tentação* e a *intimidação* [...] o querer-fazer caracteriza a sedução e a tentação, o dever-fazer, a provocação e intimidação. Os diferentes tipos de manipulação manifestam-se, em geral, combinados e confundidos em estruturas de manipulação complexas, que se explicam pela organização e encadeamentos dos programas no percurso do destinador-manipulador. (BARROS, 1988, p.38)

Ainda observando os percursos narrativos, a sua competência são os atributos que reúne para essa resolução, e os usos destes, a ação em si, seriam a própria performance, como uso da inteligência, da agilidade, do saber sobre determinados conhecimentos restritos ao mundo do crime, e, por último, dar-se-ia a sanção, a qual seria a punição do mal e elevação do bem na figura do herói.

E estes aspectos darão suporte à fomentação da percepção destas fases na narrativa, responsáveis pela vivacidade da história, na fixação (frame) do gênero policial de enigma, efetivado paulatinamente no momento da leitura e nos seus vazios, a serem preenchidos pelo leitor e pelas suas necessidades de completudes.

No caso, o romance policial é caracterizado como um romance de sanção por ter caráter de se fixar na caça e na punição do criminoso, mas também na valoração dos aspectos de competência e performance do mocinho e do vilão, nesse jogo de pistas, em que qualquer um pode ser o culpado, e as aparências, muitas vezes, enganam. O vilão, outro sujeito do fazer, desafia o herói, é manipulador de si mesmo a exercer, a cumprir seu papel de criminoso, instigado por interesses. Porém, esse crime de que trata romance trabalhado tem nuances inéditas, povoado por lendas, e são usadas por ele no intuito de afastar quem o ameaça, no caso, o mocinho. Este o

admira, sente-se instigado, seduzido pelo que representa, e, ao mesmo tempo, desafiado a enfrentar alguém muito engenhoso. Para isso, antecipa-se e motiva o criminoso a buscar surpreendê-lo também. Num jogo de esconde-e-mostra, chegando a surpreender pelas relações abordadas a serem reveladas quase no fim. Quase no fim porque parece existir um maior objetivo que se dará posteriormente, isto é, preparar a armadilha para pegá-lo, tecer a rede, colher provas definitivas, que comprove os indícios. Não se trata de apenas saber a identidade do criminoso, mas puni-lo. Além deste, outro aspecto se revela preponderante, um fator paralelo mostra-se muito pertinente, a identidade do cão: se existia, era paranormal, era manipulado, residindo aí a grande genialidade do idealizador criminoso.

Enfim, na obra trabalhada se envereda por esses percursos narrativos. A competência de cada um deles no desempenho de suas funções, seja na de herói, que destrincha as pistas mais insignificantes a olhos desavisados; na de vilão, que dá continuidade e fluxo à história, pois tenta despistar e afastar o detetive, motivados por interesses escondidos no passado e pelo poder, e geralmente travestido de inofensivo e bem-intencionado, por isso mentiroso (parece, mas não é); e, por fim, a sanção, que se realiza considerando os *aspectos interpretativos, cognitivos e pragmáticos*, em que se realiza a punição ao criminoso e que leva às glórias o mocinho, estando aqui a catarse da purificação, da justiça, enfatizando o dito popular “o crime não compensa”.

Todos os percursos da narrativa, nascidos na manipulação e desembocados na sanção, efetivam-se nos valores estabelecidos nesse jogo, em que os destinatários comungam, colocando-se, claro, cada um nos seus papéis dentro da narrativa: mocinhos e vilão. Segundo explica Barros (1988), o reconhecimento do herói e a revelação do vilão, conforme esses mesmos valores, figuram-se na dimensão *cognitiva da sanção*, e a retribuição na dimensão *pragmática*, dando-se daí a recompensa e a punição, respectivamente. Elementos estes extremamente imbricados, pois o reconhecimento, o aspecto cognitivo, só se efetiva, e se prolonga no aspecto pragmático: no caso, Holmes e seu parceiro se confirmam e são reconhecidos como detetives, e o primeiro como gênio e possuidor de ganhos materiais e do renome, já com Stapleton se dá o desmascaramento e a punição, ou seja, é perseguido pela lei, sem credibilidade social, e sem qualquer sucesso na empreitada inicial, sendo, por fim, afogado no atoleiro, dando-se, então, a supressão da ameaça e restaurando a paz.

Esses valores também são compactuados pelo leitor, que espera um final semelhante, embora por vezes não atendido na totalidade, conforme se observa nas visões subjetivas nos diários de leitura. E analisar o romance sob o enfoque da semiótica nos dá um norte sobre a construção do leitor diante desses percursos narrativos e seus preenchimentos, dentro da dimensão dos valores que também comunga, ou não, visto que os preenchimentos se dão dentro da dimensão subjetiva e da experiência de leitura (numa acepção mais ampla)²⁰ que ele tenha. Cabendo-lhe a reflexividade, a completude do dito e do não dito, a serem demonstrados nas análises dos diários, em momento posterior.

²⁰ Verifica-se essa leitura concernente aos aspectos extratextuais, e até nos outros suportes em que apareça enredo ou personagens semelhantes.

4 A LEITURA DO ROMANCE POLICIAL EM SALA DE AULA E O DIÁRIO DE LEITURA EM AÇÃO – FORMA-SE UMA DUPLA

Ambos, a leitura do romance – que tenha respaldo nas vivências dos alunos, pela forma do enredo mais rápido, próximo da ação, sendo esses elementos corriqueiros nas suas relações com a ficção, mesmo que não seja totalmente livresca – e o diário de leitura – que pode dar um ritmo mais desacelerado às percepções, e um maior tempo para análises – podem conjuntamente, ser eficazes e sanar os problemas relativos à formação do letramento literário e à prática leitora.

Dessa forma, elucidar teoricamente seu uso e, assim, defender sua escolha nas práticas de sala de aula são objetivos pretendidos ao alcance nesta intervenção.

4.1 A INTERAÇÃO NO ATO DE LEITURA: TEXTO, AUTOR E LEITOR – COMPREENDENDO CADA FIO DA TRAMA

A leitura literária em sala de aula tem sido tentativa de muitos educadores, no entanto, essa necessidade parece ter ficado restrita ao discurso, pois, muitas vezes, desconsideram-se as estratégias de leitura que vinculem encantamento e motivação na maioria dos casos. Existe um maior enfoque nesse aspecto estratégico no Fundamental I e, no Fundamental II, essas ações são negligenciadas, talvez por fatores externos, como atendimento a grande número de estudantes, carga horária intensiva por parte do professor. Essa lacuna é demonstrada em pesquisas e revelada em dados relativos ao sucesso educacional dos estudantes pelo Brasil afora. No entanto, fomentam-se ações como aquisição de livros, e enchem-se os discursos de cada dia, mas ainda não se criam espaços contundentes para a leitura durante a aula, quando muitos desses alunos não têm acesso à vivência da leitura em si nos seus cotidianos sociais. Trabalhar o romance policial e, na sala de aula, enfatizá-lo, pretende ser uma quebra inicial do paradigma, uma vez que o gênero se concebe como de entretenimento, estando longe do contexto educacional. Todavia, a realidade é que nem ele tem sido efetivado em outros contextos sociais, conforme se observa em relatos de alunos em referência ao seu próprio âmbito familiar e pessoal, dispostos no questionário. A principal quebra, então, seria se valer de uma literatura de entretenimento, embora muito excluída pela escola, por estar muito presa aos modelos mais canônicos, os quais, no entanto, sofrem rejeição por parte dos alunos

na maioria das vezes. Para tal, estrategicamente utilizar ações que mobilizem a sua reflexão e construção leitora pode ser o passo inicial, além de que pode propiciar que escola crie ambientes, ainda inexistentes, de aulas puramente de leitura e compartilhamentos.

Ter clareza sobre a concepção do que seja o leitor em meio à relação texto/autor/contexto e o uso de estratégias que motivem outras como a escrita do diário, numa atmosfera criada e construída para o envolvimento, são as pretensões deste trabalho. Isso porque a concepção que se abraça sobre a *Teoria da leitura*²¹ se firmará nas abordagens *conciliadora*, percebendo que cada uma das demais (seja a centrada no texto ou no leitor) não pode ser vista por um só ângulo, mas como um caleidoscópio que considera ambos como elementos de universo comunicativo, permeado pela comunidade. Enfim, a leitura que considera a interação, e que, leitor e autor dão suas interpretações do mesmo texto por meio de um diálogo, construído pelo social em que se inserem. Segundo Leffa (1999, p.34, Apud COSSON, 2014, p. 40) “A leitura não é um ato solitário, mas coletivo, exercido dentro de uma comunidade que tem regras e convenções [...] o leitor não lê apenas muito ou pouco; lê algo com alguém e para alguém. ”

O aluno com o qual se trabalha no cotidiano é um leitor do mundo que conhece o universo dessa mesma literatura, porém, em jogos, em séries televisivas, e muitos até nem desconfiam de onde estes jogos e séries bebem, fundamentam-se para se ter sucesso de público. No entanto, a figura do livro, mesmo estando atrelada a novos formatos e suportes, até tecnológicos, não se concretiza nas vidas sociais desses alunos que serão foco desta pesquisa.

Mais radicalmente as obras literárias escritas continuam a ser lidas pelos jovens, mas com propósitos bem distintos [...] Esse jogadores de RPG conhecem a fundo essas obras [...] tal conhecimento, entretanto, é instrumental, não vem do prazer de ler, da identificação com personagens ou situações narradas, do reconhecimento de seu valor estético e cultural ou qualquer outra [...] Para os jogadores de RPG, o texto literário, clássico ou não, serve apenas como um manual ou catálogo para compor uma personagem, um cenário e uma ação. (COSSON, 2014, p. 22)

A fala do autor complementa o perceptível em sala de aula, os estudantes reconhecem personagens e fatos, no entanto, as associações se dão de maneira

²¹ Cosson (2014) enfatiza as diversas concepções de leitura, e estabelece a sua firmada em um diálogo, portanto, em Bakhtin, em Vilém Flússér (conversa fiada e conversa autêntica) e em The New London Group a respeito do multiletramento – multiplicidade dos meios de comunicação e expressão oferecidos pela tecnologia.

superficial e restrita ao meio ou suporte por eles conhecido. O que não é uma lacuna que nasça deles, mas da falta de ações que priorizem a leitura mais ampla e as percepções intertextuais residentes nesses novos suportes, de modo que, como leitor, tenha em si o caráter da reflexividade constante, e não de alguém que simplesmente consuma o produto passivamente, sem uma criticidade construída.

Assim, para levar o romance policial para sala de aula, é preciso esclarecer que se pretende o despertar desse prazer literário e nisso deve se centrar, os outros recursos metodológicos presentes nas sequências didáticas devem tão-só funcionar como motivação à leitura a fim de promover essa aproximação com a leitura literária, e não devem se encerrar em si mesmas. Ter em vista esse foco, ou seja, o próprio letramento literário desse leitor principiante quer alcançar a reflexividade e a criticidade, uma vez que o leitor é elemento crucial da efetivação do fazer do textual.

Ler, em todo caso, leva em conta aspectos cognitivos e emocionais, que nos torna mais humanos, pois nos conferem maior autonomia humana e imaginativa. Assim, apenas o mundo da imagem fabricada limita os cérebros e as percepções. O *estar pronto* nos retira a capacidade formularmos nossas próprias imagens, únicas e pessoais que construímos de um personagem, ao lermos suas aventuras, por exemplo. Imagens essas sugeridas pelo autor e (re) construídas por nosso universo imaginativo e subjetivo.

O uso dessa literatura em sala de aula deve considerar aspectos do letramento literário, bem como levar em consideração trabalhos mais orientados acerca da formação desse leitor iniciante, dos modos em que se dá essa leitura, no seu propósito, no trabalho com a relação aos elementos *autor/texto/leitor/contexto* e os *objetos: texto, contexto e intertexto*, conforme Cosson (2014) enumera e explana. Isto configura formas diferentes de enxergar o mesmo texto quando se estabelecem determinados pontos de vista no ato de leitura, uma vez que ler pressupõe essas múltiplas possibilidades.

No entanto, o que se verifica, no cotidiano, são aulas de leitura mais espontâneas e, quando há intervenção, não se observa que *modo de leitura*²² o aluno escolheu, levando o professor a rejeitá-las ou descartá-las. Muitas vezes, pelos

²² Cosson destaca os modos de leitura perguntando “o que lemos quando lemos um texto literário?” Estabelecendo as relações entre os objetos (contexto, texto e intertexto) e elementos (autor, leitor, texto, contexto) quando se lê, ou seja, os modos seriam o contexto-autor, contexto-leitor, contexto-texto, contexto-contexto; texto-autor, texto-leitor, texto-texto, texto-contexto, e assim sucessivamente. No caso do romance policial texto-leitor: encontro entre obra e leitor. (COSSON, 2014, p.72-76)

desconhecimentos desses aspectos. Assim, a escola deve promover o letramento literário e não deve se esquivar das aulas de leitura, estabelecendo as estratégias para isso e não apenas permitir ser um momento em que o aluno, de modo espontâneo, leia algo, sem aprofundamento, como um passatempo para o cansaço, e sem o planejamento adequado. É necessário monitorar essa leitura, e ensiná-lo a aprender a ler, pensando e repensando o seu processo de leitura, embora não se perceba em primeira instância. E, nessa linha de pensamento, justifica-se e se abrem alas para a atuação do diário de leituras.

Na leitura literária aqui defendida, será observado o próprio ato de ler, os diferentes preenchimentos dos vazios, que serão muitos, e cada interrogação a que o romance policial por natureza deva remeter e sugerir, até mesmo as lacunas que o leitor enxergar, porém, procurando sempre orientar, nortear e intermediar esses olhares.

Na fala do personagem, do detetive em que afirma “As pessoas observam, mas não veem”, deve-se almejar um leitor habilitado, um leitor competente, perspicaz, observador dos detalhes que ninguém observa, mas que se direciona pelas pistas; assim como, pretende-se o mesmo na postura do professor, que deve se colocar como um detetive, quando se propõe a executar o seu trabalho, tendo em vista as dificuldades, os chamados enigmas cotidianos que devemos elucidar, e buscar fomentar aos alunos essa mesma capacidade leitora, obtida pelo letramento literário, apaixonante, desafiador e ativo.

Em seu livro didático, Josee Dupuy causou polêmica, na França, ao defender o uso desse gênero na escola, e que resultou na adoção, em 1974, do uso do gênero policial nos currículos escolares franceses, contrariando a postura de puristas e elitistas, que consideram o distanciamento estético como condição de uma arte maior, e emancipadora do ser. Porém, distanciamento é distanciamento, e não é isso a que este trabalho se propõe. O uso do gênero policial na sala de aula prontamente se justifica pela proximidade com o aluno, pela capacidade de reconhecimento, de identidade, seja pela aventura, pelo desafio, pela linguagem facilitadora.

Por isso o uso de estratégias, referenciadas nas sequências didáticas, anteriormente acopladas à leitura literária que podem condicionar e até se tornar tão interessante quanto uma maratona de séries em fins de semana.

Cabendo, assim, à escola se reinventar na sua tarefa de promover as leituras, especificamente no letramento literário, visto que o mundo se transforma a olhos

vistos, em muitos aspectos positivos e negativos também. Pois se prima por um divertimento individualizado na frieza solitária dos jogos virtuais, e outros, desumanizando e isolando as pessoas. Trazer o apaixonante e viciante deles ao universo literário é estabelecer diálogos intertextuais diversos e ricos, longe do crivo esnobe elitista e acadêmico, mas próprio de quem considera a interação.

Cosson, no seu “Círculo de leitura e letramento literário”, considera

[...] o texto a ser lido precisa ser motivador do leitor e essa motivação passa necessariamente pela sua história de vida, a sua trajetória de leitor. Na escola, a indicação de textos literários, por exemplo, tem apresentado dilemas aparentemente intransponíveis porque ignora esse aspecto. Por um lado, não se distingue o valor literário do processo de formação do leitor, deixando de reconhecer que “uma obra para atender as necessidades de formação de leitores num dado contexto e ser julgada como banal do ponto de vista da história da literatura” (Ceccantini, 2005, p.48, apud COSSON, 2014, p. 47)

Cosson (2014, p.76) faz, ainda, referência ao modo de ler ao qual chama a relação “texto-leitor” em que exemplificam os *best sellers*, ressaltando que, apesar de ser esta uma literatura de entretenimento, tida como superficial, não deixa de ser um texto de configuração de mundo, e o ler é o desvelamento desse mundo, estabelecendo um encontro na leitura, e que pode ser feito, sim, um mergulho profundo na mensagem da obra, muito além da superfície das palavras, caso seja bem mediada pelo professor.

Dessa forma, tudo depende do direcionamento que pode ser dado ao uso da narrativa policial em sala de aula, bem como de outras obras da literatura de massa. Ainda respaldado pelo fato de que o tempo tem direcionado os valores da obra de acordo com as relações que se estabelecem e se renovam na sociedade, conforme aconteceu com os romances populares de folhetins do Romantismo mundial, já mencionado anteriormente.

Retomando a ideia também da construção de espaços para aulas de leitura e compartilhamento no contexto escolar, não apenas o espaço físico, mas o espaço dentro das mentalidades que erroneamente assimilam a ideia que aula de leitura não é aula, que o momento dos encontros com o livro não deve ocupar 50 minutos de um dia de trabalho, pois atrasaria conteúdos para provas e testes, como também o próprio currículo traçado. Daí termos alunos no Ensino Médio que recusam a leitura por não ter-lhes sido instigado o gosto e, assim, tornando as aulas uma queda de braço com

o professor de literatura, que mais uma vez indica um livro que será lido em casa, e cujo resumo será retirado nas pesquisas no Google.

4.2 O DIÁRIO DE LEITURA: LEVANTANDO EVIDÊNCIAS

Ao apresentar as concepções teóricas que sustentam a utilização do diário de leitura com objetivo didático, Machado (1998) tece considerações importantes a respeito da *ação comunicativa* de Habermas e o próprio conceito de gênero. A ação comunicativa, por introduzir o sujeito reflexivo, interage com o mundo e com o social, de modo interpessoal, bem como consigo mesmo no reconhecimento de suas subjetividades. Quanto aos gêneros, enfatiza os ditames gerais dos tipos relativamente estáveis de enunciados, com fim social, havendo uns mais propícios a modificações e outros mais padronizados, enxergando nas práticas diaristas o primeiro caso, daí tece considerações sobre as diferentes aplicações do diarismo, seja nos estudos literários – relativos a apontamentos de escritores –, nos estudos sociológicos, o diarismo das Ciências sociais – nos estudos etnográficos, ou educacionais, como instrumentos de pesquisa e de ensino e aprendizagem. Nesse último se centra a pesquisa em que o diário abrange tanto os aspectos metodológicos como se constitui o próprio corpus deste trabalho.

Considera que a prática diarista abrange muitos campos, porém, contém alguns traços em comum, a serem corroborados no percurso deste capítulo.

O diário de leitura é considerado subtipo do gênero diário íntimo, trazido da esfera do privado à esfera do público, e no domínio educacional, permite viabilidade, posto que traz em si elementos fortalecedores do letramento literário e auxiliar da leitura mais atuante, pois permite o posicionamento do leitor enquanto sujeito. Isto porque pressupõe certa liberdade de quem o escreve,

Não havendo, normalmente, um destinatário empírico, o produtor é mais livre do que nas situações institucionais, pois as representações que ele faz dos destinatários não são predeterminadas pela situação de comunicação imediata. Começa, assim, a vislumbrar aqui o sentido de “liberdade”, geralmente atribuído à produção diarista. (MACHADO, 1998, p.24)

A ausência do destinatário fundamenta essa liberdade no ato de escrita diarista, criando, conforme a Machado, duas posições do destinatário diante de quem escreve: a de quase total esquecimento ou a acentuação de sua presença imaginária. Essa presença imaginária pode se configurar numa representação ideal, confidente ou

destinatário empírico ausente. Em outras palavras, não existe um julgador para a escrita, um avaliador que atribui valor de certo ou errado, que corrige ou classifica, se este interlocutor, destinatário, está lá não é com esse proceder. Legeune (1993a, p.69, apud MACHADO, 1998, p. 25) “O diário está no lugar da carta, e a carta no lugar da conversação. Aos outros, falamos; quando eles não estão mais lá, escrevemos a eles: quando não se tem mais a quem escrever, escreve-se a si mesmo, e é isso o diário”.

Dessa maneira, uma escrita mais livre, que parta da leitura e com ela estabeleça as conexões comunicativas, favorece os discursos da sinceridade, da honestidade, ou mesmo da dúvida, dos questionamentos, estes últimos tão renegados quando se dão dentro do universo escolar. A voz do aluno, muitas vezes, é adequada ao que o professor espera, submetida ao seu julgo, conforme um padrão que não enxerga aspectos do direito do dizer com base nas construções de suas subjetividades e suas experiências, pois nem sempre o professor está aberto a considerá-las numa maior dimensão. Por isso, como enfatiza Barthes (apud Machado, 1998), “o diário não chega a ser um texto, mas sim uma espécie de fala escrita”, e nesse trabalho os diários de leitura representam as possibilidades que aproximam o leitor da mesma literatura, do texto, por possibilitar mobilidade, flexibilidade, individualidade e liberdade. E que pressupõe, por assim dizer, não apenas um *interlocutor empírico ausente* (o segundo), mas um *superdestinatário* (o terceiro), em quem residem os posicionamentos tidos como verdade, cuja responsividade é exata e pressuposta.

Por isso, por não se situar na esfera pública, considerando que não é uma escrita institucionalizada e não havendo destinatário empírico, sendo, portanto, uma escrita livre, constitui-se por certos aspectos: sem reorganizações ou acabamentos de escrita, que atendam ao modo convencional, trazendo daí o aspecto fragmentário, descontínuo, com rupturas sintáticas, ausências de mecanismos de coesão, por trazer também a dimensão psicológica e o diálogo interior, dentre outros; e, conforme Paulillo (1994, apud Machado, 1998, p.28), com direito à dúvida, que não é escamoteada, como nos discursos que emergem na esfera pública.

Outro aspecto a considerar nos diários de leitura é seu caráter responsivo. Ele, o diário, constitui-se um instrumento dessa responsividade, dessa resposta que o aluno dá em contato com o texto literário. Resposta que desponta na sua compreensão acerca do texto, proporcionando uma *compreensão responsiva ativa que*, segundo Bakhtin (1997, p.291), é “a fase inicial e preparatória para uma resposta

(seja qual for a forma de sua realização)”, e que exige do leitor um posicionamento, o qual pode ser de adesão, de refutação, de concordância, de discordância, de complementação, de crítica, de reflexão, assim por diante. Típico da interação pela linguagem, do dialogismo bakhtiniano:

A obra, assim como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc. (Bakhtin, 1997, p.298)

Esse círculo interativo entre o texto do autor, a responsividade do aluno na sua escrita diarista para outro, quer seja o *destinatário empírico ausente*, ou mesmo o *superdestinatário*, também considera um diálogo que se volta para si mesmo enquanto leitor, pois, conforme afirma Jouve (2013, p.53), “[...] cada um projeta um pouco de si na leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também de retornar-se a si”. Tal parâmetro vem acrescer o caráter da subjetividade e dos aspectos experienciais também como inerentes e atuantes nessa responsividade.

Este misto de interações e vozes também condiz com um misto de sequências textuais, que Bronckart, no prefácio do livro de Machado (1998), destaca: “Enfim, este estudo fornece, pela primeira vez, as bases de uma descrição detalhada do gênero diário de leituras, como uma entidade que reúne propriedades dos gêneros diário íntimo, de resumo, comentário de texto”. Porém, adentrar nesses aspectos mais profundamente não é o intuito desta pesquisa, cabendo-lhe aqui apenas mencioná-los a cargo de estudo e para percepção destes na escrita dos alunos com base na leitura.

Percebendo as descrições do diário, evidenciadas anteriormente, que mais se detiveram na investigação dos aspectos da escrita diarista e suas razões e nuances, torna-se imperativo enveredar pelos caminhos que evidenciam e se centram nos processos de leitura, concretizados nessa escrita, a ser matéria primeira deste trabalho. Pois é interessante ressaltar o objetivo deste que se constitui de ações que fomentem o letramento literário de modo efetivo e construtivo dentro da escola. E retomando o fio do raciocínio, o roteiro desta pesquisa é primeiramente ensejar pelo encantamento, o qual perpassa por uma literatura atraente, vinculada aos elementos já conhecidos previamente pelos alunos, pelas práticas motivadoras desta leitura, e, enfim, seu desemboque no diário, pela sua potencialidade na captação das

percepções destas ações primeiras, por suas características já pressupostas nas descrições de Machado e outros pesquisadores, como liberdade de escrita, possibilidade de reflexividade, diálogo com o texto, dentre outros. Porém, dando um direcionamento para que se investiguem os caminhos de construção deste letramento e o assumir de uma posição responsiva, e como esta se dá, diante do texto literário, que já pressupõe uma gama de subjetividades em si.

4.2.1 O leitor e a leitura subjetiva nos diários de leitura

Enfatiza Eco (1994, p. 56): “Em toda obra de ficção, o texto emite sinais de suspense, quase como se o discurso se tornasse mais lento ou até parasse, e como se o escritor estivesse sugerindo; ‘Agora tente você continuar...’”. É, pois, essa deixa de Eco que nos consente as possibilidades do enxergar desse leitor como aquele que preenche os vazios da história.

O texto é entremeado de espaços brancos, e de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previu que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões antes de tudo, porque, um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduz; [...] em segundo lugar porque à medida que passa da função didática para estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado como uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. (ECO, 1979, p.37)

Na narrativa específica deste trabalho, *O cão dos Baskervilles*, as perguntas, as provas, os indícios, as interrogações ao longo do enredo estabelecem essas suspensões, esse chamado ao leitor a também buscar as razões para a trama, as intrigas, as ligações mais explícitas e ilícitas dentre os personagens e suas motivações dentro universo da narrativa. Assim, essas análises são mais bem demonstradas quando se concretizam na escrita dos diários.

Dessa forma, o leitor, por sua vez, num caráter interativo e dialogista com a obra, perfaz todos esses trajetos narrativos, toma parte neles e colabora para preencher as lacunas sugestivamente deixadas pelo autor, bem como também se emergem os próprios vazios que o autor não pôde ou não quis preencher, segundo confirma Eco (1979, p. 36).

‘Não-dito’ significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não-dito que tem de ser atualizado a nível de atualização do conteúdo. E para este propósito um texto, de uma forma mais decisiva do

que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor. (ECO,1979, p. 36).

E, como se percorrem os caminhos da narrativa, não se pode esquivar-se da figura do narrador, aquele que diz ou que deixa as pistas deste dizer, especificamente Dr. Watson, com quem prontamente dialoga o leitor. E como narrador-personagem, de primeira pessoa e memorialista, toma parte na história, compartilha informações. Mas vale considerar que, por ser memorialista, os fatos já aconteceram, foram concluídos, já se sabe seu desfecho, no entanto, há um fingimento do narrador em efetivar esse caráter do não saber, do deixar a fruição se fazer no presente, na ação. Estando o leitor preso nos relatos, quase imperceptível de serem estes fatos passados. O que é acentuado pelas constantes perguntas, no fim do capítulo, um convite a se tomar parte nas investigações, uma permissão para se adentrar a obra de forma presente e atual. O leitor, conforme o mesmo Eco (1979) evidencia, é cooperador nesse jogo e não reflete sobre essas nuances do memorialista ajudante de Sherlock, e o segue, tranquilizado pelo fato de que o fim reserva ações bem-sucedidas, já que se pressupõe que o narrador já as vivenciou e ali está para relatar. É, pois, o *leitor-modelo* que aceita cooperar com o jogo e engendra suas interpretações.

Em contrapartida, esse leitor é visualizado pelo *autor-modelo* que o prevê e até o constrói, segundo Eco (1979, p.39-40), direcionando sua leitura, o que pode evidenciar o construir e o constituir desta forma de contar encarnada pelo narrador-personagem em relação ao leitor. O autor, assim, deixa pistas que devem ser atualizadas pelo leitor e lhe direciona as inferências possíveis.

Todavia, quando se trata de subjetividade na leitura literária, essas direções podem ser questionáveis. Até onde, de fato, funciona essa “liberdade vigiada do leitor”, conforme coloca Eco? Essas pistas sugeridas se evidenciarão, sendo refletidas nos diários de leitura? Serão consideradas as subjetividades construídas? Há permissão para erros e equívocos na leitura? Esses erros podem ser validados dentro duma dimensão participativa e do direito do leitor a serem considerados na escola?

A esse respeito, discorreremos acerca dos estudos das subjetividades na leitura e nos aspectos literários de Rouxel, Langlade e Rezende (2013) et alii, dialogando com Eco, considerando esse leitor empírico, esse leitor real no momento em que se dá o contato com o texto. Mesmo aceitando as regras do jogo literário, proposto pelo autor, o leitor não se divorcia, durante todo tempo, desse leitor real, o que confere ao

texto suas vivências, escolhas e identificações, seja na faixa etária da turma trabalhada, como em qualquer outra.

Jouve²³ (2013) discute que subjetividade sempre será evidenciada na leitura, no entanto, é, muitas vezes, repelida como algo negativo, devido aos desvios possíveis, porém, defende uma que, segundo destaca, todo leitor projeta um pouco de si na leitura, sendo a relação com a obra não apenas o “sair de si, mas retornar a si.”. E ainda considera que este pode ser o diferencial para interesse pela literatura, defende a dimensão subjetiva da leitura, colocando-a como primordial do ensino de literatura.

Sobre a dimensão subjetiva do ler, o autor enfatiza seu caráter *legítimo* e *acidental*, tanto no plano afetivo quanto no intelectual. A subjetividade *necessária ou legítima* está direcionada nos aspectos pessoais de memória, das experiências do leitor que, naturalmente, a leitura alimenta e a ela retorna. O leitor completa a história a partir das relações vivenciais, elabora as imagens a partir de suas experiências, estando no plano afetivo. Ou mesmo esse caráter necessário da subjetividade se dá nas operações que exigem interpretação, no que ele chama de “lugares de incerteza”, nas indeterminações que o texto possui, estando no plano intelectual, e se fundamenta em quatro categorias (a ambiguidade, o branco, o resíduo e a contradição), conforme J. -L. Dufays. Já o caráter *acidental* dessa subjetividade no plano afetivo se refere a uma identificação com um personagem que nem mesmo o autor previu, e no plano intelectual refere-se à compreensão que direciona pela filtragem de acordo com os centros de interesse do leitor.

Os estudos sobre a subjetividade podem dar um impulso e um suporte teórico ao uso dos diários de leitura como um meio material de se fomentar o ensino de literatura, e, assim, o letramento literário, pois se centra na leitura em si e em seus percursos. Considerando, desse modo, um leitor real, o empírico, dotado de suas subjetividades, de saberes experienciais, e os considera na quebra daquelas velhas expectativas, nos preenchimentos desses vazios que, muitas vezes, nem são visualizados pelo autor de antemão, e se também o uso dessas subjetividades conduzem ao erro, este também deve ser considerado, posto que faz parte das

²³ Vincent Jouve é um dos participantes da publicação “Leitura subjetiva e ensino de literatura”, organizado por ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia, com o artigo “A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas”, com tradução de Neide Luzia de Rezende.

construções de um leitor, que se coloca frente ao texto, não como um mero espectador, mas que interage e atua com o mesmo texto, o chamado texto do leitor²⁴.

Toda essa dimensão subjetiva é o que vem caracterizar, segundo Rouxel, a *leitura cursiva*, que, hoje, adentra os programas de ensino, sendo definida como leitura de ritmo rápido que busca perceber o todo do texto, sendo autônoma e pessoal, contrapondo-se à *leitura analítica*, que analisa os detalhes do texto. Daí seu trabalho com diários de leitura ou diários de bordo no contexto escolar, vendo a necessidade do reconstituir das subjetividades, que são, na prática, renegadas no Ensino Fundamental, e se busca regatá-las no Ensino Médio, fazendo-se, pois, uma crítica negativa a isso. Para ela, a noção de pluralidade da leitura literária residiria no uso de ambas, ou seja, da tendência em se analisar a obra a partir da leitura cursiva, e os traços de investimentos pessoais na leitura analítica.

Vale destacar também que estudos que consideram o texto do leitor, o sujeito leitor, centrados na dimensão da *leitura cursiva*, possibilitam e tendem muitos mais às interleituras²⁵ de modo mais contundente que propriamente o intertexto no relacionamento com o texto lido. Segundo Rouxel, isso porque o leitor aciona, ao estabelecer seus posicionamentos nos diários, toda gama de leitura que possui, sem necessariamente estarem sugeridos, nascidos de suas lembranças imaginárias e estéticas. E, pensando nessas interleituras, e não as desconsiderando, mas as estimulando se pretende incentivar o gosto literário de um sujeito leitor que se faz participativo e interativo em primeiro lugar.

Dessa maneira, os diários de leitura são um instrumental de validade, já estudado no âmbito literário nos programas de ensino por alguns lugares do mundo, pois procura captar, materialmente, por meio da escrita – embora nela não se concentre – os vazios que o texto deixa, conforme os direcionamentos de “liberdade vigiada” que Eco menciona, como também, quando este mesmo leitor escapa dessas direções dadas pelo autor-modelo, fazendo-se um leitor real, empírico, que constrói

²⁴ Segundo Annie Rouxel, no artigo “O advento dos leitores reais”, J. Bellemin-Noël apresenta a leitura como uma atividade vampiresca “pela qual um sujeito assimila seu objeto [...] sugando-lhe o sentido”. A esta imagem de absorção, da incorporação do texto pelo leitor responde a imagem recíproca da projeção do mundo do leitor no texto. (p. 200)

²⁵ Criada por Bellemin-Noël, essa noção de interleitura designa uma rede de relações que um leitor estabelece entre o texto e outros textos “mesmo se o texto em questão não fornece explicitamente, textualmente, as indicações manifestas permitindo construir a rede”. O texto significa para o leitor uma significação mais rica, amplificada ou nuançada pelos ecos dos textos lidos anteriormente. (ROUXEL, Annie. Apropriação singular das obras e cultura literária. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013).

significados a partir de suas próprias subjetividades, assim um *sujeito leitor*. E, dessa forma, nessas duas direções teóricas, que não se excluem, mas relatam fatos e nuances da leitura, em determinados e evidenciados momentos do percurso narrativo, abrem-se novos caminhos para a pesquisa relativa ao fomento do letramento literário dentro das escolas. Sobre o diário de bordo, nome semelhante do diário de leituras e sua adoção na pesquisa e uso didático pela escola:

Os diários de bordo realizados pelos alunos revelam a existência de uma relação pessoal com o texto que autoriza a leitura autônoma [...]. Não se trata, no entanto, de renunciar ao estudo da obra na sua dimensão formal e objetiva, mas ao acolher as impressões dos alunos, favorecer neles a descoberta das implicações pessoais na leitura. Trata-se de fazê-los sair de uma postura de exterioridade construída em face a um objetivo escolar para levá-los a compreender que a obra dirige-se a eles. (ROUXEL, 2013, p.206-107).

Vale esclarecer que não é o uso do diário em si que irá construir essa relação do caráter subjetivo e identitário do leitor como algo relevante para a construção do seu letramento literário, mas da característica que este gênero diarista traz em si, uma vez que provém das projeções pessoais e que deste não se dissocia facilmente, reforçando e ressaltando, assim, a figura do leitor no processo de leitura, com função maior: a de completar vazios do texto e a de conferir a este aspectos singulares de suas experiências vivenciais, de suas nuances subjetivas. E fomentar momentos de leitura com essa dimensão pessoal intermediando a leitura pode favorecer avanços diversos no alcance literário destes estudantes, em qualquer instrumento que se construa para tal.

5 FOLHA POR FOLHA: SOB O ENFOQUE DA LUPA

Perceber os aspectos que, de antemão, nortearam a pesquisa e a busca por uma ação interventiva é essencial ao elaborar estratégias que possam amenizar os aspectos negativos detectados.

Conhecer, para saber como atuar, que melhor método usar, como analisar, como fazer teoria se transformar numa prática que se concretize em mudanças e transformações é o que torna grandiosos os trabalhos nessa vertente. E, pois, a pesquisa que retorna ao social, de onde nasceu, em forma de possível solução, com uma razão de ser que enobrece, pois agrega, e faz da interação as vias de possibilidades de solução, tendo em vista que considera cada componente da comunidade como um ator, um sujeito.

5.1 TIPO DA PESQUISA

A pesquisa fundamenta-se na *pesquisa-ação*, a qual tem por premissa retorno ao meio social com fim de sanar um problema recorrente, detectado pelo professor-pesquisador. Problema este baseado na diminuição de retiradas de livros na biblioteca na escola, no depoimento dos alunos que só leem em situações advindas de exigências de professores, além de muitos relatarem em questionário que executam os trabalhos tão só a partir da leitura de resumos da *Internet*, sem de fato terem realizado a leitura proposta. Sendo esta mesma *Internet*, que resume os meios tecnológicos a que os alunos têm acesso constante, o principal recanto de estadia deste aluno, restrito a redes sociais ou jogos, ou mesmo séries de tevê. Estes são mais atraentes, pois carregam aspectos multimodais que conquistam mais adesões a cada dia.

Com vistas nessa realidade, que apenas não se refere ao micro- universo, mas se estende a dimensões maiores da realidade nacional, concebe-se que se faz necessário um intervir de maneira contundente, embora localizada. E, nessa localidade, que se sabe compor de relações mais complexas, de mudanças de posturas advindas das novas nuances sociais, é preciso acionar os agentes presentes no processo educativo específico da pesquisa. Essa concepção de ser um problema coletivo e, portanto, que requer o entrelaçamento dessa coletividade se configura em Thiollent (1985, p.14) quando conceitua a pesquisa-ação como

um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14)

A pesquisa-ação traz a possibilidade de o professor-pesquisador investigar sua própria prática de modo reflexivo e crítico. Seu valor consiste que é uma pesquisa que parte da realidade e se volta para ela com cerne na resolução dos problemas, enxergando todos os envolvidos como atores, como participantes, com vistas na cooperação, na adesão, seria uma forma democrática de se fazer ciência.

Essa flexibilidade deixa o professor-pesquisador na posição de considerar as posições dos outros participantes, e com eles construir o itinerário que poderá conduzir à solução do problema detectado, que é um problema do todo. E isso, é claro, reflete na sua prática e na própria cultura escolar, que passa a ser vista e revista na mesma dimensão reflexiva e crítica, de maneira a dar mais destaque à dimensão democrática e participativa na escola.

5.2 OBJETO E OBJETIVO DA INTERVENÇÃO

O objetivo da pesquisa é analisar os escritos dos alunos nascidos da proposta pedagógica de modo a fomentar a leitura literária ao leitor iniciante, mais apto a aceitar elementos familiares de seu mundo circundante, e cujo contexto vivencial está restrito aos meios que privilegiem imagem e som, porém, separado do livro matéria, e do universo literário. Ao aproximar esses pontos convergentes da produção literária de massa, o *diário de leitura* vem se configurar como o canalizador dessa construção inicial das práticas leitoras. Uma vez que se pretende promover a reflexão, o dialogismo, a interação autor-obra-leitor, e, assim, o desemboque no despertar pela prática leitura literária de modo mais contundente, pois tudo será intermediado por estratégias de motivação e de incentivo às subjetividades.

Em outras palavras, pretende-se, a partir de um gênero que teria maior aceitação nessa faixa etária e cognitiva, o *romance policial clássico, de enigma*, numa dimensão dialogal, interativa, com o *diário de leitura*, favorecer uma escrita reflexiva (embora não se centre em si mesma) que deixe pistas de como essa leitura se deu, suas impressões, opiniões, subjetividades, e dando ênfase, acima de tudo, à construção das ideias. Assim como aos aspectos relacionados à expressão de suas

subjetividades, de suas reflexões, enquanto leitor-interativo, e o caráter de interleitura construída nas vivências e memórias experienciais e estéticas do leitor. E esse foi o objeto de estudo, esses processos de leitura, materializados na escrita dos diários.

Dessa maneira, compreendendo o encontro de dois gêneros como sustentáculos: *narrativa policial* e *diário de leitura* em diálogo, e a formatação e particularidades de cada um segundo sua responsividade no contato com o texto do autor.

O diário pretende atenuar as pressas, buscar deleitar-se na leitura como um processo construtivo, que parte das subjetividades a uma leitura mais produtiva, buscando aprofundar as percepções ao longo da vida.

Não deixando de enfatizar, mais uma vez, o valor de ter-se na *pesquisa-ação* a concepção de se buscar a atenuação do problema que macula o andamento das aprendizagens, uma vez que os alunos com práticas superficiais de leitura não aprimoram sua relação com o mundo ou consigo mesmos, comprometendo a função humanizadora que a literatura nos proporciona. O embrutecimento do ser é negar a sua humanização, a sua catarse, o letramento social que deve ser encarado como direito humano imprescindível nas palavras de Candido (1995).

5.3 ABORDAGEM DE DADOS E DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A abordagem da pesquisa será qualitativa, uma vez que prevê um exame de dados baseados em análises no campo educacional, e esses dados partem da análise das escritas dos alunos com relação ao processo de leitura: se foi válido, se foi enfadonho, enfim, a construção de suas relações com o texto matriz, no caso, o romance policial de Doyle, dotado de evidências, lacunas, revisões, e, assim, permeado por de teores subjetivos, identitários que os alunos devem conferir no diálogo com a leitura.

Como instrumental de pesquisa, foram utilizados questionários com questões abertas, fechadas e mistas, direcionadas aos agentes-participantes, como bibliotecários e alunos, com o fim de uma real detecção do problema e como estes o visualizam. Adentrando aspectos que podem ser condicionantes à atual conjuntura, e dando pistas para possíveis ações preliminares. O uso do questionário, evidenciado no primeiro capítulo deste trabalho, deu concretude e confirmação ao que se observa no cotidiano escolar, e seu uso veio dar mais laudabilidade à pesquisa.

O diário de leitura possui dupla função nessa pesquisa: enquanto instrumento metodológico encerrado em si mesmo; e enquanto corpus, tendo em vista os textos produzidos a partir da interação com a leitura, ou mesmo com as motivações para que se ela se desse, e que são o cerne das sequências didáticas expandidas. Estando, portanto, bastante imbricados um no outro.

Melhor explicando, o *diário de leitura*, concretizado especificamente nos escritos em diálogo com a leitura, justifica-se como filtro da leitura realizada e seus percursos no diálogo *autor/texto/leitor*, e assim se constituirá o próprio corpus, uma vez que trará as impressões de leitura nessa escrita, ou seja, as respostas para questões que nortearam a problemática e deram vazão à ação pedagógica aqui sugerida. E, enquanto instrumental, o diário de leitura está associado às sequências didáticas, sendo ele por si mesmo, e com o qual se pretende como gênero-suporte²⁶, ou mesmo caderno de leitura, trazer as marcas que buscam responder às questões de pesquisa, e verificar a valia de tal procedimento metodológico (diário e sequências didáticas expandidas) de intervenção proposto nos objetivos desta pesquisa.

5.4 CENÁRIO E DETETIVES

A pesquisa se concentrou numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Joaquim José de Medeiros²⁷, localizada na cidade de Cruzeta-RN.

A Escola Estadual “Joaquim José de Medeiros”, cujo nome homenageia o fundador da cidade de Cruzeta, oferece atendimento educacional nos níveis de Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Regular, além do Atendimento Educacional Especializado – AEE, na Sala de Recursos Multifuncionais. Por suas dimensões se enquadra em porte médio, e já foi agraciada com um dos

²⁶ Há necessidade de se aderir à concepção do diário como suporte, uma vez que pode promover as escritas de outros gêneros, como poemas, bem como textos multimodais (desenhos, etc), pois se pretende ser um espaço de citação e liberdade expressiva. Chamá-lo-íamos de caderno diário. “Em primeiro lugar, é preciso considerar que há uma ambiguidade na utilização do termo diário (...) pode se referir a um portador de termo específico, o caderno diário, que ontem um conjunto de texto que se escreve periodicamente, ou cotidianamente, fora das instituições, da vida pública, abrangendo textos das mais variadas formas e conteúdos, que podem se basear em gêneros totalmente diferentes (...) Em segundo lugar, o termo diário pode referir-se a um tipo de texto específico”.(MACHADO, Anna Rachel. O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998; p. 51-52)

²⁷ Houve autorização da escola com relação à referência de seu nome na pesquisa, tendo em vista ser algo muito requisitado a possibilidade de se ter uma pesquisa como esta de modo a significar alguma melhoria no fazer educativo da mesma.

prêmios de Referência Nacional, nos anos 2000 e 2005. Todavia, hoje, como muitas escolas estaduais, tem sofrido quedas provindas de gestões estaduais que, com falta de professores, carências de reformas educacionais, e fortalecimentos de políticas educacionais municipais, enfrenta a perda de alunos para a rede municipal, e luta pela recuperação do seu reconhecimento social de outrora.

Atende Ensino Fundamental, hoje com apenas duas turmas, o Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA (no noturno), matriculados cerca de 325 alunos na sua totalidade, provenientes da zona urbana e rural. É, pois, a única escola de Ensino Médio da cidade.

A turma em que a pesquisa foi efetivada é de 8º ano do Ensino Fundamental II, e contém 22 alunos, sendo heterogênea, com três alunos repetentes, e um dotado de necessidades especiais. Os alunos são provenientes de vários pontos da cidade, desde o centro a zonas periféricas, bem como da zona rural. Seus pais desempenham várias funções desde professores, comerciários, ceramistas, empregada doméstica, dona de casa, mecânicos, autônomos, agricultores, pescadores, ASG, costureira de fábrica.

Foi participante o professor titular da sala, assumindo o papel de pesquisador, com olhar voltado à reflexão e a leituras teóricas que embasarão o trabalho a ser executado em parceria com os demais.

Outros agentes foram os alunos da turma de 8º ano, que se compõe de 22 alunos, na faixa etária entre 12 e 13 anos, e, de maneira geral, demonstravam desinteresse pela leitura. Nas conversas e questionários, percebeu-se que existia uma extrema valorização de bens e consumo em detrimento de quaisquer práticas literárias. E as leituras se davam mais comumente por imposição da escola.

Esses desestímulos e dificuldades que foram detectados na realização de leitura dos alunos, talvez sejam justificados próprio contexto tecnológico que os circunda. Pois este foi o discurso comum que esses aparatos se mostravam mais atrativos, mais interativos que o debruçar sobre um livro, sempre ido como algo enfadonho, desmotivante, imposto pela escola.

Tivemos também, como agentes participantes, o grupo de leitura da escola, Sociedade do Livro – composto por alunos, ex-alunos e professores – também de bibliotecários, supervisão, gestão, assim como de professores de Matemática, Química/Ciências e Língua Inglesa, na perspectiva das abordagens dessas áreas presentes no enredo do romance trabalhado. Isto concebe que a pesquisa-ação não

é uma ação individualizada, mas que aciona os vários sujeitos de uma realidade com o fim de sanar as suas problemáticas. Por essa razão, o comprometimento, o engajamento dos envolvidos no processo se torna crucial, o que evidencia a necessidade de sensibilização dos agentes. Nisso, percebe-se a grande valia desta pesquisa, que tem sustentabilidade não apenas por si mesma, mas se propõe como fomentadora de conhecimentos que retornam para a sociedade, em forma de benefícios. Essa dimensão social lhe dá respaldo positivo, embora pouco alcançado e difundido, de que a ciência pode ser algo comum a todos e do seu uso para resolução de problemas.

5.5 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA E PARA A PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURA: SEGUINDO UMA LINHA CONDUTORA

Visando a uma metodologia que busque os meios de superação da realidade escolar e possa dar respaldo às questões suscitadas neste trabalho, apresenta-se como suporte a *sequência expandida* de Cosson (2014) em prol do letramento literário.

Cosson (2009) propõe duas sequências: a básica e a expandida, enxergando nelas uma proposta para sistematizar as atividades das aulas de literatura, ou seja, com a finalidade de organizar as estratégias para essas aulas, vistas, pois, como exemplares e não modelares.

Por não serem modelares, podem sofrer adaptações de acordo com a direção e as leituras do professor. O autor orienta a básica e a expandida para o Ensino Fundamental e o Médio, respectivamente. Sendo que a básica envolve a motivação, a leitura e interpretação; enquanto a expandida, as dimensões que a escola abarca dentro do ensino da tradição literária, tendo, pois, a motivação, a introdução, a leitura, a primeira interpretação, a contextualização, segunda interpretação, a expansão.

A tomada de posição relativo a essa metodologia que se sustenta nas sequências, mas não veem como método, mas como exemplos, encontra eco na fala de Cosson (2009. p. 48):

Naturalmente, há entre essas duas sequências muitas possibilidades de combinação que se multiplicam de acordo com os interesses, textos e contextos da comunidade de leitores. Além disso, nem a sequência básica

nem a expandida devem ser tomadas como limites do baixo e do alto, aos quais não se pode ultrapassar. (Cosson, 2009. p. 48)

E, mesmo direcionada ao Ensino Fundamental, pretende-se seguir a sequência expandida, todavia, com algumas alterações, pois a básica se restringe apenas à motivação, à leitura e à interpretação. Enquanto a expandida encontra nos diários maior possibilidade de desdobramentos, quando dá tanta ênfase à subjetividade, numa maior reflexão, no conhecimento do gênero policial, na contextualização da obra, bem como no diálogo desta obra com outras linguagens e suportes, e até mesmo com outros aspectos do conhecimento e da vida social. Enfim, a sequência expandida traz uma visão mais completa e complexa, mesmo direcionada a um público de Ensino Fundamental.

Assim, enumeramos como estratégias sistematizadas: 1) a *motivação*, que consiste na montagem do ambiente, dos enigmas, na interação com o enigma em outros suportes, como jogos, na construção de objetos pelos alunos a partir da leitura, que será realizada por ele mesmo aos demais; 2) a *introdução*, quando apresentado autor, obras, características do gênero, e outros, feita também a cada capítulo em que a dupla retoma o capítulo anterior; 3) a *leitura* em si, uma vez que à dupla é dado antecipadamente o capítulo a ser lido na próxima aula, de modo a tomarem conhecimento sobre este e melhor se familiarizarem com aquela leitura para o compartilhamento com os demais, e possa construir seus próprios enigmas e perguntas; 4) a *interpretação*, no próprio acompanhamento da leitura, respeitando a individualidade e a liberdade de leitura do aluno, no seu aspecto subjetivo e de suas experiências de leitura em sentido amplo; 5) a *contextualização*, conforme Cosson (2009, p.86) “o contexto da obra é aquilo que ela traz consigo, que a torna inteligível para mim enquanto leitor”, como a contextualização histórica, por exemplo, na percepção de certas tecnologias como telegrama, carruagem, caneta-tinteiro; a contextualização estilística, na linguagem mais direta e simples, e fidelidade nas informações na construção do enredo, com base na presença de um crime e o raciocínio incomum do detetive; contextualização crítica, no confronto das leituras que o aluno tenha realizado mesmo que no âmbito dos cinemas e das novas tecnologias; contextualização temática e presentificadora, nas discussões sobre as motivações de um crime, por exemplo, e relação com o presente nos diálogos com outros atores da vida social participantes das oficinas (professor de química, inglês, investigador); 6) a *expansão*, por fim, que é o que se almeja pós-leitura, a ser verificada nos próprios

escritos finais dos diários, de valor opinativo e avaliativo e, assim, a possibilidade da efetivação de novas leituras e interações com outras áreas; é, pois, o prolongamento social.

Enfim, embora um pouco diferenciada, a adoção desta se sustenta nas três perspectivas metodológicas de que não se pode escapar: as oficinas, o andaime e o portfólio. Melhor esclarecendo, as oficinas são motivadoras da leitura, adotando a novidade e, ao mesmo tempo, a rotina rotativa de leitura; o andaime, em que o professor sustenta as atividades, de modo que não desconsidere a construção autônoma dos alunos; e o registro que visualiza as transformações e crescimentos, contidos nos escritos.

A adoção das sequências expandidas de Cosson (2009) teve como objetivo geral propor uma ação pedagógica que englobe a motivação para a leitura, dentro do enredo do livro, e para a escrita dos diários de leitura, tendo em vista que estes são facilitadores da exposição dos posicionamentos subjetivos do leitor acerca desta mesma leitura.

A organização destas sequências expandidas, nos objetivos específicos, prima pelos seguintes caminhos: a auto percepção do aluno como leitor, como ingrediente essencial à construção literária, capaz de estabelecer diálogos e interações com o texto; na realização de parcerias e encontros com outras áreas do conhecimento, de maneira a compor o todo informacional, quer-se um leitor capaz de realizar essas conexões com a vida real, tornando a leitura mais eficiente porque mais significativa. E mais que isso que esse leitor encontre na leitura componentes de seus universos imaginativos, trabalhando no sentido de instigá-los mesmo a serem melhor construídos; o leitor deverá perceber as relações desse gênero com outras produções midiáticas em vários suportes, analisando, comparando, apropriando-se de suas diferenças e semelhanças. E, também, referente à instituição, que ela compreenda, através das parcerias, os aspectos inerentes ao uso da literatura de massa ao contexto escolar, partindo da realidade do aluno, de modo a aprimorar seu contato com o ato de ler. Concebendo que gosto pela leitura pode partir do simples ao complexo (ao longo de sua vida), além do que fomente ações para criação de espaços para a leitura dentro das aulas e da escola.

Tempo: 30 aulas – sendo 20 para leitura e escrita dos diários, e 10 para atividades complementares e instigadoras da leitura.

RASTREANDO AS ETAPAS:

Rastro 1 – Parcerias e informantes

Primeira Pegada: Apresentação da pesquisa aos alunos, pais e segmentos da escola envolvidos – supervisão, direção e alguns professores com áreas afins: Matemática, Química, Biologia, Língua Inglesa – e Clube de Leitura Sociedade do Livro – que necessariamente não se darão em um mesmo momento temporal. Aos segmentos da escola se justifica pelo fato de corresponder ao interesse e objetivos dela. Aos pais, porque esse apoio é imprescindível no caráter de incentivo e acompanhamento. Enfatizando que o engajamento dos pais se direciona numa postura de incentivo do aluno, suscitando também motivações.

Segunda pegada: Enigmas a serem decifrados pelos alunos, em duplas, sensibilizando ao mergulho do universo do raciocínio, da imaginação, da curiosidade leitora.

Rastro 2 – Conhecendo as ferramentas de trabalho

Primeira pegada: Apresentação do personagem mais famoso do autor aos alunos – suscitando conhecimentos prévios. Estabelecendo analogias com outras linguagens que conhecem, como o cinema e as séries de tevê. Assim como relativo ao seu autor, e às curiosidades, como monumentos, museus em Londres e no mundo, além do gênero policial.

Segunda pegada - O que é o diário? Nesse momento, falaremos sobre o que é diário, quais os tipos e para que eles servem, seus pontos em comum e as marcas que os diferem, enfatizando o diário de leitura e suas marcas específicas em relação aos comentários presentes na leitura matriz realizada. E como eles devem proceder nos seus registros, enfatizando as leituras que serão retomadas na própria escola, tudo com a visão de que a escola não trabalha esses momentos de deleite literário e partilha.

Terceira pegada: Doação de cadernos que serão os diários de leitura personalizados, os suportes que serão assimilados como um espaço individual de expressão sobre a leitura.

- Vale mencionar que personalizar esse diário não dimensiona somente ao campo visual, mas criar com ele uma empatia, personificando-o de maneira que se configure como um real interlocutor.

Rastro 3 – Mergulhando no universo de Sherlock Holmes

Preparação do ambiente de leitura: sala ambiente 221 B Baker Street, construída com os alunos, cujo objetivo motivacional, tendo em vista que se propõe não só adentrar, mas construir, o universo vivido por Sherlock Holmes.

Criar espaços semanais só para leitura do livro, dentro das aulas de Língua Portuguesa, pode trazer muitos benefícios e instigar ou inspirar o gosto pela leitura literária.

Rastro 4 – Esquentando o raciocínio com casos afins

Primeira pegada: leitura de contos de Conan Doyle, na mesma perspectiva dedutiva-informacional realizada pelo Clube de leitura “Sociedade do livro”, para os alunos, uma prévia que se estabelece numa sensibilização. O integrante do Clube, ao ler o texto, deve ser orientado anteriormente a suscitar nos alunos os espaços para perguntas, interrupções, fomentar as deduções.

Contos escolhidos: A ciclista solitária, Os três estudantes, contidos do livro de contos A volta de Sherlock Holmes.

Segunda pegada: Escrita de diário, sobre o conto lido e a aula;

Rastro 5 – Primeiras pistas, formação dos heróis

Primeira pegada: Apresentação do livro, levantando hipóteses sobre o título O cão dos Baskervilles, e as deduções prévias;

Segunda pegada: Primeiras impressões escritas no diário sobre esse contato inicial e projeções.

Rastro 6 – Escolhendo os parceiros dedutivos

Primeira pegada: Sorteio das duplas de leitores: Sherlock e Watson, que orientarão a leitura, e cada capítulo, semelhante à feita pelo Clube de leitura;

Segunda pegada: A leitura do primeiro capítulo, discussão e construção das eventuais deduções.

Terceira pegada: escrita do diário de leitura²⁸, explorando as percepções, deduções, críticas, enfim, a relação do leitor com a leitura.

²⁸ Vale salientar que essas escritas do diário de leitura foram se dando a cada leitura dos capítulos, não havendo necessidade da redundância, visto que foi por meio deles que se levantaram aspectos da

Detalhes:

- Vale, dizer que o livro foi compartilhado; e distribuídas cópias dos capítulos para cada dupla, visando construir passo a passo os caminhos da leitura, o o deguste desta, inserida num ambiente na escola favorável a isso.
- Cada dupla deve elaborar um enigma sobre o local em que o livro do mistério – a obra trabalhada, assim chamada – deve ser encontrado pela próxima dupla de investigadores (de alunos). Esses enigmas serão mais bem elucidados pelos parceiros, também nas suas aulas.

Ex:

“O Dr Mortimer saiu apressado da mansão do Baskervilles e colocou o livro sobre quadrado de fogo que arde sob controle.

Resposta: Em cima da lareira”

*Os enigmas podem estar claramente escritos com *caneta invisível* também destinado à formulação de hipóteses e conjecturas.

Rastro 7 – Da ficção à vida real

Pegada única: entrevista com investigador policial: conhecendo o gênero inquirido e dificuldades do trabalho, recursos de investigação, bem como curiosidades. Essa atividade tem parceria com o professor de Matemática.

Rastro 8 - Literatura em diálogo com as ciências

Pegada única: visita-aula ao laboratório de ciências da escola, juntamente com o professor de Química, aproximando-os dos conhecimentos científicos abordados no livro. E aula expositiva sobre o elemento fósforo presente na obra.

Rastro 9 – A leitura tem tudo a ver: algo familiar

Dialogando com outros gêneros:

Primeira pegada: ver episódio da série a BBC.

Segunda pegada: jogo: Sherlock Holmes “Crimes & Punishment”, com parceria com professor de língua estrangeira.

Rastro 10 – Uma mensagem para Sherlock

Primeira pegada: em parceria com a professora de Língua Inglesa, conhecer como se escreve uma carta na língua materna do detetive, com dicas de assuntos e regras de postagens (endereços, tratamentos).

Segunda pegada: a dupla escreve uma carta para ser enviada ao Museu Sherlock Holmes em Londres. Enfatizando a curiosidade que o detetive recebe cartas até hoje por pessoas que pensam ser ele real.

Rastro 11 – Percebendo os indícios, rumo ao desfecho

Escrita sobre as impressões gerais da leitura nos diários enfatizando a percepção dos pensamentos, na dimensão dialogal com a obra literária.

5.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISES

O diário de leitura é um instrumental valioso na detecção das subjetividades e em toda uma gama de possibilidade de leitura e interpretação que essa prática envolve. Por essa razão, não deve ser rejeitada nem pela academia nem pelo cotidiano escolar. Isto porque oportuniza a responsividade, a resposta ao texto, e que deve pressupor toda comunicação na prática social, conforme tão bem evidenciou Bakhtin (1997, p.290) na colocação abaixo:

[...]o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar[...] toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz. (BAKHTIN, 1997, p.290)

A fim de exemplificar melhor os caminhos deste trabalho, torna-se necessário dizer o que se combinou com o aluno nesse processo de leitura em sala de aula:

- O diário é uma ponte com a leitura, no entanto, também é um espaço pessoal, em que o leitor-escrevente deve se colocar em relação ao texto lido;
- Não tem crivo de correção gramatical, nem uma preocupação em agradar as ideias do professor acerca da obra;
- Pode-se prever e/ou antecipar acontecimentos, previstos ou não pelos vazios que o texto fornece;
- Comentar outros fatos do enredo positivamente ou negativamente;

- Revelar dúvidas, confusões e dificuldades na leitura;
- Abordar aspectos relativos à sua experiência humana e leitora da maneira mais ampla possível;
- A leitura do diário de leitura pelo professor deve ter o aval do aluno.

Essas instruções foram dadas, tendo em vista que escrever sem nenhuma mediação é tão torturante quanto escrever um tema livre. Em um mundo de modelos, todos requerem uma orientação, um caminho, um modelo, talvez pelo caráter instrumental que tem se configurado a vida ou mesmo pela própria condição de aluno e de escola que se concebe até então. Porém, refere-se a isso apenas no exercício de filosofar analiticamente a respeito, não se querendo adentrar profundamente nesse aspecto.

Dessa maneira, foi necessário verificar de que maneira o aluno leu essas instruções e como extrapolou ou não essas primeiras orientações. Sendo analisadas:

- Resumiu a história;
- Demonstrou marcas de suas subjetividades e experiências;
- Previu fatos, e/ou retomou-os de maneira crítica, preenchendo os vazios já previstos pelo texto ou não;
- Extrapolou a leitura associando a outras leituras (interleituras);
- Relatou dúvidas, ou mesmo houve mal-entendidos na leitura, confessando não entender o texto;
- Envolveu-se com o enredo, criando expectativas na escrita no diário;
- Colocou-se criticamente, mostrando opiniões sobre fatos;
- Aprovou os caminhos das sequências didáticas, o que mais gostou em tudo na leitura;
- Utilizou outras linguagens para registro de suas impressões.

As instruções antecedentes e as hipóteses de respostas nos escritos estão ligadas e previstas, pois toda pergunta ou instrução se baseia numa resposta esperada em maior ou menor nível, podendo-se, assim dizer, no entanto, as possibilidades destas se darem fora do previsto são também consideradas dentro da pesquisa. Quando se dá fora da previsão, levam-se em consideração as possibilidades de nuances únicas, visto que é um texto literário, por pressupor toda gama de efeitos no leitor, também por ser rápido, e realizado por meio de leituras compartilhadas, que se deram num dado intervalo de tempo no momento de aula. O motivo da leitura literária na própria escola objetiva a prática desta leitura como uma

atividade cotidiana, abrangendo-se vários espaços escolares, sejam estes físicos e temporais (no caso a hora-aula), dentro de uma dinâmica própria e diferenciada.

Desse modo, não só conceber a escola como um lugar distanciado, de onde esta leitura literária deva partir, provinda por meio de sugestões e orientações, cabendo-lhe, como instituição, o papel de delegar livros, ditar títulos que serão apresentados posteriormente de modo incompleto e/ou como réplica malfeita de pesquisas na Wikipédia ou resumo de livros da web, sem que de fato ela tenha sido degustada, vivenciada. Este é outro aspecto que o trabalho tornou evidente ao longo da pesquisa e das ações, como a necessidade de evidenciar uma série de mudanças de posturas que essa ação pedagógica pôde expandir, que não tinha sido considerando de modo tão veemente anteriormente. Um prenúncio, um sinal, uma materialização de transformação dentro das dimensões práticas e teóricas da escola, firmadas na expansão de ambientes de leitura, sejam estes físicos ou no espaço temporal da aula, como força capaz de trazer discussões e dar vozes aos atores do processo de aprendizagens, não somente nessa fase escolar, mas também nas fases posteriores, fator este que será melhor explanado nos capítulos vindouros que trazem análises e resultados.

6 FAREJANDO O DIÁRIO: ELUCIDANDO AS PISTAS, FORMULANDO CONJETURAS

Para iniciar as análises dos resultados, faz-se necessário evidenciar alguns aspectos que nortearam e impulsionaram a escrita diarista com base na leitura do livro *O Cão dos Baskervilles*, de Sir Arthur Conan Doyle. Tornando-se, dessa forma, a demonstração mais ilustrada das sequências didáticas e marcando as impressões.

Sendo assim, foram distribuídas essas análises em dois momentos: primeiramente, a das sequências e as impressões suscitadas pelo docente, evidenciando os momentos que antecederam e motivaram a leitura; segundo, a própria escrita diarista, retirando os enxertos dos diários dos alunos e realizando as análises viáveis a fim de atender aos procedimentos escolhidos previamente, assim como observar os possíveis fatos não esperados nessa leitura. Foi escolhida uma amostra de 10 diários, que foram fotografados e transcritos para melhor compreensão.

Primeiro momento

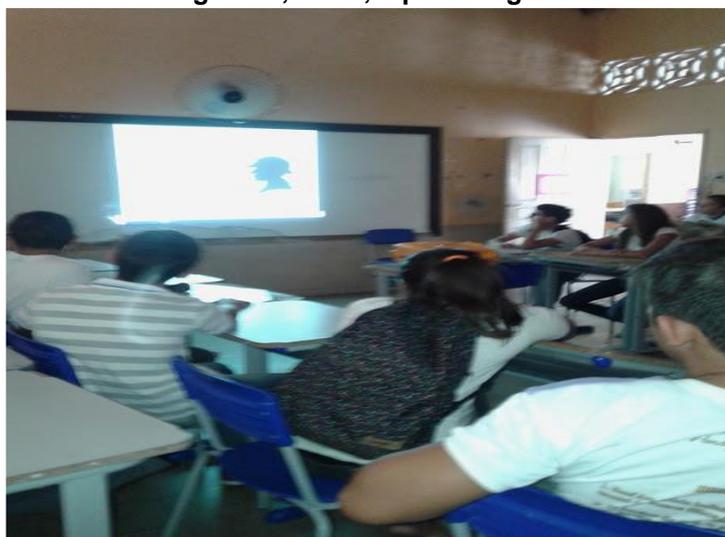
Para começar, foi necessária uma primeira etapa que consistiu na sensibilização dos alunos, no conhecimento sobre a personagem, o autor, o gênero narrativo policial, e próprio conceito de diário de leitura.

➤ *Os preparativos prévios:*

As fotos abaixo demonstram, respectivamente, a sensibilização para o projeto, indo da distribuição de enigmas a serem decifrados por duplas, instigando-lhes o interesse, ao conhecimento mais didático sobre o autor, o gênero policial de enigma e as personagens Sherlock Holmes e seu parceiro Dr. Watson.

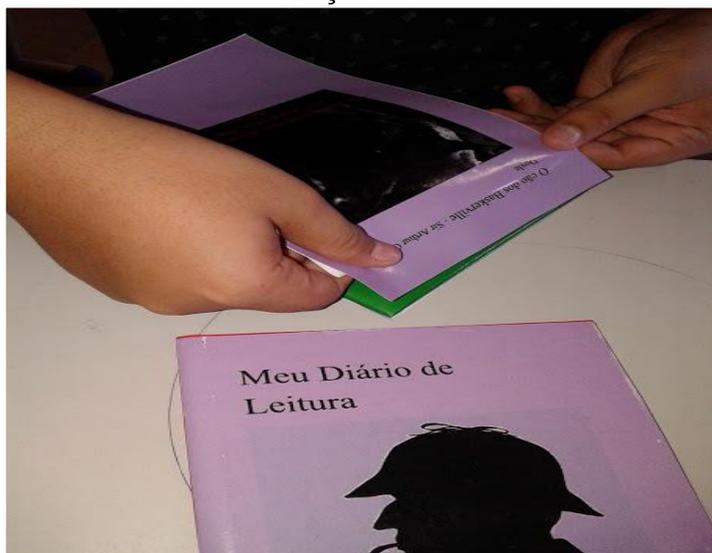
Foto 1 - Alunos decifrando enigmas diversos

Fonte: Arquivo pessoal

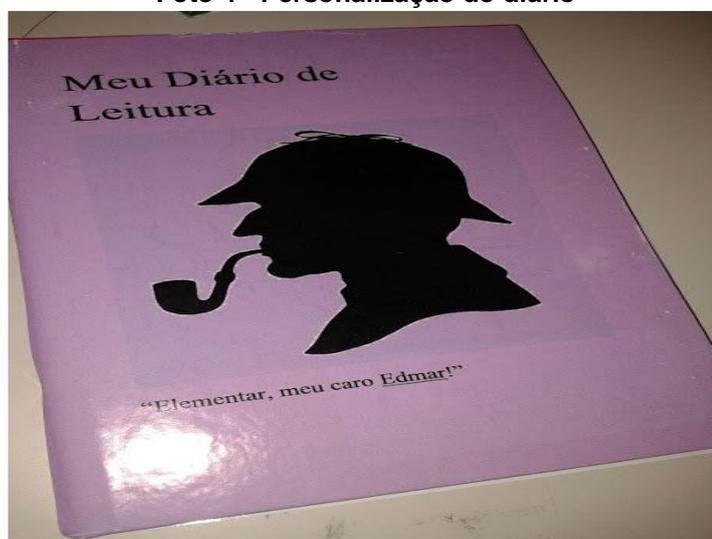
Foto 2 - Aula sobre o gênero, autor, o personagem e suas curiosidades

Fonte: Arquivo pessoal

Posteriormente, conhecer a proposta de escrita de um diário de leitura com base na obra, mas, antes, conceituando-lhe e dando orientações no sentido de não apenas resumir o lido, mas colocar suas impressões, sendo este um espaço de liberdade sobre a leitura. A doação e, principalmente, a personalização dos cadernos-diários reforçam essa postura de ser este espaço único, pertencente ao aluno. Este momento é ilustrado abaixo.

Foto 3 - Personalização do diário com adesivo

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 4 - Personalização do diário

Fonte: Arquivo pessoal

Montar um espaço para que essa leitura se desse foi algo realmente desafiador, pois partiria dos estudos prévios, e deveria ser construído em parceria com o aluno, tendo em vista a prerrogativa de que este se configura um ator dentro dessa pesquisa, responsável por formar-se dentro de uma perspectiva de sujeito.

E, para tal, os conhecimentos prévios sobre o universo sherlockiano foram levantados com pesquisas principalmente da imagem tão explorada pela *Indústria Cultural*, descobrindo-se o Museu Sherlock Holmes, monumentos, montagem da casa de Sherlock, evidenciada em séries de tevê e outros suportes, como também outras curiosidades sobre o autor e personagens. A materialização do universo se constituiu

numa leitura que antecipa outra, no entanto, não é algo meramente considerado como um pretexto cenográfico, mas se integra de maneira essencial à proposta deste projeto. Nesse sentido, aluno ao construir essa materialização, insere-se na leitura, no universo de Sherlock seja material ou virtualmente.

Foto 5 - Montando a sala, conforme a casa de Sherlock, segundo imagens do Museu de Sherlock em Londres, baseado nos livros.



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 6 - Construindo a sala



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 7 - Construindo a sala

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 8 - Construindo a sala

Fonte: Arquivo pessoal

A disponibilidade da sala para a leitura foi um aspecto importante na execução deste trabalho no que concerne à observação, ao gosto pela leitura, traduzido numa rotina e, ao mesmo tempo, configurou uma novidade dentro da escola. A leitura num ambiente propício, aconchegante e significativo para os estudantes, uma vez que foi construído com eles mesmos, trouxe uma dimensão nova a esta intervenção.

Foto 9 - Porta caracterizando o ambiente do endereço de Sherlock



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 10 - Sala pronta



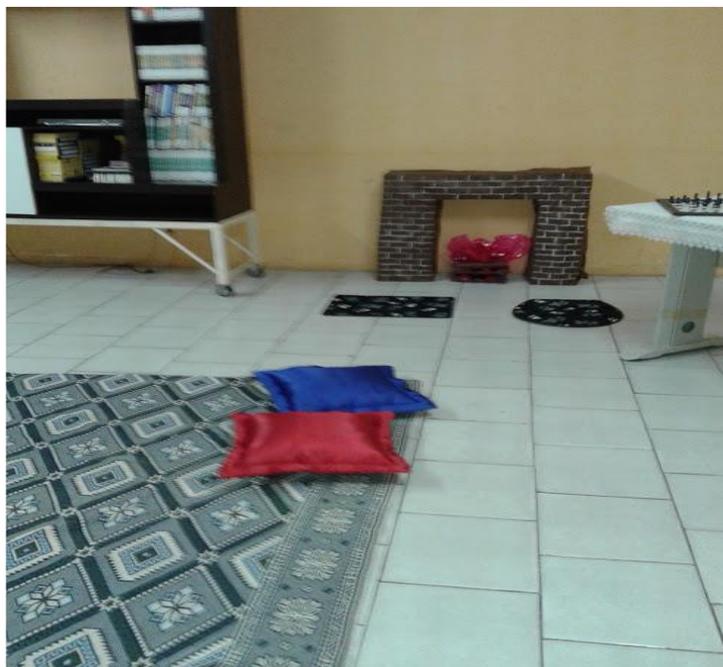
Fonte: Arquivo pessoal

Foto 11 - Elementos do cenário



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 12 - Elementos do cenário



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 13 - Elementos do cenário

Fonte: Arquivo pessoal

➤ *O mergulho na leitura e no universo sherlockiano:*

A parceria com outros atores atuantes dentro da comunidade escolar foi imprescindível a essa proposta, principalmente quando se refere a leitores mais experientes que trazem uma postura de entrega à leitura. São, pois, testemunhas do papel da leitura em suas vidas cotidianas. Nascendo daí a participação do clube de leitura “A sociedade do Livro”, composto por alunos do Ensino Médio e de ex-alunos da escola. A leitura de dois contos, narrativas menores, deram uma amostra, uma simulação dos próximos passos tanto para o professor pesquisador como para aos alunos. Perguntava-se se haveria adesão à proposta, que ultrapassava a construção do ambiente e adentrava mesmo na própria leitura.

Foto 14 - A parceria com o clube de leitura “Sociedade do Livro

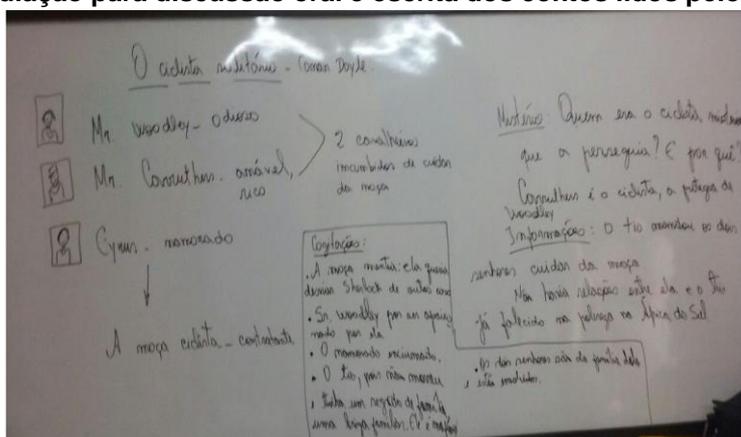
Fonte: Arquivo pessoal

Foto 15 - A doação dos bonés de Sherlock



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 16 - A mediação para discussão oral e escrita dos contos lidos pelo clube de leitura



Fonte: Arquivo pessoal

As roupas das duplas (Sherlock Holmes e Dr. Watson, acima primeiramente usadas pelos componentes do Clube de leitura, foto 14) e os bonés ajudaram muito nessa adesão ao jogo literário. A participação oral foi intensa, as suposições e vazios a cada interrupção na leitura dos contos evidenciaram para o aluno a possibilidade de ser a literatura instigante e do seu poder de voz diante dela, enquanto leitor. Caberia saber se se daria quando o assunto fosse uma narrativa mais longa, e a leitura compartilhada feita por eles mesmos.

Passado esse momento, o próximo passo seria apresentar o livro que seria compartilhado pelos alunos, sendo que cada dupla deveria ficar com um capítulo. Foi necessário, vale dizer, distribuir cópias para as outras duplas no momento de leitura para evitar prováveis dispersões e escapes. Além do que este livro teria de ser descoberto antes da leitura, e que a dupla anterior deveria deixar um enigma para que a próxima dupla encontrasse o livro para, assim, poder efetuar seu trabalho. Se a

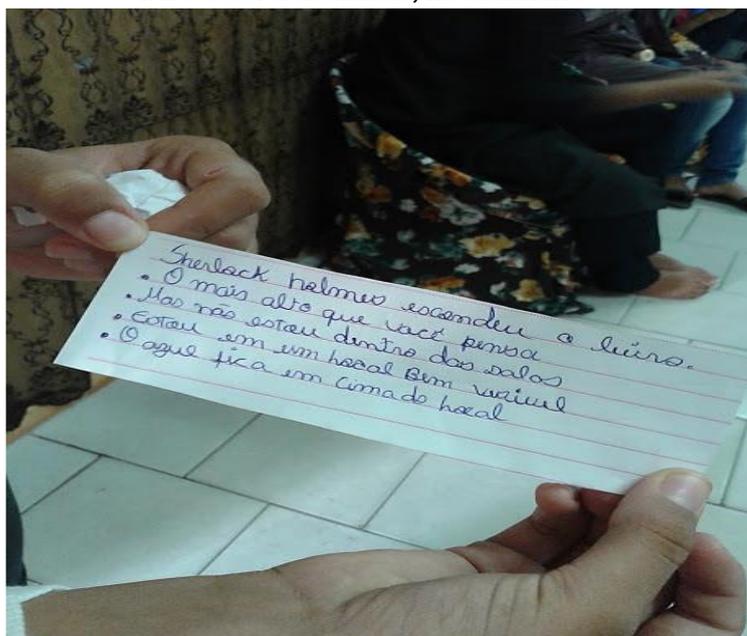
dupla não encontrasse, o prêmio iria para o aluno que encontrasse e desvendasse o enigma onde estaria escondido o livro.

Foto 17 - Caracterização da dupla de alunos



Fonte: Arquivo pessoal

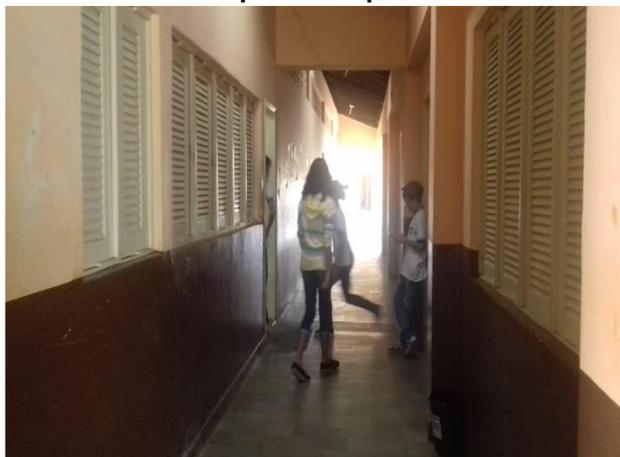
Foto 18 - O enigma para as duplas que devem encontrar o livro a ser trabalhado, no cotidiano



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 19 - Dupla decifrando enigma

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 20 - A busca pelo livro pelos demais alunos

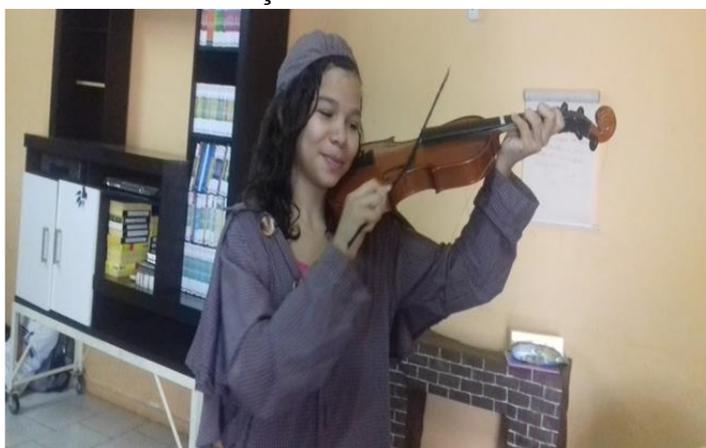
Fonte: Arquivo pessoal

Outro ponto que vale evidenciar é que a leitura se configurou numa rotina, a cada revezamento das duplas. No entanto, a necessidade de acrescentar um elemento novo na sala ou mesmo na verificação mediadora para o andamento da proposta na escrita dos diários e compreensão da história sempre foi algo essencial em alguns momentos. Retomar o que foi lido foi uma decisão válida, não tomando a voz destes alunos – cabe esclarecer –, mas direcionando as discussões a fim de instigar os comentários, as suposições, até mesmo a retomada os fatos anteriores, o que também se configurou num certo modelo de como deveria se dar a escrita, a qual deveria ultrapassar o resumo, mas a sua voz, enquanto leitor, seria essencial ao processo da pesquisa. Valendo dizer que essas tomadas de iniciativas consistiam quando as dificuldades surgiam, ou seja, quando se percebia que a rotina tomava

lugar da inspiração, quando nas falas havia certas confusões de personagens, quando o aluno perdera algum capítulo, ou mesmo quando os escritos se concentravam no puro resumo sem as impressões (aqui se dava por incompreensão do diário como espaço em que podiam se colocar), mas nunca algo ditado ou retificado e modo pontual, como costumeiramente costuma ser os exercícios de correção de leitura, porém com perguntas/diálogos que pudessem promover as interações e compreensões, sem no entanto, revelar acertos relativos ao enredo, mas deixando a capacidade de rever seus pontos de escrita anterior, se eles se confirmavam ou não, por meio do próprio desenrolar da leitura

Abaixo consta a inserção de elementos novos a fim de instigar o interesse reconfigurar a sala, com a perspectiva de que podiam interagir com eles ou mesmo construí-los.

Foto 21 - Inserção de elemento novo: violino



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 22 - Inserção de novo elemento no ambiente: pegadas/ lupas



Fonte: Arquivo pessoal

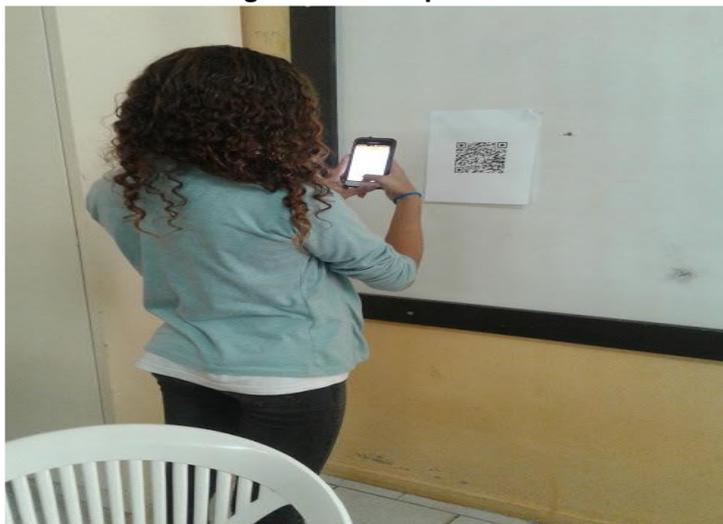
Foto 23 - O laboratório cenográfico, evidenciando o pensamento científico do herói.



Fonte: Arquivo pessoal

As retomadas foram essenciais para a motivação e a reatualização da leitura. Se a ordem era estabelecer as conexões, tomar fatos e personagens em meio a determinados tempos de leitura, de modo a continuar motivando os alunos, outros recursos foram bem recebidos. Abaixo estão algumas atividades associadas à leitura, que preconizava retomar entendimentos e a construção das personagens com base em suas descrições, agora utilizando-se de dois recursos de tecnologias diferentes e complementares: o QR Code e o recorte-colagem. Para isso, a pista de uma atividade era escrita em código no recurso do aplicativo QR Code que dava orientações para a montagem de um quadro de investigação, por meio de recorte de revistas e colagem, semelhante ao existente nos filmes investigativos, de modo que cada grupo fizesse suas cogitações acerca do desenrolar dos fatos, evidenciando suspeitas, desfazendo outras e apontando novas, além de materializarem as personagens conforme as imagens que a leitura lhes deu. Vale dizer que o momento escolhido para isso foi quando todas as personagens já haviam sido apresentadas. Esse foi outro recurso efetivo para manter os alunos atentos aos acontecimentos do enredo, uma vez que que promoveu mais interações, conforme se evidencia abaixo:

Foto 24 - Enigma feito no aplicativo QR Code



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 25 - Montar quadro de suspeitos e cadeia de relações, recuperando a imagem das personagens



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 26 – Quadro de controle investigativo



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 27 – Quadro de controle dos sujeitos pelos detetives- leitores



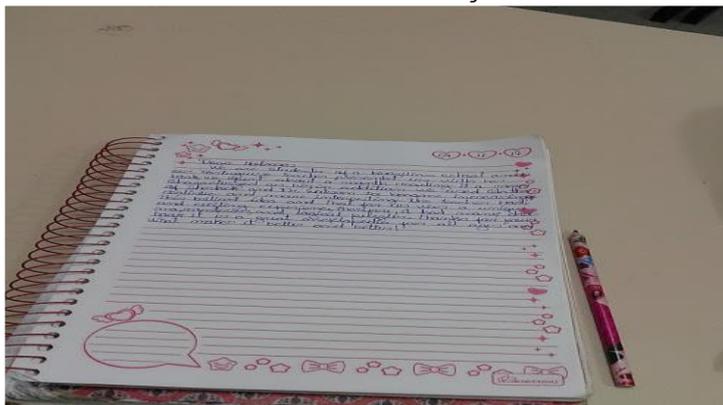
Fonte: Arquivo pessoal

O interessante da atividade evidenciada acima foi que, pela leitura, os grupos montaram as personagens obedecendo às características, resgatando suas relações e seus aspectos físicos, antes relatados na leitura e, agora, concretizados nas imagens dos recortes das revistas, e que seguiam um mesmo padrão dentro dos requintes e formalidades da ambientação e contextualização do enredo do livro. Sendo óbvio que muitos destes elementos estavam contidos nas leituras que tinham do cinema, das séries desse tipo de narrativa na montagem dessas personagens do quadro de investigação.

Outro aspecto que merece destaque especial foram as parcerias com outros professores da escola, cujas áreas de atuação estavam dentro dos parâmetros da obra, e configuraram-se primordiais na expansão da história. Sair dela e a ela retornar foi principal objetivo: na aula de Química sobre o fósforo, elemento químico responsável pela aparência fantasmagórica do cão da história, cuja área Sherlock também dominava; a Literatura e costumes ingleses, nascendo no desejo de escrever cartas em inglês para o Museu Sherlock Holmes em Londres, visto nos primeiros momentos das oficinas e de onde se respaldou para a construção temática da sala de leitura; nas estratégias matemáticas e lógicas do jogo de xadrez e outros jogos. Para isso, as parcerias com os professores de Química, Língua Inglesa e Matemática da escola foram muito bem-sucedidas, pois recrutar novos parceiros, novos autores, cientes e comprometidos com a leitura que é comum a todos, dimensiona a leitura a um patamar de imprescindibilidade dentro da escola.

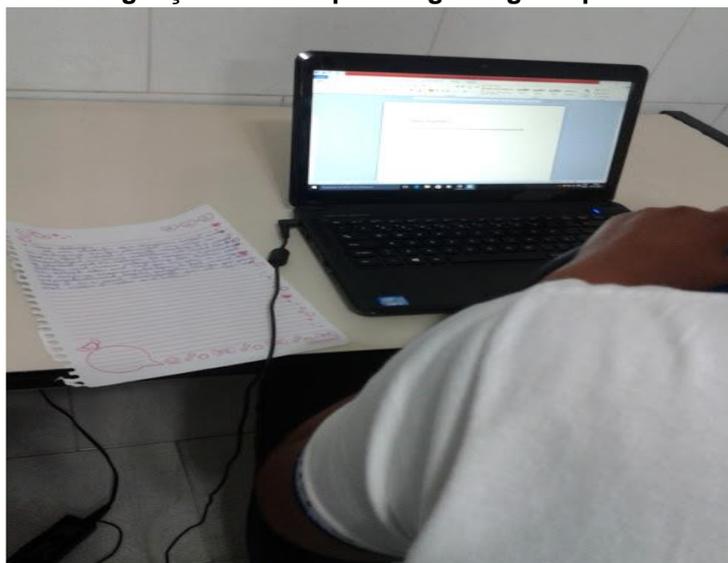
Esses momentos estão evidenciados nas fotografias abaixo:

Foto 31 - A escrita e a tradução da carta



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 32 - Digitação da carta para língua inglesa por cada dupla



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 33 - Entrega das cartas nos Correios



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 34 - Jogo de xadrez explorando conhecimentos lógicos, coordenado pela professora de Matemática



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 35 - Jogo perfil, explorando estratégias, também coordenado pela professora de Matemática.



Fonte: Arquivo pessoal

Também a exploração da presença das personagens, Sherlock Holmes e seu parceiro, e sua abrangência no tempo e no espaço, uma vez que sempre se revestiu de novas dimensões e roupagens, estando presente em vários suportes e narrativas que não desconsideram a tecnologia. Isso tendeu a aproximar o aluno de maneira que fizesse as conexões necessárias ao seu universo, pois em algum momento esse personagem se faz presente em suas vidas enquanto cidadãos tecnológicos inseridos nessa mesma tecnologia que ganha força no entretenimento.

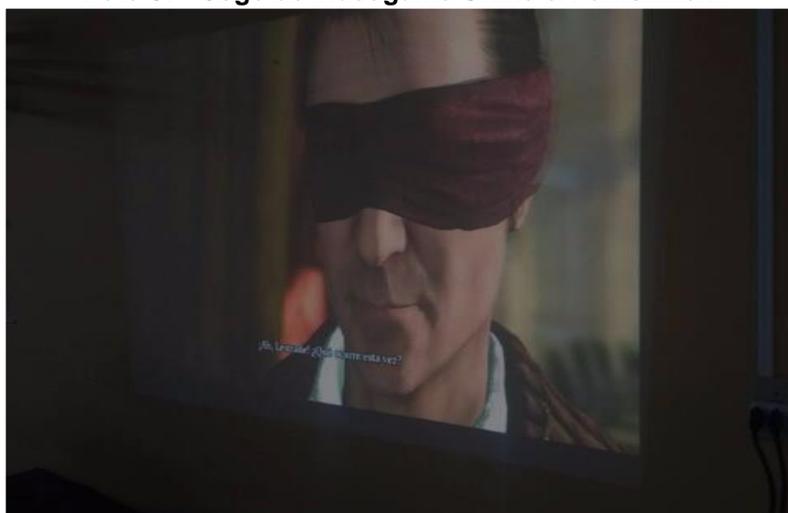
Abaixo constam momentos da exibição de um episódio de Sherlock, seriado inglês, e do jogo de videogame Crime & Punishment em que o personagem protagoniza, e o aluno pode incorporá-lo.

Foto 36 - Seriado Sherlock da BBC – Episódio “The Abominable Bride” (A Noiva Abominável) no mesmo teor aparentemente fantasmagórico contido na obra trabalhada.



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 37 - Jogo de videogame Crime & Punishment



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 38 - Alunos jogando o game Crime & Punishment



Fonte: Arquivo pessoal

Explorar aspectos da leitura do romance policial dentro do universo da literatura, da imaginação, dos diálogos com outras áreas do conhecimento, foi essencial ao desenvolvimento da leitura, mas também consideramos os encontros desta com uma realidade no aspecto social, expandindo os seus significados para o leitor, fornecendo meios para outras relações, que serão também considerados em leitura futuras, como forma de pensar e repensar o mundo.

Essas associações dariam mais respaldos à leitura e à escrita do diário, uma vez que suscita uma subjetividade reflexiva que parte da fomentação destes diálogos, criando uma atmosfera de encontro, de reflexões que partem da premissa do valor da voz do aluno, do valor da voz do leitor que se constrói a partir de suas experiências de vida e leitora. A foto abaixo demonstra esse encontro, trazendo um profissional da cidade a falar sobre seu trabalho, como se realiza, ganhos e dificuldades, bem como o valor da formação cidadã.

Foto 39 - Entrevista sobre investigação policial com policial local



Fonte: Arquivo pessoal

Para finalizar, é importante que se mencione e se analise que a rotina da leitura constrói novas posturas relativas à leitura, mas também a inserção de uma novidade, à medida que se avança na leitura, foi uma estratégia bem-sucedida. O misto de rotina e novidade equilibrou o ritmo das sequências didáticas.

A foto abaixo revela o valor da rotina da leitura na escola. Essa foto captura o momento que antecede a aula que era realizada nesta sala especialmente montada. Os alunos não viam como um “fardo”, como foi detectado na problemática, nem era necessário coagi-lo à participação, mas se tornou algo natural e prazeroso.

Uma rotina que motiva o gosto pelo ato leitores, mas que sempre exige um elemento novo, algo que instigue a novidade deve ser explorado. Isso demonstra que, quando se inicia uma pesquisa, ela nos fornece dados e, por sua vez, análises, que não se cogitaram previamente. E mais: quando a pesquisa tem viés interventivo, as nuances de descobertas dão vazão a vários pontos para compreensão da própria prática pedagógica e suas transformações, por isso esta deve ser sempre reflexiva.

Foto 40 - Os alunos aguardando o início da aula na sala de leitura, antes do início das aulas.



Fonte: Arquivo pessoal

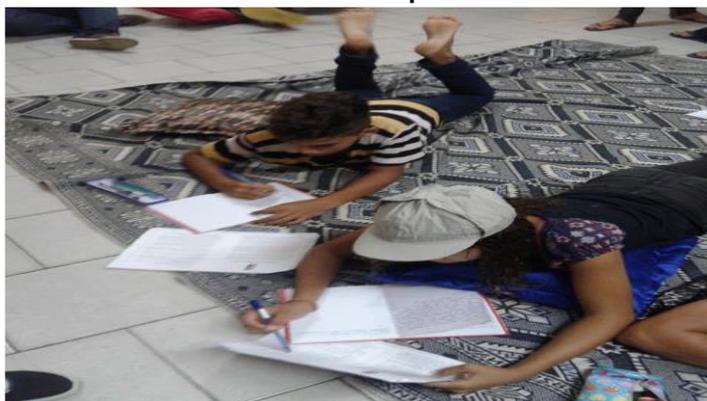
Vale enfatizar, mais uma vez, que este primeiro momento, em que se dividiu o capítulo, serve também de sustentáculo à demonstração do passo da sequência expandida, ou seja, de como ela se deu, como se pensou ou mesmo se configurou a ideia desta, as dificuldades e o relato experiencial a quem se interessar por esta metodologia em momentos futuros, contendo também algumas exposições das impressões acerca das possíveis pistas do envolvimento dos alunos com a leitura dada. No entanto foi nos diários que esta pesquisa pretendeu se fundamentar de modo

muito mais efetivo, pois estes escritos consistem em evidenciar o momento de encontro da voz do aluno em diálogo com o texto lido, sabendo que essas vozes foram encorajadas pela presença facilitadora das oficinas motivadoras desta leitura, e assim colocando-se ou não frente ao texto, assumindo ou não posturas, pondo ou não algo de si na leitura, e demonstrando ou não envolvimento com a história. Foram nestes diários em que o leitor e suas particularidades se deram, e tudo o mais disposto no primeiro momento serviu de impulsionamento, de estratégia para o aflorar da voz desse leitor diante do texto, embora estas oficinas motivadoras não estejam demonstradas explicitamente nos diários.

Segundo momento

O segundo momento adentra a escrita diarista, como resultado da leitura motivada por estratégias já demonstradas na primeira parte. Cabendo, aqui, a análise dos escritos conforme alguns procedimentos estabelecidos previamente.

Foto 41 - Escrita após leitura



Fonte: Arquivo pessoal

A cargo de retomada, vamos considerar como procedimentos das análises os listados abaixo, verificando-se como se dão nos diários e até se surgem ou não aspectos novos.

- Resumo da história;
- Demonstração de marcas de suas subjetividades e experiências;
- Previsão dos fatos, e/ou retomada destes de maneira crítica, preenchendo os vazios já previstos pelo texto, ou se não se efetivam;
- Extrapolamento da leitura associando a outras leituras (interleituras);

- Envolvimento com o enredo, criando expectativas na escrita no diário;
- Relato de dúvidas, ou mesmo se houve mal-entendidos na leitura, confessando não entender o texto;
- Colocação crítica, mostrando opiniões sobre fatos;
- Julgamentos sobre possíveis caminhos do texto;
- Aprovação dos caminhos das sequências didáticas, aquilo de que mais gostou em tudo na leitura;
- Utilização de outras linguagens para registro de suas impressões.

Isso não apenas de maneira a detectar se estes ocorrem, conforme os estudos realizados com a escrita diarista ao longo do tempo, mas como estes concorrem para a formação deste leitor, que já deu pistas, nas oficinas das sequências didáticas expandidas, que está contribuindo com as oficinas desenvolvidas, de acordo com o primeiro momento já demonstrado neste capítulo.

Iremos chamar os diários, totalizando 10, pela seguinte codificação: (D1, D2, D3...D10).

Indícios na lupa

O resumo dos fatos é uma constante na escrita diarista, talvez porque o aluno esteja preso a eles noutras atividades desenvolvidas anteriormente dentro da escola de maneira geral, e isso se reflete em um primeiro momento, e também por ainda não se ter incorporado o diário como o seu espaço de liberdade, já que, geralmente, a leitura ainda é muito direcionada para um único ângulo, e colocar-se diante do texto exige certa disposição, certa adequação a uma nova regra que coloca o leitor no comando. No diário D1, esse caráter resumo está bem evidenciado.

Foto 42 – D1

A maldição dos Baskervilles

Dr. Mortimer entrega uma carta a Sherlock Holmes que foi escrita por Sir Charles antes da sua terrível morte. Sir Charles fez uma carta, e nesta carta fala sobre a maldição dos Baskervilles. Sir Charles realizou grandes projetos que foram interrompidas por causa de sua morte. Eles eram muito querido pela cidade pelas coisas que ele dava e outras coisas. Antes de viajar Sir Charles foi caminhar e pediu a Bannymore para preparar sua viagem. Naquela noite

Fonte: Arquivo pessoal

No entanto, apesar de não conter sua voz, já revela o poder de síntese e compreensão do que foi lido. Se o aluno leu um capítulo mais extenso e consegue filtrar as informações mais importantes, revela o atributo primeiro do leitor, que é a compreensão, importante para quem deseja, posteriormente, colocar-se num diálogo com o texto.

Em alguns casos, até mesmo a transcrição do texto se efetiva, conforme evidencia o trecho abaixo. Ocorrendo a transcrição de diálogos e partes do texto do livro na escrita diarista:

Foto 43 – D2

- Pois eu vi com meus próprios olhos alguém listando comida para ele. Pois tem um garoto levando comida para ele. Acredito que seja um filho de um dos pastores do pantão levando a refeição do pai. Frankland disse que era uma sombra pequeno com olhos fulibentes*.

- Vi muitas vezes levando o embrulho. Todos os dias e era a muitos quilômetros, é um ponto escuro em meio as plantas cinzentas. Ele olha para o pantão e deus de Deus. Ele foi rapidamente atrás dele atrás dos olhos.

Dr. Watson disse para si mesmo?

- Há está o parolho com o embrulho me e indo lentamente pelas colinas.

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Pois eu vi com meus próprios olhos alguém listando comida para ele. Pois tem um garoto levando comida para ele. Acredito que seja um filho deum dos pastores do pantão levando a refeição do pai. Frankland disse que era uma sombra pequeno com olhos fulibentes*." _ Vi muitas vezes levando o embrulho. Todos os dias e era a muitos quilômetros, é um ponto escuro em meio as plantas cinzentas.

Ele olhou para o pantano e viu ele. Dr. Watson foi rapidamente foi rapidamente atrás das colinas. Dr. Watson disse para si mesmo: Lá está o piralho com o embrulho no ombro indo lentamente pelas colinas". (Transcrição de trecho)

*D2 quis escrever fuzilantes.

Contudo, a retomada e a revisão sobre o que estão escrevendo, pelo professor, no processo, a fim de esclarecer alguns pontos dessa jornada, fizeram-se necessárias. Isto porque ajudou a esclarecer certos pontos que pareciam óbvios no início dos trabalhos, levando-se a considerar que nem sempre o que é óbvio para uns o será para todos; e retomar a diretriz de ser o diário um espaço de liberdade, que não será visto como uma atividade que exige correção, e que os alunos terão de colocar suas vozes, pois estas são importantes, quebra essa postura inicial, que mais está justificada pelas atitudes de insegurança, quer seja com escrita, quer seja pelo peso da avaliação do olhar de um outro-corretor, revelando, pois, que ainda não se vê o diário como um espaço ausente deste destinatário costumeiro, no qual muito se concentra o ambiente escolar. Após esclarecimento, ainda no mesmo diário D1, a voz dos alunos vem aparecer, sem, no entanto, abandonar o resumo do texto.

Foto 44 – D2

Sir Henry disse que a morte de Sir Charles foi misteriosa e que suspeitavam dele por os fatos fazer a tora. Ele a arrastou e mandou ficar quieto.
Essa história falou que Stephen é o maior suspeito. Ai tem coisa.
Para mim Stephen está com outras pessoas pois ele pede que um eluminese que mudou o nome para não ser identificado.

Fonte: Arquivo pessoal

Há uma separação, no entanto, da voz que resume da voz de quem opina, que se coloca. O aluno enxerga, embora inconscientemente, essa voz que fala e resume o que foi dito/lido, e a voz de quem responde, estabelecendo essa separação dessas vozes, seja por parágrafos distintos, ou mesmo o uso de suas marcas linguísticas características (“Ai tem coisa”).

O resumo é a compreensão do que se lê, é a ancoragem do pensamento de quem quer construir o seu próprio discurso, e por isso tem sua valia por ser sempre o

ponto de partida em que está a voz do outro e nele se pode parafrasear, transcrever e compreender.

Vale considerar também que não foi enfatizado pelo professor que teriam de escrever em primeira pessoa, mas isso se deu de forma bem natural para quem compreendeu que tinha de dialogar com a obra, sem se desvencilhar do caráter pessoal.

As marcas, as vivências e as subjetividades estão muito presentes nas palavras que usam, diferente da mencionada no livro de modo mais direto. Uma subjetividade construída nas vivências que coloca o leitor frente ao texto numa atitude responsiva, que deve ser considerada em qualquer ação em prol do letramento literário.

Foto 45 – D3

O mais emprecionante é que já terminamos o livro. Mas ainda a perguntar sem resposta... Como já que o sr. Stapleton morreu no lameiro ele morreu ou está vivo. Que vai acontecer com a senhora Stapleton agora?

Fonte: Arquivo pessoal

O uso da palavra “lameiro” no D3 revela traço diferente do original que se refere ao Grande Atoleiro Grimpen, chamado de atoleiro no livro. No momento da escrita, D3 se remeteu e incorporou a palavra “lameiro” como uma referência bem pessoal pelo seu contexto social e geográfico, presente em seu universo, sem deixar de compreender o sentido original escrito no livro. Essa evidência de um vocabulário local denota uma compreensão que dialoga com as vivências do aluno socialmente construídas.

Foto 46 – D1

13^o Dia
 O Cão dos Baskervilles

Agora temos certeza que o cão existe, bem, voltando às notas de livro, eu acho que foi o hugo porque ele estuprou a pobre menina e ele foi amaldiçoado. Ele e ele virou o cão amaldiçoado

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 47 – D1

11^o Dia

A história falava sobre um homem que não falava o que fazia para não destruir a sua honra. Stapleton e Sir Charles ajudaram a desvendar sobre a mulher que escrevia as cartas. Era a Sra Lyons que tinha uma reputação duvidosa

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “A história falava sobre um homem que não falava o que fazia para não destruir a sua honra. Stapleton e Sir Charles ajudaram a desvendar sobre a mulher que escrevia as cartas. Era a Sra Lyons que tinha uma reputação duvidosa”. (Transcrição do trecho)

Assim também vale demonstrar, nas fotos acima, o uso de termos como “estupro da moça” e “mulher de reputação duvidosa” conforme o diário D1, embora não mencionado no texto do livro. Para melhor explicar: a moça foi perseguida, depois de aprisionada por Hugo Baskerville, pelo seu amor doentio, e se a intenção de Hugo Baskerville era o estupro este foi preenchido prontamente pelo leitor, uma vez que a intenção do algoz poderia se encerrar no assassinato da moça. No entanto, o aluno deduz a intenção de se cometer violência de teor sexual, como forma de dominação e poder, dando uma conotação sexual. Além disso, o fato de L. L. ter marcado encontro com Sir Charles, ter sido casada com artista e querer divórcio, deduz-se ser amante de ser Charles pelos detetives, daí a *reputação duvidosa* fica a cargo da

diarista que julga os valores conforme os padrões já preditos. Em ambos, estão colocados os valores sociais deste aluno ou mesmo a vivência, as violências no contexto social, e, por assim dizer, a voz experiencial se acopla à voz do texto.

Esses aspectos acima não deixam de lado um critério procedimental importante que é o preenchimento dos vazios do texto, a própria colocação do leitor frente ao texto. Assim sendo, essas marcas das vivências subjetivas abarcam e abrangem dois critérios de análises, associados a que maneira preencheu os fatos, prevendo ou antecipando ações vindouras. A esse respeito, também tecemos as análises tocando simultaneamente nesses pontos, a saber: preenchimento dos vazios já previstos, direcionados pelo texto, ou preenchimentos dos vazios pelas interleituradas, dando margem até mesmo a mal-entendidos e erros de leitura.

O texto do livro é marcado por perguntas e/ou marcas linguísticas que pressupõem uma suposição, principalmente no fim de cada capítulo. Por isso, destacamos um momento em que isso ocorre, confrontando o texto e o que foi escrito a seu respeito:

No capítulo XI, *O homem do rochedo*, saber a identidade do homem que se esconde no pântano é crucial; e saber a razão de ele estar ali, se estaria envolvido no crime, e seguindo os indícios, deixam Dr. Watson à espera do desconhecido, a fim de surpreendê-lo, estando com uma arma na mão. No trecho abaixo, que finaliza o capítulo, revela-se esse aspecto que pretende que o leitor o preencha.

[...]seria ele nosso terrível inimigo/ Ou, talvez, nosso anjo da guarda? Jurei não sair da cabana até descobrir.
[...] novamente ouvi passos se aproximando e uma sombra atravessou a entrada da cabana.
_. Está um lindo entardecer Watson – disse uma voz bem conhecida
– Acho realmente que você se sentiria melhor fora do que dentro”. (DOYLE, Arthur Conan. *O cão dos Baskervilles*, p.112).

Foto 48 – D4

Cap. 11 -
 nesse capítulo Holmes se escondeu
 na caverna e um homem disse para
 ele sair eu acho que esse homem
 é Barrymore pois ele que levava co-
 mida para o fugitivo que se es-
 condia dentro das cavernas mis-
 teriosas e antigas mas mesmo assim
 é muito estranho esse fugitivo estar
 se escondendo justamente no pântano
 Tano sombrio.

Fonte: Arquivo pessoal

Nos escritos de D4, revela-se que aceitou o jogo do autor, faz suas suposições de quem se escondia no pântano e de suas razões, obedecendo às pistas anteriores que o próprio texto ofereceu e utiliza essas informações de capítulos anteriores para sua própria argumentação. No entanto, deixa margem às possibilidades de suas cogitações no sentido de não serem reais.

Foto 49 – D4

Cap. 12
 Nesse capítulo pude observar que mi-
 nhas expectativas e ações estavam
 erradas pois quem estava na caver-
 na era Holmes.

Fonte: Arquivo pessoal

D4 ainda retoma o que se disse anteriormente, considerando que suas cogitações não se confirmaram, ou seja, o homem do rochedo não era o mordomo Barrymore, mas o próprio Holmes. Seria a primeira, foto 48, possibilidade mais provável a seu ver, mas que abriu para outras possibilidades, embora não previstas claramente no momento. As pistas do texto, a atmosfera criada anteriormente como um ambiente assustador condicionou e induziu o leitor ao erro, às múltiplas possibilidades.

[...]Em toda aquela área não havia som ou movimento [...] O cenário desolador, a sensação de solidão, mais o mistério e a urgência na minha tarefa gelaram-me meu coração [...]Meus nervos tinham na expectativa da aventura. Joguei fora o cigarro e agarrei a coronha do revólver. (DOYLE, Arthur Conan. O cão dos Baskervilles, p.110).

Como se observa, essas informações criam uma ambientação de suspense e perigo, seja pelo cenário, mas também pela descrição de sensações da personagem.

Por outro lado, vale destacar a escrita de D5:

Foto 50 – D5

Acho que era alguém conhecido, isso já eliminando na lista de pessoas que podemos ter encontrado essa hora. Uma pessoa bem provável para encontrar Watson é o Sherlock Holmes. Pois além de conhecer o Watson acho que ele não deixaria um caso tão incrível para trás, para resolver um caso comum em Londres.

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “Acho que era alguém conhecido, isso já eliminando na lista de pessoas que podemos ter encontrado essa hora. Uma pessoa bem provável para encontrar Watson é o Sherlock Holmes. Pois além de conhecer o Watson acho que ele não deixaria um caso tão incrível para trás, para resolver um caso comum em Londres”. (Transcrição de trecho)

Acima, D5 destaca e argumenta seguindo as pistas do texto, quando retoma a pista textual de que a voz era familiar, e preenche com aspecto de sua leitura vivencial quando considera que o grande protagonista, Sherlock Holmes, ainda não apareceu pessoalmente na investigação do caso, delegando esta a seu assistente. Assim, extrapola o texto e analisa sob o prisma da personalidade de Sherlock e sua atração por casos intrigantes, quando relata “[...] acho que ele não deixaria um caso tão incrível para trás, para resolver um caso comum em Londres. ”.

Foto 51 – D5

Hoje lemos o XII capítulo do livro, um capítulo intitulado de **Morte no Pantano**. Nesse capítulo Dr. Watson revela quem era aquele homem no rochedo, mas eu havia acertado que era o Sherlock Holmes. Fiquei feliz sobre eu ter acertado.

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Hoje lemos o XII capítulo do livro, um capítulo intitulado de Morte no Pantano. Nesse capítulo Dr. Watson revela quem era aquele homem no rochedo, mas eu havia acertado que era Sherlock Holmes. Fiquei feliz sobre eu ter acertado". (Transcrição de trecho)

Haver acertado o raciocínio do autor, conforme o texto acima, dá uma satisfação ao leitor que se coloca como um jogador, assemelhando-se ao universo dos jogos, da superação de níveis. Isso foi bem perceptível nos alunos em que suas experiências vivenciais estão mais próximas aos games.

E, ainda, D3 ilustra melhor essa proposição de se incorporar elementos não ditos no texto, nem mesmo sugeridos.

Foto 52 – D3

Nesse capítulo tem várias mistérios um dos foi um fugitivo aparecer morto! Mais sem nem um tipo de morte... tipo eu pensei assim, que um FUGITIVO, não ia ter medo de qualquer coisa.

Fonte: Arquivo pessoal

Isso se dá quando ainda se cogita sobre a real existência desse cão fantasmagórico que assombra a família Baskerville, e o uso do argumento de que não

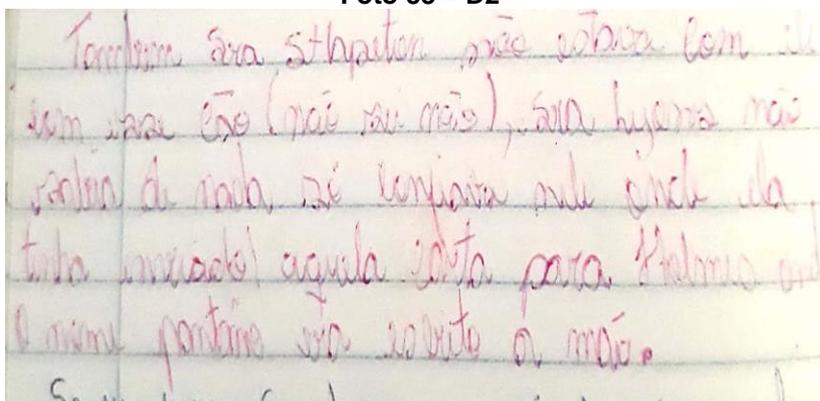
seria qualquer coisa que amedrontaria um assassino sanguinário, chamado Selden, fugitivo da cadeia, fazendo-o se atirar de um precipício, evidencia a posição sustentando a existência do animal nessa suposição de D3: *“tipo eu pensei assim que um fugitivo não ia ter medo de qualquer coisa”*.

Porém, essa busca pelas respostas e essa percepção do leitor de ser o preenchedor desses vazios previstos, até dos não previstos, levam a alguns mal-entendidos de leitura. Esse aspecto sempre desconsiderado, descartado, pelo ensino pode ser, sim, utilizado como forma de se rever posturas e corrigir mal-entendidos, e mesmo na compreensão deste como parte da construção leitora.

Destacamos alguns deles, e suas eventuais retomadas, para saber lidar com eles. E que estes não se dão de forma gratuita, mas que também se dão por uma razão, por um raciocínio que tenta ser assertivo.

Observe o texto abaixo:

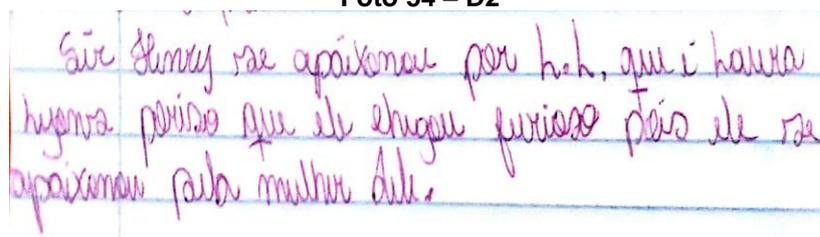
Foto 53 – D2



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: *“Também a Sra Stapleton não estava com ele com esse cão (não sei não), Sra Lyons não sabia de nada só confiava nele onde ela tinha enviado aquela carta par Holmes onde o nome pantano era escrito a mão”*. (Transcrição de trecho)

Foto 54 – D2



Fonte: Arquivo pessoal

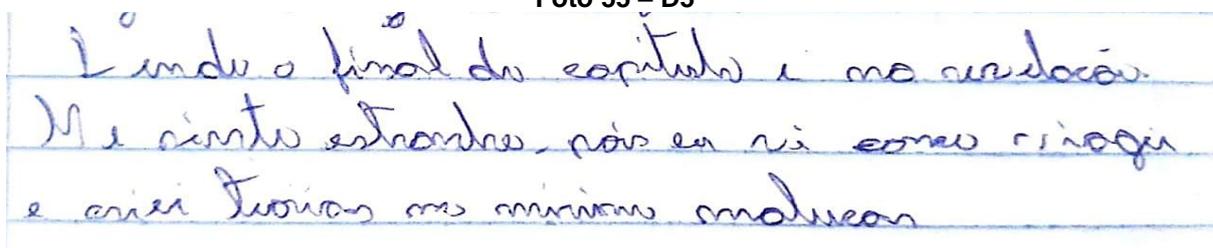
Há uma clara confusão entre as personagens Laura Lions (L.L.) e Sra. Stapleton, antes irmã, e que, por fim, desvendou-se ser a esposa de Sr. Stapleton; e

Laura Lions, amante de Sr. Stapleton. Outro aspecto que justifica essa confusão é quando se refere à carta anônima escrita no início da história pela Sra. Stapleton, que pedia para Sir Henry, o herdeiro e alvo, que não fosse reclamar sua fortuna, é, no texto do diário, atribuída a L. L., na foto 53. E, ainda, na foto 54, que coloca Laura Lions e Sir Henry como pares, quando, na verdade, esta é amante de Sr. Stapleton; e sim Sra. Stapleton seria par romântico de Sr. Henry, confundindo os pares.

Essa confusão também se justifica em alguns aspectos: o primeiro pelo fato de ambas terem escrito cartas ou bilhetes em alguns momentos da narrativa, sendo estes escritos importantes para o desvendar do mistério; segundo, por estarem envolvidas emocionalmente com o Sr. Stapleton, assim como os Baskervilles (Henry e Charles): Sra. Stapleton como amada de Sir Henry, herdeiro que não conhecia verdadeira identidade dela, e L. L. por ser suspeita de romance com Sir Charles, o assassinado. Além de uma ser a primeira esposa e a outra ser amante de Sr. Stapleton, posições estas reveladas posteriormente. Além dessa intrincada cadeia de relacionamentos e sentimento de amor e cobiça no universo do crime, as falsas identidades e os nomes noutra língua podem ser o condicionante desses erros de leitura.

A percepção destes é bem reveladora quando se trata do último capítulo, intitulado *Um Retrospecto*, por retomar toda a história, demonstrando que o autor reconhece suas tramas complexas. A esse respeito, os escritos revelam

Foto 55 – D5



Lendo o final do capítulo e na revelação.
Me sinto estranho, pois eu vi como eu viajei
e criei teorias no mínimo malucas

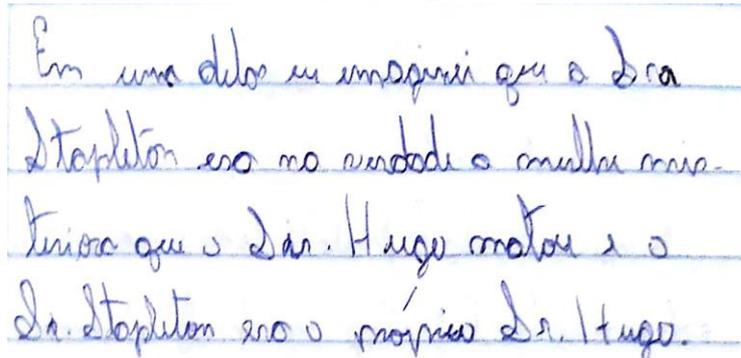
Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “Lendo o final do capítulo e na revelação. Me sinto estranho, pois eu vi como eu viajei e criei teorias no mínimo malucas”. (Transcrição de trecho)

D5 denota seu sentimento de estranhamento de acordo com o trecho de “Lendo o final do capítulo e na revelação me sinto estranho, pois eu vi como viajei e criei teorias no mínimo malucas”.

Para explicitar melhor mais adiante, enfatiza o reconhecimento desses erros de leitura:

Foto 56 – D5



Em uma delas eu imaginei que a Sra Stapleton era na verdade a mulher misteriosa que o Sr. Hugo matou e o Sr. Stapleton era o próprio Sr. Hugo.

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Em uma delas eu imaginei que a Sra. Stapleton era na verdade a mulher misteriosa que o Sr. Hugo matou e o Sr. Stapleton era o próprio Sr. Hugo". (Transcrição de trecho)

Este escrito reconhece como absurda essa associação de a Sra. Stapleton ser a moça perseguida no início da narrativa, e ser Stapleton o próprio Sir Hugo. É considerado, pois, pela separação temporal entre os fatos, pois, quando retoma os fatos, dá margem à reflexão sobre os pensamentos construídos, e mesmo que desconstrua certos caminhos, fá-lo retomar e repensar, e assim se configura como participante da leitura.

Quando se abordam os erros de leitura, acaba-se por se enveredar pelas trilhas das interleituras e pelo papel desta nesta construção subjetiva dos sentidos do leitor real.

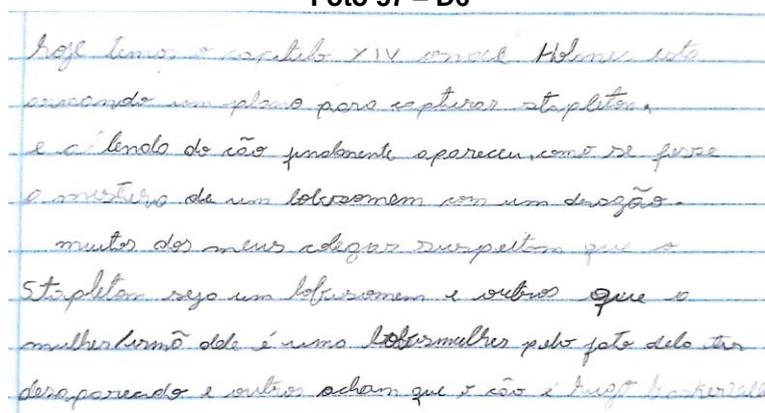
Todas as conjecturas de a Sra. Stapleton ser a mulher morta e o Sr. Stapleton ser Sir Hugo nascem de outras leituras que consideram o sobrenatural e até desconsideram esse salto temporal, ou mesmo se baseiam em planos que remetem a mortes fabricadas, falseadas em tantas narrativas que povoam os seus cotidianos. Estas leituras até desmentem o próprio gênero policial, que não vislumbra o sobrenatural em sua natureza, mas encontra justificativa lógica para todos os casos. O próprio Sherlock se coloca nas falas, várias vezes, como alguém que não crê no aspecto paranormal, mas no caráter científico de todas as coisas. Sendo esta a pista que o texto dá, além de outras. Embora um caráter menor, caracterizado por uivos aterrorizantes e cenários sombrios, também induza às mentes mais férteis a crer no paranormal. Ocorrendo, então, um misto entre certa indução do autor e interleituras.

Por estarem presentes numa série de narrativas que se baseiam na imagem dos seriados de tevê e filmes, e arrastam seguidores fiéis, firmam-se primeiramente

as teorias mais ousadas, como reflexo do universo leitor do aluno (quando se fala em universo leitor entende-se o conceito de amplitude dessa leitura).

Quando a leitura chegou ao seu ápice, no clímax, tão esperado pelos alunos, em que o cão deveria aparecer, outras teorias foram levantadas. Observe a seguir:

Foto 57 – D6



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “hoje temos o capítulo XIV onde Holmes está arrastando um plano para capturar Stapleton. E a lenda do cão finalmente apareceu como se fosse uma mistura de um lobisomem com um dragão. Muitos dos meus colegas suspeitam que o Stapleton seja um lobisomem e outros que a mulher/irmã dele é uma lobismulher pelo fato dela ter desaparecido e outros acham que o cão é Hugo Baskerville”. (Transcrição de trecho)

Observem como essa leitura também foi induzida e alimentada pela interleitura que os alunos possuem: o cão jogava fogo pela boca, logo é associado ao dragão; a maldição familiar que se efetiva na transformação da personagem em lobisomem, traços comuns das histórias de outro gênero tão explorados pelo cinema. O texto em si revela o sumiço da Sra. Stapleton, fazendo o aluno colocá-la como suposição a possibilidade de a mulher se transformar num ser místico em busca de vingança. E todo o direcionamento que considera o lógico, o enigma, rende-se ao fantástico, tão presente nas leituras destes alunos nos suportes tecnológicos. Sem, no entanto, deixar de procurar solucionar o enigma proposto, apesar de se utilizar de outras abordagens.

Foto 58 - D4

ainda tem varias coisas para
 mim esclarecer mais por enquanto
 vou dizer uma das minhas
 "patologias" para mim Vanderleu
 seria um monstro que via de
 inferno e todos os noites ele
 se transformava nessa criatura
 Talvez fosse uma maldição fa-
 miliar e ma Stapleton fosse
 cúmplice pela herança. Como

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 59 - D4

Cap - 34
 Jose Capitulo para mim foi o mais
 assustador porque Helmer junto com
 Henry e Motmer ficaram a criatu-
 ra que saltava logo pela boca e
 pelo nariz os olhos brilhavam mu-
 to para mim agora pude afirmar
 que realmente essa criatura
 matou o fugitivo, Charles, e Tam-
 bém o cachorro mas um fato
 muito interessante é que por
 mais que ele fosse um demônio
 o tiro atingiu ele e ele deu um
 huio enorme e assustado sera
 que teria como atingir um de-
 monio? bom na minha opinião
 não acho que tem algum en-
 volvida nesse caso alguém muito
 perigoso para mim esse alguém
 é Vanderleu mas com q ele
 manipulava esse cachorro? (Cau)

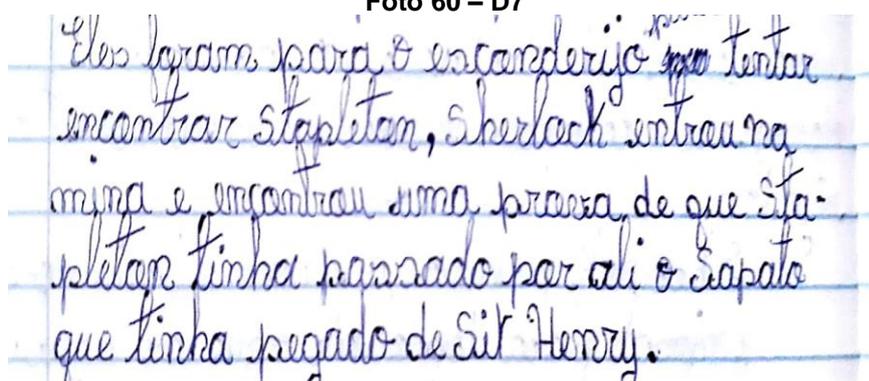
Fonte: Arquivo pessoal

No diário acima, a evolução e a atualização das posições se dão pelas novas pistas que o texto fornece e enfatiza a valia da característica do diário como um instrumento desses registros. Se Stapleton/Vandeleur seria um ser maligno que se transformava num cão infernal, numa primeira visão, demarcada por outras leituras de outros gêneros; na segunda visão, evoluiu para um manipulador do animal. Isto porque cão, que antes era tido como sobrenatural, foi ferido por Sherlock, este fato

lhe confere um caráter natural, por isso ser passível de uma manipulação real, não mais magicamente.

E o próprio aluno vai tecendo suas teias de conjeturas, a exemplo do sumiço dos sapatos do Sir Henry Baskerville, reforçando ainda essa manipulação do cão pelo vilão, o qual usava o cheiro da vítima para o cão persegui-lo, considerando ser este um cão de caça. Conforme abaixo:

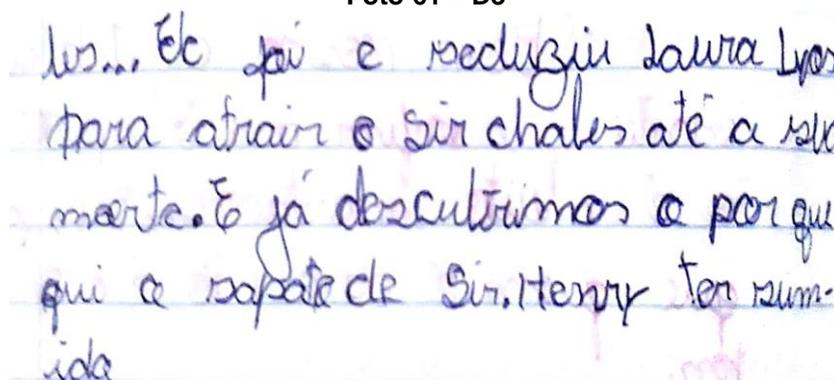
Foto 60 – D7



Eles foram para o esconderijo para tentar encontrar Stapleton, Sherlock entrou na minha e encontrou uma prova de que Stapleton tinha passado por ali o Sapato que tinha pegado de Sir Henry.

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 61 – D3



Isso... Ele foi e reduziu Laura Lyons para atrair o Sir Charles até a sua morte. E já descobrimos a por que foi o sapato de Sir Henry ter sumido.

Fonte: Arquivo pessoal

As menções aqui levantadas evidenciam o papel das leituras, numa acepção bem ampla, como suporte às novas, parte-se de algo mais familiar para se chegar a uma compreensão nova, que, muitas vezes, não confirma essas posições primeiras. Na foto 55, também contém um bom exemplo dessa retomada de percepção, desconstruindo certas proposições assumidas. O fato de o próprio texto realizar as retomadas dos acontecimentos e das pistas em vários momentos já traz o leitor para esse raciocínio mais lógico.

Em síntese, esse vazio permitido, conscientemente ou não pelo autor, é preenchido com uma informação que nasce de outras leituras. Nem sempre esses

vazios são previstos pelo autor, pois cada leitor os completa conforme sua experiência de leitura, seu universo interpretativo. O importante aqui é essa revisão do que foi visto, essa atualização que o leitor faz de suas percepções, e que assim se coloca como participativo nessa construção.

Saber o que é o gênero policial não foi suficiente para destrinchar os fatos, quando a informação ainda não está digerida, e que o sobrenatural não lhe cabe tão facilmente. Porém, quando esta faz parte de uma construção, essas diferenciações se tornam mais claras. Em suma, uma experiência nova de leitura é acoplada ao universo do leitor, que já reconhece esse caráter lógico em outras narrativas do gênero. E assim um aprendizado sobre o gênero novo se incorpora pela construção e experiência adquirida, e assim se torna mais eficiente.

Foto 62 – D7

Foi incrível como uma pessoa como Stapleton tinha cometido o crime perfeito e que ninguém poderia acusá-lo de ser o assassino pois quem desempenhava esse papel era o cão. Foi brilhante sua ideia de salvar o fofinho no cão para parecer dialético.

Esse trabalho de Sherlock Holmes foi incrível pois é foi uma aventura deixada para nós com acontecimentos inacreditáveis que por sua vez tinha nuances bem românticas, bem aterradoras e que alguns meus sentidos pois percebi que a leitura pode ser muito melhor que um filme porque nós é quem criamos a cena e imaginamos todos os acontecimentos.

Fonte: Arquivo pessoal

Acima D7 demonstra dois aspectos bem elucidativos: primeiro a sua subjetividade quando ocorre o elogio com o vilão enaltecendo sua desenvoltura e engenhosidade. Talvez algo impensável pelo autor ao construir uma história que tem como pressuposto moralizantes posturas que reforçam a genialidade do herói, e constrói um vilão para lhe dar uma motivação na execução de sua tarefa de desvendamento. Encerrar a última página do diário mencionando Stapleton

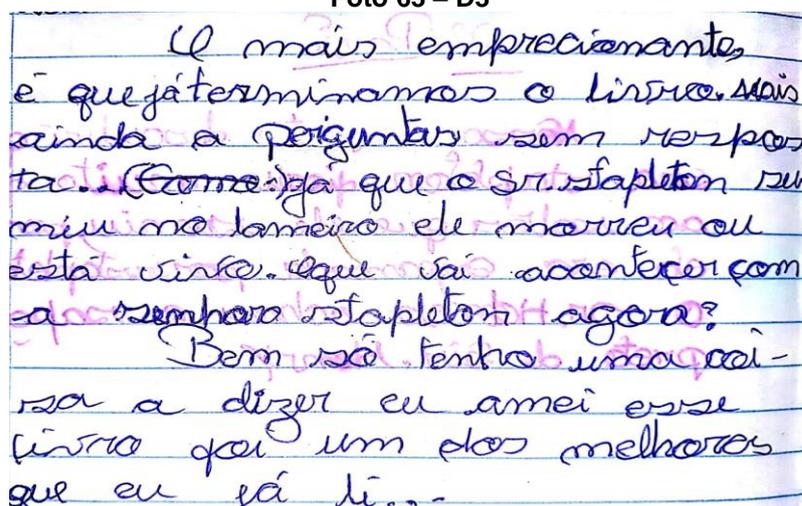
demonstra que as subjetividades afloram a partir da compreensão e valorização deste antagonista, como manipulador (a exemplo do esquema canônico de Greimas) da história, reconhecendo o seu papel na sua tessitura do enredo. E analisando mais profundamente, ocorre um certo amadurecimento na leitura e assume posições, quando se opõe às visões das estruturas das narrativas mais tradicionais, em que o mocinho recebe todos os louros e honrarias, por, talvez, já reconhecer as novas relações entre o heroísmo e a vilania, aspecto este que já vem sendo explorado pelo cinema. Muitos vilões, no cinema e séries, possuem tanto ou mais carisma que o herói mudando até o curso de muitas narrativas e novas releituras.

Outro ponto que merece destaque é o espaço para se comentar as relevâncias desta leitura específica e suas lacunas, quando o aluno se dispôs a se colocar como crítico do produto, tomando sua posição e se apropriando de seu papel de leitor que participa dessa relação com o texto e autor.

O D7, a exemplo, no segundo parágrafo, da foto 62, demonstra a reflexividade pretendida pelo trabalho de pesquisa e pela ação pedagógica, que partiu da ambientação do aluno e em busca de oportunizar experiências de leitura, com intuito de evidenciar que estas podem ser tão instigantes quanto filmes e jogos. Valendo dizer que, neste segundo parágrafo, ainda faz relação do livro com o cinema, porém enaltecendo o fato de poder criar suas próprias imagens. Quando o estudante consegue perceber essas intenções, é um ganho inestimável.

No entanto, as lacunas também são evidenciadas, conforme se percebe no trecho de D3:

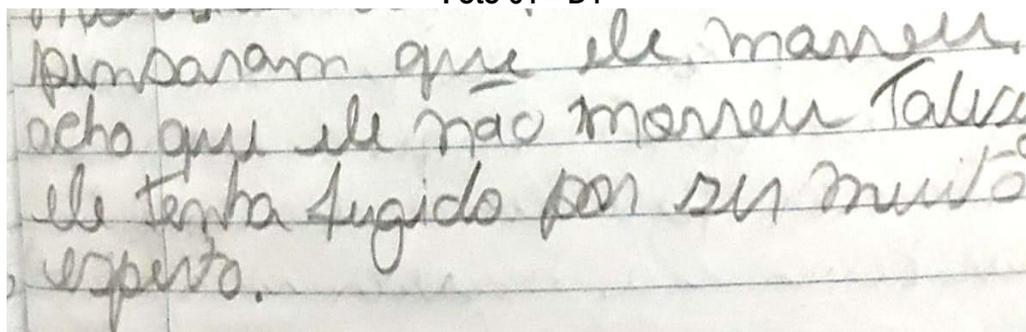
Foto 63 – D3



O mais empolgante
é que já terminamos o livro. Mas
ainda a perguntas sem respos-
ta. (Como já que o Sr. Stapleton sur-
tiu no começo ele morreu ou
está vivo. Que vai acontecer com
a Sra. Stapleton agora?
Bem, só tenho uma coi-
sa a dizer eu amei esse
livro foi um dos melhores
que eu já li...

Fonte: Arquivo pessoal

Foto 64 – D4



Fonte: Arquivo pessoal

Essas lacunas são percebidas em D3 e D4 que revelam que o desaparecimento do vilão não convenceu de que o caso foi realmente concluído, pela ausência de uma prova física de sua morte. Os modelos mais tradicionais das narrativas, conforme vimos nos estudos sobre semiótica, a necessidade de uma sanção é a catarse de uma purificação, da luta entre bem e o mal, em que ao herói cabe a glória e ao vilão a ruína e/ou a morte. O autor escolhe o sumiço, o afogamento do vilão no atoleiro Grimpen, mas o leitor fica com a impressão de uma volta desse vilão, por sua esperteza, precisando de uma prova mais contundente de sua morte.

Outra lacuna, evidenciada por D3, referiu-se à história de amor entre a Sra. Stapleton e Sir Henry Baskerville, que ficou sem o famoso *gran finale*, trazido, quiçá, de outro gênero em que se prevalece o “felizes para sempre”. “O que vai acontecer com a Sra Stapleton agora?” Esta escrita se dá porque no livro não há uma menção de que a Sra. Stapleton, que era espancada pelo seu algoz, teria um final romântico com o milionário e apaixonado Sir Henry Baskerville, apenas enfatizando sobre a viagem do rapaz para arejar a mente, e sem qualquer comentário sobre uma possível conversa entre eles diante das mentiras da mulher, já que escondeu sua real identidade. Esta necessidade de explicação, mais solicitada pelas meninas da sala, justifica-se para o leitor por que a história de amor, desenvolvida em meio a assassinatos, confabulações e intrigas, merecesse um final mais explicado, mais explorado, mais definido. Afinal, essa o romance entre as personagens foi um ingrediente que apimentou o enredo, e foi importante para motivar muitos na continuidade da história. Entretanto, conforme ainda evidencia D3 (foto 63), apesar dessa ausência, isso não prejudica a avaliação positiva do livro,: “(...) eu amei esse livro foi um dos melhores que já li”.

Foto 65 – D5

A outra coisa meio vaga é o suposto afogamento de Sr. Stapleton no atoleiro. Pois ele é uma das pessoas que mais conhece o lugar, mas porque ele morreria lá?

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “A outra coisa meio vaga é o suposto afogamento de Sr. Stapleton no atoleiro. Pois ele é uma das pessoas que mais conhece o lugar, mas porque ele morreria lá?”. (Transcrição de trecho)

Já D5, usando das atribuições específicas do gênero, parte de um pressuposto mais lógico que sustenta a sensação que o vilão não tenha sucumbido, embora o texto não se direcione para esse sentido neste momento da narrativa. Todavia, D5 argumenta enfatizando o fato sustentado pelo próprio texto anteriormente de que Stapleton era o mais profundo conhecedor do Atoleiro Grimpen e por ser um naturalista. Enfim, seja pelas faltas de provas materiais de sua morte ou mesmo pelo vilão conhecer bem o ambiente que trilhava e poder facilmente sair dele, sua morte não convenceu, e a necessidade de completude foi uma regra nos escritos, por isso o uso de “suposto afogamento”, confirmando tal prerrogativa.

Foto 66 – D5

Além disso, nós vimos o "cão dos Baskerville", a famosa lenda contada de geração em geração pela família. Ou pelo menos uma réplica criada por Sr. Stapleton para assustar o Sir Charles quando ele saiu da mansão para se encontrar com Laura. Acho que isso ficou meio vago, pois o livro não explicou o que houve em 1742 com Hugo Baskerville. Nada como um bom mistério literário, sempre deixando brechas para fazer com que o público fique com "uma pulga atrás da orelha".

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Além disso, nós vimos o cão dos Baskerville, a famosa lenda contada de geração em geração pela família. Ou pelo menos uma réplica criada por Sr. Stapleton para assustar o Sir Charles quando ele saiu da mansão para se encontrar com Laura. Acho que isso ficou meio vago, pois o livro não explicou o que houve em 1742 com Hugo Baskerville. Nada como um bom mistério, sempre deixando brechas para fazer com que o público fique com "uma pulga atrás da orelha". (Transcrição de trecho)

Segundo fotos acima, D5 ainda confronta a vaguidão relacionada à não explicação se o cão sobrenatural da lenda que assombrava os Baskervilles realmente existiu, o qual matou o antepassado de Sir Henry e Charles Baskerville, Sir Hugo Baskerville. Sabemos que a segunda história, a do inquérito, conforme discutida na teoria sobre o romance policial de enigma, concentra-se em apenas explicar uma primeira, a do crime. Daí se restringiu a explicar o caso fraudulento cão manipulado pelo Sr. Stapleton para ficar com a herança de seu primo Sir Henry Baskerville, já que o cão infernal que matou o antepassado Hugo Baskerville era apenas um pano de fundo, embora instigador da história. Porém, logo após constatar esse detalhe, D5 também se ressaltam as "brechas" do gênero que é fazer pensar e deduzir, ou seja, como ele mesmo diz, "deixar uma pulga atrás da orelha", evidenciando uma compreensão desse fazer literário, e de certa forma, reconhecendo-se como um leitor capaz de perceber essas nuances da leitura e valorizar esse aspecto, esse poder do texto de se fazer pensar.

Abaixo, D5 de igual maneira, apresenta uma melhor análise do capítulo final, intitulado *Um retrospecto*, posicionando-se diante dos aspectos positivos em que o texto retoma pistas e as explica, assim como os fatos não mencionados ou explicados, que não foram explorados pelo auto, complementando o que se demonstrou no parágrafo anteriormente:

Foto 67 – D5

Nesse capítulo de Sherlock, em uma conversa
 com o Dr. Watson, responde algumas
 perguntas que Watson faz ~~em~~
~~o~~ tipo: Como
 Dr. Stapleton conseguiu um cão tão gran-
 de? Como o cão nos ignorou e só
 atacou Sir Henry? De onde veio Sra.
 Stapleton? E essas coisas. Gostei do capi-
 tulo, pois ele explica questionamentos levanta-
 dos desde o começo do livro

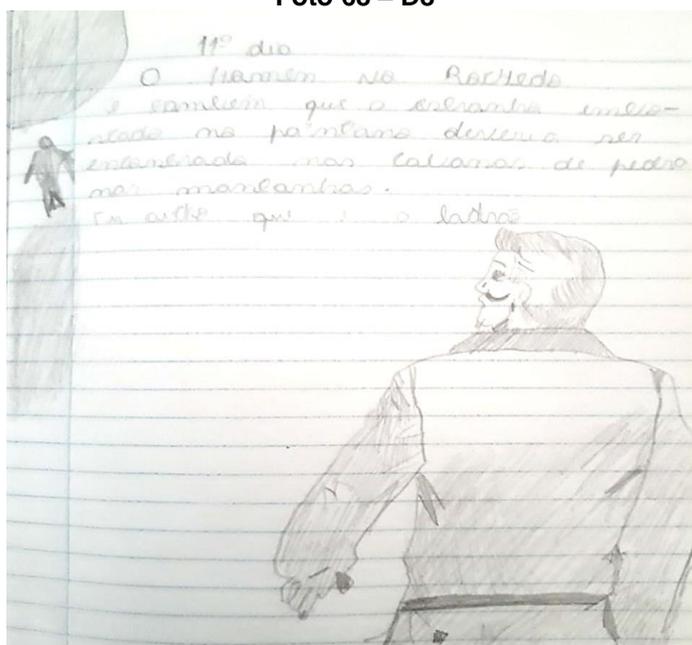
Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Nesse capítulo Sherlock, em uma conversa com Dr. Watson, responde algumas perguntas que Dr. Watson faz tipo: como Sr. Stapleton conseguiu um cão tão grande? Como o cão nos ignorou e só atacou o Sir Henry? De onde veio Sra. Stapleton? E essas coisas. Gostei do capítulo, pois ele explica questionamentos levantados desde o começo do livro". (Transcrição de trecho)

Essa percepção da retomada de aspectos do texto, dos capítulos anteriores, foi um bom recurso utilizado pelo autor, que didatizou a investigação, e foi logo percebido e aprovado pelo leitor atento ao desenrolar dos fatos, provocando um amadurecimento da leitura quando reflete sobre essas retomadas e consegue percebê-las com clareza.

É lógico que, numa sala de aula heterogênea, a recepção do texto se dá de modos distintos. As questões e a direção deste trabalho, que seria envolver ao menos a maioria dos alunos, pois sabemos que o percurso pela leitura requer certo tempo, foram realmente alcançadas. Muitos dos alunos com algumas dificuldades, seja de leitura ou escrita, tornaram-se participativos, utilizando a forma que conhecem para lidar com a leitura.

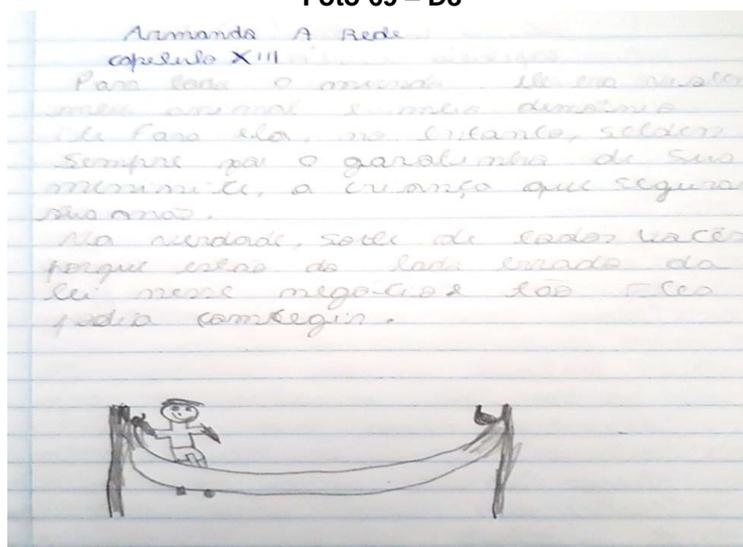
Foto 68 – D8



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “O Homem no rochedo e também que o estranho emboscado no pântano deveria ser encontrado nas cabanas de pedra nas montanhas. Eu acho que é o ladrão”. (Transcrição de trecho)

Foto 69 – D8



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “Armando a Rede
Capítulo XIII

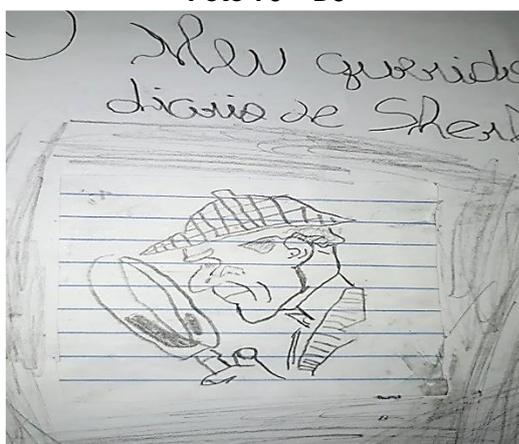
Para todo mundo ele era violento, meio animal e meio demônio. Ele para ela, no entanto, Selden sempre foi o garotinho de sua meninice, a criança que segurava sua mão. Na verdade, sorte de todos vocês, porque estão do lado errado da lei nesse negócio tão eles podia conseguir”. (Transcrição de trecho)

O D8, na escrita, transcreve muitas partes do texto, mas ilustra o compreendido. Na foto 67, evidencia o homem no rochedo que era misterioso, vale salientar que também se coloca, embora brevemente, quando faz uma breve

suposição “acho que é o ladrão”. Na foto 68, D8 dá uma interpretação do capítulo que se intitula “Armando a Rede” – capítulo em que Sherlock Holmes prepara uma armadilha para pegar o responsável pelo crime – redirecionando a sua experiência vivencial ao vocábulo rede e lhe conferindo o sentido de rede de dormir. Considerando que o capítulo retrata também o vínculo emocional da mulher do mordomo, Sra. Barrymore, com seu irmão assassino Selden, podemos ainda reconhecer ou interpretar a figura como a retratação metafórica de uma ideia de acolhimento, por esse viés emotivo que o capítulo suscitou, havendo, pois, uma ligação com a própria transcrição, sendo apenas esse momento narrativo destacado, quando houve outros com maior evidência.

Enfim, os aspectos subjetivos são inúmeros, seja na escrita ou nas ilustrações:

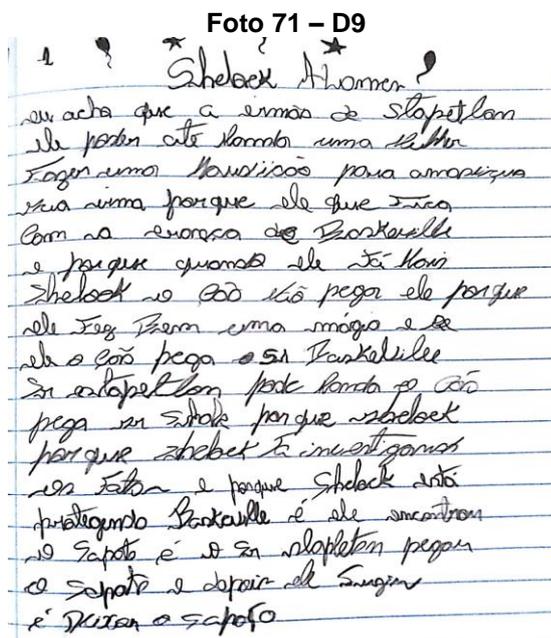
Foto 70 – D9



Fonte: Arquivo pessoal

O diário não tem pretensão de observar e fazer estudos de escrita, mas a escrita aqui é um recurso para se coletar os momentos de construção da leitura literária. Todavia, vale demonstrar que, mesmo alunos com dificuldades de escrita e até de formulação do pensamento, encontraram no diário um veículo para desmitificar essa escrita. Porém, isso não se deu de modo tão natural primeiramente, havia participação oral desses alunos, mas não escreviam o que colocavam nas falas. Sendo necessária a defesa do diário como um espaço de liberdade, que não se ia corrigir, mas detectar suas ideias, e que a entrega seria opcional. Abaixo se evidencia o resultado na escrita extensa de um aluno que até então lhe era resistente e seus processos de construção. Não pela escrita que a escola pretende, mas por ser uma quebra de visão desta para o próprio aluno que desprende de seus aprisionamentos,

e começa a exercê-la. Destacando que esta não foi a intenção deste trabalho de pesquisa, ou seja, a escrita como foco.



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “Eu acho que o irmão de Stapleton ele pode até mandar uma mulher fazer uma maldição para amaldiçoar sua irmã porque ele que fica com a herança do Baskerville, porque quando ele está com Sherlock o cão não pega ele porque ele fez bem uma magia e se o cão pegar o Sr Baskerville, Sr. Stapleton pode mandar o cão pegar Sherlock. Por que Sherlock? Porque ele está investigando os fatos e porque Sherlock está protegendo Baskerville, e ele encontrou o sapato e o Sr. Stapleton pegou o sapato e depois ele fugiu e deixou o sapato”. (Transcrição de trecho)

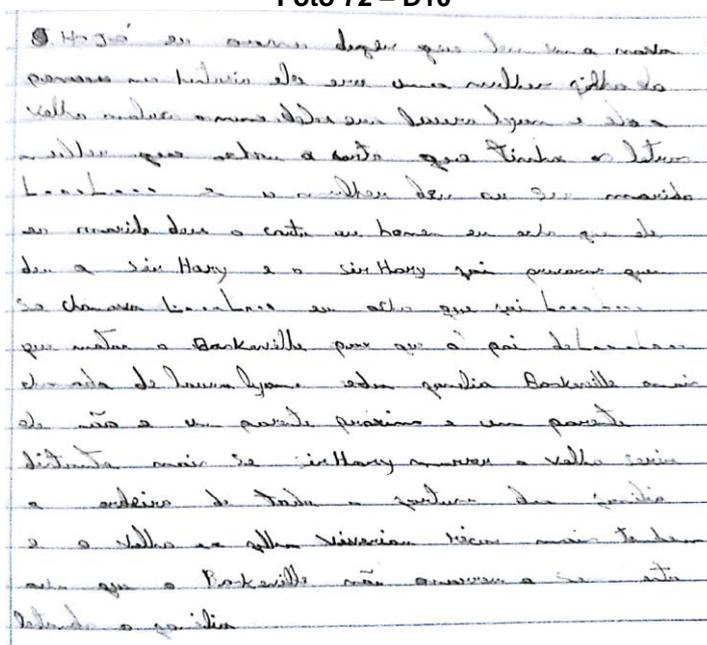
A transcrição acima foi acrescida de alguns aspectos relacionados à pontuação e ortografia para esclarecer as ideias. Percebe-se que, mesmo com dificuldades, D9 demonstra entendimento da história, resumindo-a, prevendo, tecendo suposições futuras, esclarecendo pistas e possibilidades. Tudo o que alunos mais dotados de propriedades de escrita o fizeram.

No início da pesquisa, tivemos como constatação que poucos alunos liam na turma, e as resistências em fazê-lo, e agora se percebem na escrita desses mesmos alunos os seus processos de leitura. Este é um dado que comprova sua eficácia. Eficácia porque promoveu transformações de posturas, no momento em que esses alunos se dispuseram a escrever sobre sua leitura. Havendo, conforme observado em D9, compreensão do que leu, colocando sua voz frente ao texto, percebendo seu papel no seu próprio processo de formação: uma educação realmente emancipatória.

Observando a foto seguinte, aborda-se outro viés deste trabalho, que pretendeu observar certos aspectos da leitura no leitor nesta análise dos diários, como

as suas subjetividades, interleituras, previsões, preenchimentos de lacunas, opiniões acerca do livro, numa visão de que todos esses aspectos contribuem para a formação de um leitor crítico, que deve ser considerado e respeitado.

Foto 72 – D10



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: "Hoje eu queria dizer que tem uma nova pessoa na história ela era uma mulher filha do velho maluco. O nome dela era Laura Lyons ela era a mulher que achou a carta que tinha as letras L. L. (...) eu acho que foi L. L. que matou o Baskerville porque o pai de L. L. é da família Baskerville, mas ele não é um parente próximo, é um parente distante; mas se Sir Henry morrer o velho seria o herdeiro de toda a fortuna da família, e o velho e filha ficariam ricos. Mas também acho que o Baskerville não morreu, só está testando a família". (Transcrição de trecho)

Noutros escritos aqui evidenciados, e mesmo na foto acima, percebe-se um fato curioso que não deve ser colocado à parte: a capacidade de se criar novas possibilidades de enredos e outras histórias paralelas a cada suposição, sejam estas provindas pelos vazios propositais deixados pelo autor, seja pela relação vivencial dos alunos com suas interleituras, ou suas subjetividades, ou até pelos enganos de leitura, dentre outros. Essas possibilidades são tão ou mais ricas quanto as que o autor escolheu para direcionar o enredo e os caminhos de sua história. E, por isso, este fator nos remete a dimensões bem maiores do que as que um trabalho-pesquisa pretendeu em primeira instância. Quando se almeja o envolvimento literário com algumas práticas pouco exploradas, as trilhas que se abrem ao longo das observações nos surpreendem e nos deparamos com um alargamento do campo de visão de leitor, que, nas lacunas, engendrou até outras narrativas. Coisa não rara, se

nos remetermos ao fato de que, muitas vezes, esse mesmo leitor tomou as rédeas das personagens, produzindo suas *fanfics*, criando um universo paralelo em que todas as possibilidades são viáveis. O próprio personagem Sherlock Holmes foi apropriado pelo público quando seu criador não mais o desejava, algo que foi inédito na história da cultura de massa, e que nasce dessa interação constante, e que ultrapassa limites previstos. E nesse tempo em que interação faz parte de todos os fazeres não poderia ser diferente.

A curiosidade que não se pode deixar de destacar é o princípio de aceitação das regras do jogo por esta turma. Em linhas gerais, a turma conhece bem os meios tecnológicos, e sabe dos livros disponíveis na internet em PDF, inclusive o que estivemos trabalhando, no entanto, nenhum destes alunos se antecipou na leitura do livro, na tentativa de descobrir os próximos passos do detetive, burlando a regra de que a leitura deveria se dar na escola e as informações do enredo seriam dadas quase que simultaneamente a todos. Talvez a leitura que se compartilha, bem como o “fazer uso” dos horários de aulas para ela, daria mais prazer e sentido ao aluno, como demonstrado na *foto 40*, em que aguardam o início da aula, com prontidão, sem ser necessário convencê-los ou pressioná-los a dirigir-se à sala de leitura.

Foto 73 – D5

Hoje nos tivemos uma aula de química sobre o fósforo (elemento que aparece no livro O cão dos Baskerville no fucinho do cão)

Também achei estranho do cão não ter morrido com o fósforo branco, levando em conta que ele é tóxico. Talvez na época eles não sabiam que o fósforo tem essa propriedade, como o que acontecia com a heroína, ou que o cachorro (levando em conta seu tamanho e peso) não tenha sido tão afetado por esse elemento.

Fonte: Arquivo pessoal

Nota: “Hoje nos tivemos uma aula de química sobre o fósforo (elemento que pareceu no livro O cão dos Baskerville no fucinho do cão). Também achei estranho do cão não ter morrido com o fósforo branco, levando em conta que ele é tóxico. Talvez na época eles não sabiam que o fósforo tem essa propriedade, como acontecia com a heroína, ou que o cachorro (levando em conta seu tamanho e peso) não tenha sido tão afetado por esse elemento”. (Transcrição de trecho)

*heroína (droga)

É interessante destacar um ponto de encontro entre as oficinas com outras áreas que também foram evidenciados pelos alunos nos diários, a exemplo do texto acima que considera a aula de química sobre o fósforo, utilizado por Stapleton para dar ar fantasmagórico ao cão. Compreende-se suas ligações com a história, de seu caráter científico, das reais possibilidades que dá verossimilhança ao enredo, todavia, ao mesmo tempo, considera outros pontos questionáveis: o caso do fósforo ter potencialidade tóxica e não ter matado o cão, abrindo reflexão sobre o seu uso no livro: ou o autor não sabia que era tóxico, ou o peso e tamanho do cão o tornavam resistente.

De qualquer maneira, todas as colocações mostraram as multi subjetividades e formas de interagir com o texto, e perceber-se como atuante e não passivo diante de uma informação ou direção dada por ele, mas com ele dialogar em busca de completudes de si no texto e do texto em si.

Assim apontar os resultados resume-se em afirmar que a experiência da aplicação dessa ação pedagógica de fomento ao letramento literário, utilizando-se do romance policial e do diário de leitura, intercalados, claro, com práticas de motivação, foi exitosa.

Isso se evidencia nos escritos aqui trabalhados, mas também numa rotina de leitura que se criou no ambiente escolar, sendo compartilhado por outras turmas da escola, inclusive do Ensino Médio, na mesma direção, ou seja, fazendo uso do diário de leitura, porém, com outros gêneros narrativos, com romances *best sellers* e canônicos. Isto porque houve reconhecimento social deste trabalho dentro da escola: a sala de leitura, antes provisória, ambiente emprestado para a efetivação deste projeto de mestrado especificamente, num prazo determinado para funcionamento, hoje ganhou status de permanente dentro da escola pelo papel educativo desempenhado. E a presença de interação entre áreas de conhecimento, que fazem uso da literatura para seus encontros e diálogos, tornou-se uma ação constante, que se concretiza neste ambiente vivo de leitura.

Abaixo, há alguns registros do uso do espaço das aulas para a leitura: as novas leituras da turma em que foi realizada a ação interventiva, bem como outras turmas a que a experiência também foi estendida.

Foto 74 - Novas leituras da turma

Fonte: Arquivo pessoal

A turma leu um segundo livro a livre escolha de cada um, conforme foto acima. Valendo destacar que dos 22 alunos, 18 concluíram a leitura fazendo uso também do diário de leitura e apresentação em evento que envolvia uma conversa sobre suas leituras e lanche para sempre uma associação da leitura ao prazer.

Abaixo as fotos mostram momentos vivenciados com a expansão dessa experiência com os diários de leitura a turmas do Ensino Médio, no entanto os alunos eram orientados a escolha de suas leituras de maneira bem eclética, indo *dos best sellers* aos clássicos.

Foto 75 - Trabalho estendido a outras turmas do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 76 – Trabalho estendido a outras turmas do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 77 - Parceria com professores de História e Filosofia/Sociologia no Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 78 - Parceria com professores de História e Filosofia/Sociologia no Ensino Médio



Fonte: Arquivo Pessoal

As fotos acima revelam também a parceria com professores leitores e amantes da literatura trouxeram valiosas contribuições nas discussões acerca das leituras executadas por cada aluno, trazendo reflexividade e alimentando o gosto pela literatura e expandindo seu universo. Conhecer seu alcance e diálogos com outras áreas do conhecimento foi comprovar sua dimensão humana e humanizadora, conforma nos revela Candido.

Apesar de ter sido uma experiência exitosa, no entanto não foi fácil. As dificuldades se deram, é óbvio, mas a fórmula para superá-las está na inventividade, na observância, nos estudos, a mais do que tudo na persistência. Além do que

conquistar a adesão de parceiros e conscientizar-se de que não se realiza nada sozinho é imprescindível, e que tudo parte da interatividade, da consciência de estado de coisas, e da percepção de que os estudos devem ser uma constância na vida do professor, e se este se quer um pesquisador, precisa transformar-se para transformar, e precisa perceber a escola se compõe de diversidades de talentos e saberes, e que nada se conquista sozinho. Quando se diz a necessidade de parceiros significa dizer que todos são essenciais, tanto alunos e professores, quanto família e gestão.

Cabe destacar uma grande conquista dessa parceria que foi a efetivação da sala de leitura como espaço permanente dentro da escola, com a alocação de professor responsável, oficializando o espaço. Sendo importante enfatizar que a sala de leitura com um ambiente aconchegante foi uma conquista que não se deu de cima para baixo, mas que conquistou seu lugar permanente e diário por uma ação rotineira e contundente, que conseqüentemente significou a abertura de espaço dentro das aulas para a leitura literária, sem a visão de se estar perdendo conteúdo, o que vem mostrando sinais favoráveis. Isto porque se crê em aulas de Literatura, sem a tão-só historicidade característica da escola e os esquemas de marcas de cada período, mas que se sustenta na leitura como seu fio condutor, sua estratégia-mor. Gerando a compreensão e a defesa da leitura literária que pode partir de uma Literatura nascido dos meios atuais, dos *best sellers*, mas que também compreende e estimula a leitura dos clássicos ou dos literatos contemporâneos, que trazem grandes reflexões e aprimoramento humano e atravessam gerações. E como diz Umberto Eco *nem apocalípticos, nem integrados*, mas que crê na formação de um leitor capaz de transitar em todos os espaços da literatura, sabendo que não se trata de literatura com letra maiúscula ou minúscula, mas que são validadas pelas necessidades que se fizerem presentes na vida cotidiana de qualquer leitor, e que uma não exclui a outra.

7 CONCLUSÃO - FECHANDO O DIÁRIO: DECIFRANDO O ENIGMA

Uma dissertação de mestrado é sempre uma travessia. Nasce ela de uma vontade que surge no cotidiano escolar em se resolver as coisas que não estão funcionando bem, e como uma travessia, uma jornada, preparamos nossos pertences com o que temos ou que precisamos para que nada nos falte no caminho.

Munimo-nos de teorias e livros, que nos fazem compreender melhor o que não víamos com tanta clareza e encontramos os modos de fazer. Esses modos de fazer, no entanto, não estão lá nas teorias, esmiuçados, detalhados; apropriar-se deles ainda exige criatividade, propósito e vontade. Falar de um texto científico e de seu rigor sem mencionar esses aspectos subjetivos da travessia é negar nossa humanidade de que subjetividade ocupa espaço considerável, e falar de literatura e seu fomento sem se referir às impressões, a nuances menos técnicas, é também negar seu caráter humanizador. Dessa maneira, justifica-se o início deste último momento de escrita.

Na verdade, nunca sabemos a que parada estaremos submetidos em cada hospedaria desse caminho. Apesar do mapa que traçamos antes de começar. Sempre uma trilha nova nos convida a um novo olhar que pode até mudar os trechos que antes considerávamos imprescindíveis.

Traduzindo, a pretensão desta pesquisa era somente tentar suprimir uma dificuldade de leitura que esses alunos apresentavam, e nesta série específica; este foi o ponto de partida. Os questionários deram forma aos tracejos que direcionavam pela presença marcante de literatura na vida desses alunos, diluída na rapidez da imagem, dos jogos, dos aparatos da *Indústria Cultural*. E lutar contra uma realidade é negar as novas roupagens das mudanças, mas aceitá-la e usá-la em prol de um propósito maior foi a principal tomada de decisão, daí escolha do livro, do herói, que é um misto de antigo e novo, o novo reinventado constantemente. O resultado foi obtido: a turma específica terminou com louvor, mostrou evolução na leitura literária em vários momentos do cotidiano e a leitura realmente se tornou efetiva quando eles leram o segundo volume de livros de sua escolha: *Percy Jackson*, *Moby Dick*, *A Tulipa Negra*, *Assassinatos na Rua Morgue*, *Caçadores de Trolls*, dentre outros.

Isso já deixaria qualquer educador satisfeito, no entanto trata-se de uma pesquisa-ação que não se esgota num tempo e espaço definidos, isso porque envolve outras pessoas dentro da comunidade escolar, e ganha, assim, proporções que

superam as ideias iniciais, abrangendo outras dimensões muitas vezes impensáveis quando se concebe os prelúdios deste trabalho, como exemplo citamos: a criação de um espaço de leitura, a percepção de aulas de leitura na hora/aula, o trabalho conjunto com áreas do conhecimento que reconhecem o valor da literatura nesse processo de humanização e como forma de diálogos na construção do saber e do ser. E mais: o compartilhamento com outros alunos, a quem o trabalho não foi destinado essencialmente, mas que também compartilharam deste espaço e dessas atividades, com alguma adaptação, e responderam de forma não muito diferente, ou seja, de modo bem satisfatório, tendo por parâmetro a leitura crítica e a familiaridade com esse universo literário. Isto tudo englobaria uma outra faceta da pesquisa, e por que não dizer, uma outra pesquisa, que pode sim ser desenvolvida dentro da escola, num momento futuro, tendo em vista as ferramentas teóricas e práticas adquiridas.

É imprescindível mencionar também que dificuldades se apresentaram, principalmente quando parte de um trabalho construído que nos remove do espaço do comodismo das práticas cristalizadas para nos realocar noutra espaço criativo, e, por ser assim, é natural que não se passe em brancas nuvens. A motivação encarada como um ponto imprescindível por si só já nos prepara para uma disposição mental pronta a se reinventar diante de alguns desestímulos, o que ajudou a ter um posicionamento mais flexível a cada nova investida. O uso do *QR Code*, acoplado ao quadro construído com recorte-colagem em que se expuseram as personagens, foi um exemplo disso, visto que foi dado quando se percebeu uma certa confusão entre personagens e fatos nos primeiros escritos ou mesmo nas falas dos alunos; assim como a escolha de se utilizar uma novidade ajudou a dimensionar a visão de que a rotina, embora benéfica, também deve dialogar com o novo e com a surpresa, a exemplo tivemos a inserção do violino no cenário, ou do laboratório de Sherlock, ou de um jogo de xadrez, ou mesmo um videogame, de modo a interagirem com os alunos no ambiente e na leitura. Tudo isto evidencia que essa proposta, contida nas sequências expandidas de Cosson, não é uma construção fechada, mas que replaneja conforme as respostas dos alunos. E como toda travessia, há momentos de ondas mais ferozes que ao invés de derrubar o barco, deve servir para impulsionar suas resistências, e tornar a prática resistente aos ataques e ao balanço do mar, desmetaforizando, pode-se dizer que se deve usar as dificuldades para se reinventar em cada ação num trabalho que tenha essa pretensão de envolvimento.

Sobre a escrita nos diários, nem tudo foi posto: quantas colocações não foram registradas na escrita, mas estiveram nas falas, ou mesmo nos pensamentos, porque é difícil ainda se acreditar em si, no seu dizer, em busca da aprovação de um leitor mais experiente quer e sabe ouvir. Isto numa modelo de escola que se acostumou a dimensionar e restringir os olhares na leitura ao longo dos anos.

Além disso, relatando os momentos mais intempestivos desta travessia, consiste no convencimento de que a sala e leitura pode ser um espaço importante a ser utilizado por todos e não apenas professores de língua. E como qualquer professor, que se reinventa como pesquisador, que se convence de que seu trabalho está sendo produtivo e quer partilhar com outros, vale destacar que o diário de leitura foi estendido a outras turmas da escola, que também quiseram partilhar daquele espaço, diferenciado das duras carteiras, e as parcerias com professores que viram nessa junção algo valioso para suas práticas. Essa associação com a professora de História e como o professor de Filosofia e Sociologia (foto 77 e 78) que não estiveram mencionados nas oficinas das sequências didáticas da turma pesquisada, mas que abraçaram a ideia noutros contextos, e cujas dimensões dariam respaldo para uma outra pesquisa. Mas vale pelo caráter democrático da pesquisa que se faz aplicar a outrem, mas que também se recria, repensa a si mesma enquanto tal, e que se percebe que as dimensões e ramificações de um trabalho desse tipo toma dentro da escola são infindáveis e desembocam em muitas outras ações. Isso não porque se exige um professor salvador, ou um pesquisador ousado e perspicaz, mas porque é uma pesquisa que se faz com parceiros, que enxerga todos como sujeitos, actantes, na engrenagem da escola, da comunidade escolar e até extraescolar.

É óbvio que não se atinge o gosto literário em 100 por cento da turma trabalhada, mas se introduziu um espaço para a leitura, que não foi de maneira imposta, mas conquistada, pois os próprios alunos exigiram sua permanência na escola, assim como se direcionou para novas práticas, que consideram a pesquisa pelo professor, que se assume enquanto pesquisador, e assim pode revisar criticamente sua prática pedagógica sempre.

Quando concluímos essa travessia, percebemos que novas viagens são feitas, novas ramificações do trabalho se apresentam e queremos perceber se até dados numéricos poderiam ser detectados. Para tal, mesmo não tendo por foco a vertente quantitativa para a pesquisa, a cargo de exemplificação, vale relatar um dado elucidativo: no ano anterior, 2016, constam 180 empréstimos realizados, já em 2017,

ano de desenvolvimento da intervenção, que também foi estendido a outras turmas, por meio de outros parceiros, o número subiu para 331 livros emprestados (ver anexo D e E). E já neste ano de 2018 tivemos mais de 100 livros emprestados sem qualquer requisição do professor, ou seja, lidos de forma espontânea (ver anexo F). Claro que isso não significa que tudo está resolvido, mas alguma transformação já se delineia relativo ao gosto literário. E se ainda os mais requisitados são os *best sellers* significa que demonstrar ao leitor o encantamento pelo canônico pode ser também uma aventura fantástica num aprofundamento reflexivo. E aí está o papel do professor, na construção do saber transitar em todas as literaturas é o que faz um leitor proficiente, e nos faz humanos, pela reflexividade que a literatura encerra, seja qual for sua roupagem, de massa ou canônica.

Outro ponto de reflexão é que muitas vezes se acredita que recomendar um livro a cada bimestre é motivar a leitura, e se torna suficiente. Não, não é suficiente, pois desconsideramos outros aspectos que devem permear essa leitura que é o envolvimento e, assim, o nascer do gosto, do letramento literário. Pesquisar, estudar, promove uma maior acepção da realidade e norteia novos olhares. Se o aluno lê, mas lê de forma diferenciada do que o professor e seus manuais recomendam, é preciso compreender essa leitura, para então se direcionar a leitura que o mercado, o ensino, e mesmo a sociedade irá cobrar deste estudante, porém que não se coloque de lado suas subjetividades nessa construção. Um fato curioso que não poderia deixar de levantar é uma das dificuldades foi convencer o aluno que ele poderia escrever o que quisesse, sem medo dos erros, inicialmente, das correções escritas ou de leitura. Dessa maneira, a escolha por uma literatura próxima ao universo do estudante, e que seja capaz de propiciar-lhe reflexões, que o deixasse supor, tecer, imaginar, extrapolar, rir e se emocionar, e que encarasse seus erros e enganos como processo construtivo, e assim pudesse julgar os escritos do escritor, ou mesmo perceber as incompletudes do texto já configura um amadurecimento deste leitor, conforme já demonstrado nos enxertos do diários.

Além disso, uma ideia de parceria, a de que todos são atores, jamais coadjuvantes, mas protagonistas de sua formação, seja como professor-pesquisador, que forma parcerias, ou com o aluno que, instigado, motivado por práticas educativas não gratuitas, ou empíricas, mas que surgem de estudos e neles se sustentam, torna-se também responsável pela sua formação.

Toda travessia se ressignifica não apenas porque algo nos instiga a seguir até o encontro de um ponto, de um objetivo, de uma meta. Mas esta se efetiva no processo de caminhada, ou do navego, seja a passos ou a remos, isto se configura nos recursos utilizados para se seguir e para se chegar. O programa PROFLETRAS nos forneceu esses instrumentos que são as trocas, os diálogos, a construção de uma nova pessoa, e que não é apenas o estudante _de quem falamos por horas de suas dificuldades e necessidades para que o domínio da leitura e de outros aspectos da língua_, mas de nós mesmos, enquanto professores. Aprender a ser outro, assumir outra função, a de pesquisador, faz-nos sair de nós mesmos, dos mundos engessados que parece direcionar todos os caminhos que julgamos que o aluno deva seguir para o sucesso de suas próprias travessias, com fórmulas prontas, pensando sermos guias. Saindo de nosso *eu-professor*, é possível enxergar outro prisma, e ter atitude investigativa da realidade para se poder ser interventiva, dando-se daí o nascer de um *eu-investigador*. Isto nos faz perceber que os problemas que vivenciamos não nos tornam capazes de saná-los, porque esse saber está enevoado por práticas que se repetem sem qualquer resultado, sem considerar contextos, sem considerar os estudos. Os estudos, por sua vez, nos dimensionam nesse sentido, desnevoando as visões e as potencialidades, não no sentido de que devemos destrinchar teorias aos quatro cantos, mas que estas se acoplam à nossa inventividade, dirige-nos à criatividade, numa relação de diálogo e interação, com um fim que é melhorar muitos aspectos de nossa sala de aula. E dessa maneira deve ser essa relação desses eus, cíclica e dialogal, entre professor e pesquisador. A interação não exclui, mas soma e acrescenta, seja também entre professor e aluno, pesquisador e leitura, professores e professores de tantos lugares, reunidos numa sala de aula de uma universidade numa sexta-feira, ou seja, na quase-solidão dos estudos e escritos no encontro com a teoria e sua tradução para a oficinas interventivas. Este foi o PROFLETRAS, mais que um programa governamental de formação, mas algo que trouxe as dimensões subjetivas e humanas que esses momentos de interação potencializaram e cujas ramificações prometem ser diversas, uma vez que deu o suporte para novas leituras e ações, no aprofundamento das visões do professor-pesquisador que se inquieta com a realidade e busca as transformações humanas e sociais ao longo de sua jornada, em novas travessias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. O Mundo emocionante do romance policial. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

ALVES, Maria da Penha Casado. O diário de leitura e o exercício da contrapalavra. In: ZOZZOLI, Rita Maria Diniz; OLIVEIRA, M.B.F. (Orgs.) Leitura, Escrita e Ensino. Alagoas: EDUFAL, 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do discurso: Fundamentos Semióticos. São Paulo: Atual, ed. 1, 1988.

_____, & FIORIN, José Luiz (Org). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidades: em torno de Bakhtin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, ed. 2, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

CALDAS, Waldenyr. Literatura da Cultura de Massa: uma análise sociológica. São Paulo: Musa Editora, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLI, Jorge. Leitura e leitores. Folha de S. Paulo. São Paulo, 18 fev. 2007. Caderno Mais.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luiza de, JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

DOYLE, Arthur Conan. O cão dos Baskervilles (Tradução Antonio Carlos Vilela). São Paulo: Editora Melhoramentos, ed. 2, 2009.

ECO, Umberto. Apocalíptico e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. O super-homem de massa. Retórica e ideologia do romance popular. São Paulo: Editora perspectiva, 1978.

_____. Lector in. Fabula. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. Para Entender o Texto. (Leitura Redação). São Paulo: Ática, 1995.

JAMES, P.D. Segredos do romance policial – História das histórias de detetive. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e Compreender: Os sentidos do Texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Orgs). O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação. Pelotas, RS: Educat: 1999.

MACHADO, Anna Rachel. O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A; 2006. Disponível em: <http://web.me.com/rrojo/...Rojo/...leitura.../Rojo_2004_CapacidLeitura_1.pdf>. Acesso em 20/05/2016.

_____. Letramentos múltiplos: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou O mordomo não é o único culpado). In: A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Retratos da leitura no Brasil / São Paulo: Instituto Pró-livro, 2015. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 12/10/2016.

REIMÃO, Sandra Lúcia. O que é romance policial. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013.

SODRÉ, Muniz. Best-seller: A literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.

TAVARES, Braulio. Sherlock, o primeiro detetive. Carta fundamental: a revista do professor. São Paulo: Confiança, nº 62, p. 20-23, outubro, 2014.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 7ª edição. Editora São Paulo: Cortez, 1996.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do Romance Policial. In: As estruturas narrativas (tradução Leyla Perrone-Moisés). São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. A formação do leitor de literatura: histórias de leitores. Tese de Doutorado em Letras. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário de Diagnóstico A (aos alunos da turma)

Pseudônimo _____

Idade _____

Série _____

QUESTIONÁRIO**Leitura e ensino-aprendizagem**

1- Qual sua maior dificuldade na aprendizagem de Língua Portuguesa (leitura, escrita gramática)? Por quê?

2- Que leituras você prefere?

() Gibi () Histórias de aventura () De mistério e terror () Românticas
() Ficção científica () Suspense () Outros. Quais? _____

3- Quantos livros você concluiu a leitura no ano passado? E neste ano?

4- Você já começou um livro e não o concluiu? Por quê?

5- Em que ocasião você mais lê?

() Quando a escola exige, pois vale ponto () Quando os pais impõem
() Quando os pais estimulam () Por você mesmo

6- Para você qual é a importância da biblioteca? É um lugar agradável? Se sim, por quê?

7- Com que objetivo você vai à biblioteca da escola? (ex.: ler, fazer atividades e pesquisas, conversar com amigos, explorar os livros novos)

8- Você tem livros em casa? Quais os gêneros (romance, aventura/ação, poemas, mistério, enciclopédia, infantis)?

9- Qual é o seu parente que mais realiza leituras (física ou virtual)? E de que tipo?

Tecnologia

10- Você está em alguma rede social (whatsapp, facebook, instagram, twitter, snapchat)?

11- Que tipo de leitura você mais gosta nessas redes? (emotions, memes, mensagens, áudios, vídeos, reportagens, notícias, poemas?)

12- Que outras leituras você faz na internet, em sites, rotineiramente? Com qual objetivo (informação, diversão, pesquisa da escola, literatura (histórias e poemas), fanfics?

13- Quanto tempo você fica conectado por dia? _____

14- Você acha que a permanência demasiada na internet atrapalha a leitura de livros? Explique.

15- Quais livros ou textos muito marcaram sua vida? Você os indicaria? Por que e quais são?

16- Que livros você gostaria de ler? Onde você ouviu falar deles (tv, internet, parentes, amigos, sugestão da biblioteca)?

Consumo

1- O que você mais gosta de comprar? _____

2- E de presentear? _____

3- Um produto caro é o melhor na sua concepção? Explique.

4- Que tipo de presentes seus pais ou familiares lhe dão em ocasiões especiais?

5- E em dias comuns, que tipo de presentes você recebe de familiares?

6- Enumere os melhores presentes por ordem de valor pessoal – do primeiro ao décimo lugar, o que você prefere. (De 1 a 10)

() celulares ou outros equipamentos eletrônicos e tecnológico

() roupas e calçados

() perfumes

() livros literários (histórias, poemas, gibis)

() maquiagem e acessórios

() brinquedos e jogos

() viagens

() enciclopédias, revistas (livros)

() DVD

() Outros. Qual? _____

APÊNDICE B - Questionário de Diagnóstico B (aos bibliotecários da escola)**Pseudônimo** _____**Função: Bibliotecário Escolar****QUESTIONÁRIO**

1- Há quanto tempo trabalha na escola? _____

2- Quais são as maiores dificuldades de sua profissão?

_____3 A seu ver, a biblioteca é um espaço movimentado no ambiente escolar?

_____4- Quais as principais razões do aluno vir à biblioteca?

_____5- Para você, qual a função da leitura na formação do aluno?

_____6- Quais os gêneros de leitura mais procurados pelos alunos?

_____7- Essa procura se dá por livre espontânea vontade do aluno ou por exigências de professores?

8- Os alunos usam a biblioteca para ler obras literárias? Que leitura é mais recorrente?

9- Qual é a faixa etária ou série que mais procuram os livros e a que menos os solicitam?

10- Você percebe se os alunos que devolvem os livros de fato o concluíram? Eles o comentam para você ou para outros?

11- Você consegue perceber mudanças no perfil do leitor, ou a frequência dos empréstimos em relação aos tempos passados e atuais? Comente.

12- É comum se falar que o brasileiro não lê, com base em pesquisas, e até na observância do senso comum. A que você atribui a ausência da leitura?

13- Em que isso prejudica a vida das novas e atuais gerações na sua concepção?

14- O que precisaria ser feito para amenizar essa problemática?

15- A seu ver as leituras hoje são feitas de modo superficial? Por quê?

16- Na sua opinião, o uso da tecnologia (em redes sociais, sites) ajuda ou atrapalha a leitura eficaz dos alunos? Comente

17- Você estaria disposto (a) a contribuir para isso, dentro da realidade de sua escola? Como?

ANEXOS

ANEXO A - Autorização de uso de imagem dos alunos assinada pelos responsáveis.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Maria Edyene Trajano de Azevedo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de Celestino Odair Trajano Lopes por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Maria Edyene Trajano de Azevedo
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, FRANCINETE ARAÚJO SILVA

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

DALYANNE TEREZINHA ARAÚJO SILVA

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Francinete Araújo Silva

Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik

Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Maria da Guia de Lina

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Paulo Junior de Ara Barros

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Maria da Guia de Lina
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Maria da Guada Silva

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de Edgard Scheinam Gomes da Silva por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Assinatura do responsável pelo menor

Maria da Guada Silva

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Joovana Moreno de Oliveira

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de Silken Rachelle Moreno Campos por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Joovana Moreno de Oliveira
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, JUCIARA MARIA DE ASSIS

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de FILLIPHE NATANAEL DA ASSIS AZEVEDO

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Assinatura do responsável pelo menor

* *Juciara Maria de Assis*
Assinatura do pesquisador responsável

* *Maria dos Milagres Zeferino Uyanik*

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

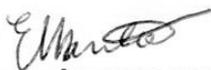
Eu, Edileuza Marcel Dantas

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Lauro Gustavo Dantas Monteiro
por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.



Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Estela Regina Silva Bezerra

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Leonardo Corazelo de Silva Gomes

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Assinatura do responsável pelo menor

Estela Regina Silva Bezerra

Assinatura do pesquisador responsável!

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Denise Campelo de Araújo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de Leonardo Marcelo de Araújo Batista por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Assinatura do responsável pelo menor

Denise Campelo de A.

Assinatura do pesquisador responsável!

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, MARIA DOS MILAGRES ZEFERINO UYANIK

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de MARCOS GABRIEL ZEFERINO DA SILVA por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Morizildo Bezerra dos Santos N.

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar a ^a Nathalya Graziela Santos pereira ^a exibir a ^a imagem de ^a de por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Morizildo Bezerra dos Santos N.
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Elizama Dantas de Araújo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de Nikoly Emylle Dantas da Silva por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Assinatura do responsável pelo menor

Elizama Dantas de Araújo

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, CÉLIA PEREIRA

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes a fixar, armazenar e exibir a imagem de* PÂMELA CIBELLE PEREIRA DA SILVA por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Célia Pereira

Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Zuleide Oliveira de Araújo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Rael Lyedison de Araújo Silva
por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Zuleide Oliveira de Araújo
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Clediane Souza Silva de Araújo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Francisco Samuel da Silva Araújo
por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Clediane Souza Silva de Araújo
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Raiana Raquel da C. Silva

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

TALITA CONCEIÇÃO DA SILVA

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Raiana Raquel da C. Silva
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

**ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ
COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)
PARA MENOR DE IDADE**

Eu, Maria Edjane Trajano de Azevedo

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: *O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes* a fixar, armazenar e exibir a imagem de

Karolayne Kelly Trajano Lopes

por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inseri-los nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

Maria Edjane Trajano de Azevedo
Assinatura do responsável pelo menor

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik
Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

ANEXO B - Autorização de uso de imagem dos professores parceiros, agente dos correios, investigador policial, alunos do Ensino Médio e do Clube de leitura.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

AUTORIZO Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Currais Novos-RN, autor da pesquisa intitulada: O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: Letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de fotografia e vídeo com o fim específico de inserir as informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada.

Cruzeta, 10 de dezembro de 2017.

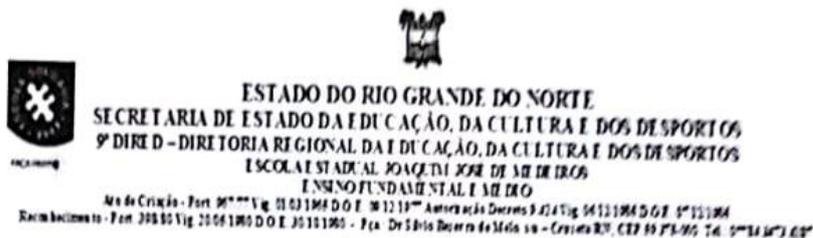
Assinatura do participante da pesquisa

Haroldo Santos da Silva (professor)
João Carlos de M. F. F. (professor)
~~JOSE MARCOS DE SILVA FERREIRA (policial)~~
Roberto Henrique Silva Brito (Clube de Leitura)
Aline Gabriele de Oliveira Gomes (Aluna do Ens. Médio)
L. R. C. Albi (Aluna do Ens. Médio)
Andressa Milani da Silva Pereira (Aluna do Ens. Médio)
Andressa Milani da Silva Pereira (Aluna do Ens. Médio)
Luiz Manoel Rodrigues Vasconcelos (Aluna do Ens. Médio)
Analysta da Silva (Agente dos Correios)
Alina Camilla Afonso da Silva (Clube de Leitura)
Carolina Viana de Souza (Aluna)
Jauna Gomes da Silva
Cláudia Yuri de Souza Silva
Cláudia Yuri de Souza Silva
Caroline Souza Regis dos Santos
Caroline Souza Regis dos Santos
Thiella Caroline Tavares da Costa
José Gilvanil Santos da Silva
Francisco Mateus da Silva

Assinatura do pesquisador responsável

Maria dos Milagres Zeferino Uyanik

ANEXO C - Autorização do gestor da escola acerca do uso do nome e dados da escola para a presente pesquisa



PRÊMIO NACIONAL DE REFERÊNCIA EM GESTÃO ESCOLAR 1999/2000/2005

Autorizo o uso e a veiculação do nome da Escola Joaquim José de Medeiros, de fotografias e de dados para a pesquisa de mestrado realizada pela Professora de Língua Portuguesa Maria dos Milagres Zeferino Uyanik, pelo programa PROFLETRAS (UFRN), intitulada "O ROMANCE POLICIAL E O DIÁRIO DE LEITURA EM SALA DE AULA: letramento literário construído a partir do mergulho no mundo de Sherlock Holmes" executada numa turma de 2º ano desta mesma instituição, assim como, o posterior uso com finalidade acadêmica em eventos e/ou publicações. Isto por entender a valia dessa ação de pesquisa e intervenção que vem acrescentar e contribuir para o propósito firmado por esta instituição, que é instigar o desenvolvimento de seus educados como pessoas, cidadãos em vários aspectos da vida humana e social.

Cruzeta, 18 de abril de 2018.



Diretor

José Tadeu Costa de Medeiros
Diretor
Mat. 111 329.0 - Aut. 059/18

ANEXO D - Relação dos empréstimos de livros da biblioteca escolar - ano 2016

Escola Estadual Professor José de Medeiros
Biblioteca Professora Carmem Sylvia Machado
Seção de Empréstimo
ano 2016

Nº	Nome do Leitor	Data		Endereço	Categoria	Aluno			Título	Tombo
		Emprestado	Devolvido			Matrícula	Curso	Série		
01	Marcos Gabriel Kefaimo	19/04/16	-		X	-	-	01	Atlas Ilustrado	
02	Raúl Lijedron	19/04/16	26/04/16	Francisco	X	-	-	01	Diário de um Banana	028-5/1
03	Emilly B. da Silva	23/04/16	-	Sítio Gregório	Y	-	-	9º	Contos de amor	6.179
04	Erica Monique G. da Silva	26/04/16	19/07/2016	R. Felícia Custina A. Diniz	X	-	-	2º	Diário de um Banana	028-5
05	Erica Fernanda S. Costa	26/04/16	02/01	R. L. Manuino, 316	X	-	-	2º	Diário de um Banana	028-5
06	Paul Lyedson	26/04/16	09/05/16	R. Francisca Oliveira 252	X	-	-	7º	Diário de um Banana	028-5
07	Luiziana Bezerra	27/04/16	23/04/16	R. Abílio Cardulo, 17	X	-	-	9º	O Cara	6.170
08	Alisson Silva de Medeiros	27/04/16	27/10/2016	Sítio Riacho do Fátima	X	-	-	8º	A vida que ninguém vê	5.933
09	Luiziana Bezerra	28/04/16	25/07/16	R. Abílio Cardulo, 17	X	-	-	7º	O velho e a moça	5.916
10	Erica F. Santos Costa	02/05/16	25/07/16	R. L. Manuino, 316	X	-	-	2º	O Último Olimpiano	028-5
11	Dirceu Raimundo Silva	03/05/16	14/05/16	R. Carliê Bezerra, 26	X	-	-	2º	Diário de um Banana	028-5
12	Bartholomew	03/05/16	14/05/16	R. Antônia Tosti, 17	X	-	-	2º	Diário de um Banana	028-5
13	Karelayne Kelly Trojano	03/05/16	-	R. Manoel Maurício, 32	X	-	-	7º	Diário de um Banana	028-5
14	Márcia Estuarda de Brito Figueiredo	03/05/16	19/05/16	Rua Cônego Dalcio de Souza	X	-	-	9º	Diário de um Banana	028-5
15	Isabelle Alisson da Conceição	-	04/05/16	Rua Manoel Pinheiro 112 214	X	-	-	2º	Os Santos não envelhecem	4.890
16	Isabelle Alisson da Conceição	04/05/16	04/05/16	Rua Manoel Pinheiro 214	X	-	-	2º	Muito longe de casa, memórias de um país	4.891
17	Manoel dos Santos	-	04/05/16	Rua Adauto Guerra 107	X	-	-	3º	Lucaína	869-93
18	Kaluan Medeiros	-	04/05/16		X	-	-	3º	Para uma menina de uma flor	869-93
19	Kaluan Medeiros	04/05/16	-		X	-	-	3º	Histórias para ler, ouvir e pensar	4.629
20	Mauro Rogério da Silva	-	04/05/16	Rua Luiz Gustavo Filho 28	X	-	-	3º	Um livro sobre o brasileiro	2.671
21	Cláudia Erica R. dos Santos	09/07/16	23/07/16	R. L. V. G. dos Santos, 114	X	-	-	1º	Diário de um Banana	028-5
22	Paul Lyedson	16/07/16	23/07/16	R. Francisco de Paula, 10	X	-	-	8º	Diário de um Banana	028-5

Nº	Nome do Leitor	DATA		Endereço	Categoria	Aluno			Título do Livro	Tombo
		Emprestado	Devolvido			Matrícula	Curso	Série		
23	Denize Dayane A. Silva	19/05	23/06/16	Flavio Pereira	X	-	-	8º	Diário de um Banana	028-5
24	Raiane Erica	19/05	01/06/16	Luiz Gustavo Filho	X	-	-	1º	Diário de um Banana	028-5
25	Midagnes	19/05	08/06/16		X	-	-		A morte e morte de quinhentos	4.807
26	Raiane Erica	-	-		X	-	-		Harry Potter e a Câmara Secreta	028-5
27	Nathalya Grazielle	01/06	01/11/16	Sabrina Anderson	Y	-	-	7º	O Curioso mais Cruel	4.104
28	Carlos Wilson Bolayto	01/06	08/06	Marcos M. Dantas	X	-	-	7º	Sentimentos do Mundo	8.699
29	Karelayne Kelly T. Trojano	01/06	02/06/16	Marcos M. Dantas	X	-	-	7º	O Barão	028-5
30	Talita Conceição da Silva	01/06	08/06	Adauto Guerra	X	-	-	9º	Para Fugir, Pegue de Lixo e Procure	869-93
31	Nataly Emilly D. da Silva	01/06	25/07/2016		Y	-	-	9º	Adolescência e Cia	028-5
32	Leandro Wilson Nascimento	03/06	16/06/16	R. L. V. G. dos Santos	X	-	-	9º	O Livro de Eli	028-5
33	Felipe Marcos Santos Araújo	14/06	-	FURTEL LARANJEIRA	X	-	-		O Livro de Eli	
34	Matheus de Souza Pereira	27/06	01/08/16	Rua V. P. A. 271	X	-	-	2º	Curso de Filosofia	101-516
35	Leandro Wilson Nascimento	27/06/16	01/08/16	R. L. V. G. dos Santos	X	-	-	9º	Harry Potter e o Príncipe de Sangue	028-5
36	Almeida Helena Ribeiro Silva de Lima	28/06/16	25/07/16	Antônio H. F. Silva	X	-	-	9º	Boas de Inverno	813-27
37	Maria Helena de Souza Araújo	27/06/16	01/07/16	Sítio Timoteia	X	-	-	8º	Os livros de Eli	813-27
38	Edineide Pereira	28/06/16	12/07/16	Rua Pedro Uel 221	X	-	-	3º	Jornada ao encontro de P	869-93
39	Leandro Wilson Nascimento	06/07/16	14/07/16	Alto dos Remédios	X	-	-	9º	A Batalha do Labirinto (L. J.)	028-5
40	Raiane Helena Araújo dos Santos	07/07/16	11/07/2016	R. L. V. G. dos Santos	X	-	-	1º	100 Melhores Histórias M. E. Lógica - Filme	107
41	Mônica Gabriela de Oliveira Gomes	08/07/16	19/07/2016	R. Jefferson Medeiros	X	-	-	1º	Veneno - Livro 1 (História Romântica)	813
42	Wanka Sansana da Silva Brito	11/07/16	23/11/2016	Rua para Fernanda	X	-	-	3º	Lucaína - Montano bobaco	869-93
43	Cristina Mariana Santos Campelo	12/07/16	28/11/2016	Solange Furtado	X	-	-	3º	Lucaína - Montano bobaco	869-93
44	Edineide Pereira	13/07/16	25/07/16	R. Pedro Uel 221	X	-	-	3º	Lucaína - Montano bobaco	869-93
45	Raiane Helena Araújo dos Santos	13/07/16	01/08/2016	R. L. V. G. dos Santos	X	-	-	1º	Para uma menina de uma flor	028-5
46	Leandro Wilson Nascimento	14/07/16	19/07/2016	Alto dos Remédios	X	-	-	9º	Diário de um Banana	028-5
47	Paula Brenda	19/07/16	25/07/2016	Rua Solange Furtado	X	-	-	1º	O Livro de Eli	028-5
48	Mônica Gabriela de Oliveira Gomes	19/07/16	25/07/2016	R. Jefferson Medeiros	X	-	-	1º	A Vendedora de Sapos - Romance	869-93
49	Wanka Sansana da Silva Brito	19/07/16	25/07/2016	Pinheiro Sérgio J.	X	-	-	1º	Diário de um Banana - II (L. J.)	028-5

Nº	NOME DO LEITOR	DATA		ENDERECO	CATEGORIA	ALUNO			TITULO DO LIVRO	TOMPO	
		Entrada	Devolução			aviso	aviso	aviso			
50	leandro Alison da Conceição	21/09/16	10/09/16	R. Harold Pires	X	-	2º	105F	A	Tema Umelta (domingo fleque)	869.93
51	Kauziana Beatriz	25/07/16	27/08/16	R. Abilio	X	-	7º	M	U	Diário de um Banana	028.5
52	Paula Brenda da Silva Meneses	26/07/16	01/08/16	R. Solina F. Araujo	X	-	1º	M	A	O último Olimpiano	028.5
53	Alison Silva de Medeiros	26/07/16	21/10/2016	sítio Cruzeta	X	-	8º	M	U	A Rosa do povo Drumond	869.93
54	Genicea fernando santos costa	26/07/16	09/08/2016	R. Ze Marinho	X	-	2º	M	U	O Ladrão de Rain	028.5
55	Mayara Yasminia Oliveira	26/07/16	19/08/2016	Sítio Saquinho	X	-	1º	M	B	Sentimento do mundo	6.124
56	Enrude Pruna	26/09/16	03/08/16	Pedra Vista 322	X	-	3º	U	A	Poesia completa - Carlos Drummond de Andrade	869.93
57	Rafaela Kamila	27/07/16	04/10/16	R. José Sebastião	X	-	2º	M	U	Uma coisa de cada vez	6.111
58	Erica Moaqui Gamaro da Silva	27/07/16	09/08/16	R. Feliciano Medeiros	X	-	3º	H	U	O Espalador de Pararinho	5.813
59	Ana Beatriz Santos de Araujo	01/08/16	23/11/2016	José Sérgio de	X	-	3º	V	A	Negritas (Monteiro Lobato)	869.93
60	Katany medeiros da Cunha	01/08/16	20/08/16	José Med. yáru	X	-	3º	V	A	O marinho - Zilda Gaspardo	869.93
61	Katany medeiros da Cunha	-	01/08/16	José Med. yáru	X	-	3º	V	A	Acupa o' dos meus John Green	813.87
62	Paula Brenda da Silva	02/08/16	08/08/16	R. Solina F. Araujo	X	-	1º	M	A	A Batalha do Labirinto	028.5
63	Aline Gabrielle de Oliveira Gomes	02/08/16	05/08/16	R. Feliciano Medeiros	X	-	1º	M	A	A Filha das Sombrias	
64	Bruna Erica Silva de Oliveira	03/08/16	25/10/16	R. Ze Marinho	X	-	2º	M	U	As Aventuras de Pi - Romance	
65	Clara Eduarda de Brito Gonçalves	03/08/16	03/09/16	R. César de Souza	X	-	9º	M	U	Harry Potter e o Lado de Fogo	028.5
66	Andréilson Comaças Nascimento	03/08/16	25/10/16	R. Cipriano Braga	X	-	9º	H	U	O último Olimpiano	028.5
67	Gabriel de Souza Pereira	08/08/16	09/08/16	Pedro J. J. J.	X	-	9º	M	U	Mitos Gregos - Filosofia	107
68	Erica Monique Gamaro da Silva	09/08/16	27/10/2016	R. Feliciano Medeiros	X	-	2º	M	U	O Ladrão de Rain	028.5
69	Enrude Pruna	09/08/16	26/09/16	Pedra Vista 322	X	-	3º	V	V	Guarda até as Venudas José Guimaraes Rosa	869.93
70	Genicea fernando santos costa	10/08/16	30/11/16	R. Ze Marinho	X	-	2º	M	U	Madame Bovary - Romance	869.93
71	Rafaela Kamila	10/08/16	29/12/16	R. José S. de M.	X	-	2º	M	U	Para uma Memória com uma Flor	869.93
72	Maites de Souza Pruna	10/08/16	30/11/16	R. Pedro J. J.	X	-	2º	M	U	As 100 Melhores histórias da mitologia	107
73	Mayara Kelly Santos Silva	10/08/16	31/10/16	R. Ze Marinho	X	-	2º	M	U	A culpa é dos Estados - John Green	813.87
74	Karolaine Raquel da Silva	10/08/16	20/08/16	R. Feliciano Medeiros	X	-	1º	M	B	Escreva Iguaçu	
75	leandro Alison da Conceição	10/08/16	09/09/16	R. Harold Pires	X	-	2º	V	A	Filosofia na sala de Aula - Venúcio de Figueiredo	107
76	Hanna Moab Dantas de Lima	12/08/16	11/10/2016	R. Sítio Cruzeta	X	-	3º	M	A	A Última Música - Nicholas Sparks	
76	Aline Gabrielle de Oliveira Gomes	12/08/16	09/09/16	R. Feliciano Medeiros	X	-	1º	M	A	A Batalha do Labirinto	028.5

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDERECO	CATEGORIA	ALUNO			TITULO DO LIVRO	TOMPO	
		Entrada	Devolução			aviso	aviso	aviso			
77	AGENOR GOMES DOS SANTOS FILHO	02/08/16	03/11/2016	sítio CRUZETA	VEH 7	X	1º	B	B	Homotemem - Cabra das Dores	028.5
78	"	"	07/10/2016	"	X	-	1º	M	B	O Diário de Marcos Vinícius	028.5
79	"	"	07/10/2016	"	X	-	1º	M	B	200 Crônicas Escalvadas	869.93
80	"	"	07/10/2016	"	X	-	1º	M	B	Para gostar de ler v. 13	869.93
81	AGENOR GOMES DOS SANTOS FILHO	"	07/10/2016	"	X	-	1º	M	B	Batem bobeira e outros bobados	
82	Rafaela Kamila	30/08/16	04/10/2016	Rua José Sebastião	Maria	X	2º	M	U	Joco Duplo - sítio bocarrum	267.73
83	Lara Prunty	30/08/16	12/09/16	Rua João Gomes	X	-	8º	M	U	Poesias	
84	Katany medeiros	30/08/16	15/09/16	Rua José Medeiros yáru	63	X	3º	V	A	Siam Aline rice henan	823
85	Aline Gabrielle de Oliveira	09/09/16	15/09/16	Rua Feliciano Medeiros	X	-	1º	M	A	O último Olimpiano	028.5
86	leandro Alison da Conceição	09/09/16	"	R. Harold Pires	X	-	2º	V	F	As 100 Melhores histórias da mitologia	107
87	Clara Hangeles	13/09/16	13/09/16	R. João Gomes	X	-	8º	M	U	CONVERSA COM O POETA	028.5
88	Gabriel Paricimus	13/09/16	22/02/17	R. José Sérgio de M.	X	-	2º	V	U	Educar para Sociolegia	7.053
89	Katany medeiros da Costa	15/09/16	07/11/16	R. Tracianna Guerra	336	X	1º	M	B	A sociedade literária e a arte de	869.93
90	Rafaela Erica	15/09/16	27/09/16	R. Luiz Geraldo Filho	157	X	1º	M	B	Alice de A a Z	269.73
91	Katany medeiros da costa	15/09/16	16/11/16	R. José Medeiros yáru	64	X	3º	V	F	O Cupido	028.5
92	Karolaine Raquel da Silva	20/09/16	25/10/16	Rua: Alta do Rio	X	-	1º	M	B	O Diário de Nina	323.40
93	Andréilson Nascimento	20/09/16	25/10/16	Alto da Roca d'água	X	-	9º	M	U	MALDIÇAS DO TITÃ	028.5
94	Maria Eduarda de Lima	20/09/16	03/11/16	Rua Otávio de Almeida	Goiás 19	X	9º	M	U	VENENO - LIVRO 5	813.0
95	CLARA HANGELYS	26/09/16	11/10/2016	Rua João Gomes	X	-	8º	M	U	O Pequeno Príncipe - Livro 1	7.164
96	Enrude Pereira	26/09/16	09/11/2016	R. Pedro J. J.	271	X	3º	V	A	O Gato	869.93
97	Kauziana Beatriz	27/09/16	04/10/16	R. Francisco Raimundo	X	-	8º	V	U	A Memória que não havia vindo	7.149
98	Clara Beatriz de Medeiros	27/09/16	01/12/16	R. Dr. Drummond	79	X	8º	V	U	Harry Potter e a Ordem da Fênix	7.145
99	Denise Beatriz de Araújo Silva	27/09/16	06/12/16	R. Sítio Cruzeta	26	X	8º	V	U	Diário de um Banana	028.5
100	Aline Rafaela Palma Silva	28/09/16	16/12/16	R. Antonio Hipólito	29	X	8º	V	U	O Poder do silêncio	028.5
101	Shirley Santos Nogueira	27/09/16	"	R. Dr. Márcio Nogueira	120	X	-	-	-	Ensaios Filosofia	107
102	Shirley Santos Nogueira	27/09/16	"	R. Dr. Márcio Nogueira	120	X	-	-	-	A Filosofia e seu ensino	107
103	Shirley Santos Nogueira	27/09/16	"	R. Dr. Márcio Nogueira	120	X	-	-	-	Filosofia	107
104	Rafaela Erica	29/09/16	25/10/16	R. Luiz Geraldo	157	X	1º	M	B	Harry Potter e a Pedra Filosofal	7.142
105	Katany medeiros	04/10/16	27/10/16	R. Francisco Raimundo	X	-	8º	M	U	100 Melhores contos de Grimm	3271

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			Título do Livro	Tombo
		Emprest	Devoluc		Aluno	Prof	Parent	Aluno	Prof	Parent		
106	Clara Beatriz de Medeiros	06/10/2016	01/12/2016	Rua Dr. Drummond	79	X		8º	M	U	O Último Olimpiano	028-5
107	Clara Beatriz de Medeiros	06/10/2016	01/12/2016	Rua Dr. Drummond	79	X		8º	M	U	A Batalha do Labirinto	028-5
108	Allyson Silva de Medeiros	06/10/2016		Rua Riacho do Jacuim		X		8º	M	U	Diário de um Banano - Faca VC Mouro	028-5
109	Allyson Silva de Medeiros	06/10/2016	06/10/16	Riacho do Jacuim		X		8º	M	U	Diário de um Banano - oliv - do fofre	028-5
110	Allyson Silva de Medeiros	06/10/2016	27/10/2016	Riacho do Jacuim		X		8º	M	U	Diário de um Banano - Reduix e o com	028-5
111	Francielma Lobo de Medeiros	06/10/16	07/10/16	Rua Francisco Gomes	189	X		2º	M	U	Mata mofosa	028-5
112	Maria Alana de Souza Araújo	06/10/16	27/10/16	sítio Timbauba		X		2º	M	U	A morte e a morte de Quinon Barros	861-73
113	Paula Brenda da Silva Moraes	06/10/16	25/10/16	Rua Solânea Fran	culim	X		1º	M	A	Santos de Villomus	6.198
114	Andriane Guibet	06/10/16	30/11/16	sítio Rio Salgado		X		2º	M	U	Os Glâmicos da Política	107
115	Raiane Erica	25/10/16	03/11/2016	R. Luiz Guibet	157	X		1º	M	B	Harry Potter e a câmara secreta	7.144
116	Karolaine Raquel da Silva	25/10/16	31/10/16	Alto dos Perceiros		X		1º	M	B	Harry Potter e a Pedra Filosofal	7.142
117	Wenderson Nascimento	25/10/16	31/10/16	Alto dos Perceiros		X		9º	M	U	Harry Potter e o Caldeirão de Fogo	7.413
118	Tatiana Conceição da Silva	25/10/16	09/11/16	R. Adauto Guerra	92	X		1º	M	U	Histórias Extraterrestres	5.732
119	Kawane Cristina	27/10/16	27/10/2016	R. Francisco Reimundo		X		8º	M	U	As Meninas	869-93
120	Cleidiane Souza	27/10/16	14/11/2016	R. Angelo Toró		X		8º	M	U	Empalhador de passarinhas &	5.813
121	Clara Hangley	27/10/16	16/12/16	R. João Gomes		X		8º	M	U	O Conto da ilha desconhecida	869-93
122	Kawane Cristina	27/10/16	27/10/2016	R. Francisco Reimundo		X		8º	M	U	Galante	164-71
123	Allyson Silva de Medeiros	27/10/16	06/11/16	st. Riacho do Jacuim		X		8º	M	U	Viagem ao Centro da Terra	6.284
124	Wenderson Raphael Gomes	27/10/16		R. Abílio Cordula	64	X		8º	M	U	Pan. Gatin de la Gol de paine	2.548
125	Maria Eduarda	27/10/16		R. João XXIII	212	X		8º	M	U	O Fabricante de Ilumens	5.727
126	Marilene Dayane	27/10/16		Av. Carmelito Mor	cuino	X		8º	M	U	AMM e outros contos	5.281
127	Denise Dairane	27/10/16	10/11/16	R. Sivaldo Pereira	26	X		8º	M	U	Inocência	4.531
128	Hilaryn Zepirino	27/10/16		R. Cipriano Lopes	25	X	X				A Rosa do Povo - Carlos Drummond	
129	Kamylle Farias	27/10/16		R. Adauto Guerra		X		9º	M	U	Contos de Aprendiz - Carlos Drummond	5.594
130	Raiane Erica	03/11/16	07/11/16	R. Luiz Geraldo		X		1º	M	B	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	7.146
131	Francielma Lobo de Medeiros	03/11/16	07/11/16	Alto dos Perceiros		X		1º	M	B	Harry Potter e a Câmara Secreta	7.144
132	Wenderson da C. Nascimento	03/11/16		Alto dos Perceiros		X		9º	M	U	Veneno - Livro 1	813-0
133	Maria Eduarda de Souza	03/11/16	08/11/16	R. Biano Deba de Gó	19	X		9º	M	U	A culpa é dos Estúdios	813-87

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			Título do Livro	Tombo
		Emprest	Devoluc		Aluno	Prof	Parent	Aluno	Prof	Parent		
134	Pâmela Cibele Pereira da Silva	04/11/16	01/12/16	Rua Felício Cristina	Aguiar-69	X		7º	M	U	As 17 Cores do Branco	867-93
135	João Gustavo Santos Monteiro	04/11/16	14/12/16	Rua Manoel P. de	Medeiros	X		7º	M	U	Chuva e outros contos	028-5
136	Dalyane Terezinha de Araújo Silva	04/11/16		Rua Sivaldo Pereira	26	X		7º	M	U	Histórias daqui e d'alá	867-93
137	Adalton Francisco do S. Junior	04/11/16	09/11/16	Rua Abílio Cordula	24	X		7º	M	U	Contos Contidos	869-93
138	Tatiana Conceição da Silva	04/11/16		Rua Adauto Guerra	92	X		7º	M	U	Histórias Extraterrestres	561-73
139	Luiziana Beatriz A. Toró	04/11/16		Rua Abílio Cordula	17	X		7º	M	U	A vida na ponta da geladeira	823
140	Nathalya Graziela S. Pereira	04/11/16	20/02/17	Rua Solânea Fran	culim-21	X		7º	M	U	Páginas de sombra	869-93
141	Carlos Daniel Araújo da Silva	04/11/16		Rua João XXIII	26	X		7º	M	U	Isompião	741-5
142	Daniela Junior de Lúcia Barros	04/11/16		Praca Lúcia Aguiar	23	X		7º	M	U	Isompião	741-5
143	José Manoel de Souza Santos	04/11/16		Rua Luiz Guibet	03	X		7º	M	U	Romão e Julieta	821-11
144	Leonarda Graziela da S. Gomes	04/11/16	12/11/16	Rua Rosália do	Nova-11	X		7º	M	U	Cobras em Compota	869-93
145	Edgard Theyson Gomes da Silva	04/11/16		Rua Francisco Rei	quardo-89	X		7º	M	U	O Ladrão de raio	028-5
146	Rael Anderson de Araújo Silva	04/11/16	02/03/17	R. Francisco Reimundo	ob, 53	X		7º	M	U	Robinson Crusoe	821-11
147	Raiane Erica	07/11/16	28/11/2016	R. Luiz Guibet		X		1º	M	B	Harry Potter e o caldeirão de fogo	7.143
148	Karolayne Raquel	07/11/16	10/11/2016	Alto dos Perceiros		X		1º	M	B	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	7.146
149	Alicia Corula Zepirino	08/11/16		R. Cipriano Lopes	222	X		1º	M	B	O Príncipe - Maguianal	107
150	Tatiana Conceição da Silva	09/11/16		R. Adauto Guerra	92	X		7º	M	U	cada dia uma história	0.815
151	Nikoly Emijllye Santos da Silva	09/11/16	23/02/17	R. Francisco Pereira	jud, 27	X		7º	M	U	O Peru de natal e outros histórias	028-5
152	Marcos Gabriel Zepirino Garcia	09/11/16		R. Cipriano Lopes	Galvão	X		7º	M	U	Contos Arabes	869-93
153	Adalton Francisco do S. Junior	09/11/16		R. Abílio Cordula	24	X		7º	M	U	Analogia de contos Felicitosos	869-93
154	Karolayne Kelly Traxano Lopes	09/11/16	02/03/17	R. Fel. Reimundo de Araújo		X		7º	M	U	Estados HOIhada	869-93
155	Rafael Adalton Traxano Lopes	09/11/16	02/03/17	R. " "		X		7º	M	U	Estados moihada	869-93
156	Erinilde Pereira	09/11/16	14/11/16	R. Pedro Vilal	271	X		3º	M	A	A Hora da Estrela - Romance	869-93
157	Denise Dairane	10/11/16		R. Sivaldo Pereira	26	X		8º	M	U	O Peru de natal	028-5
158	Matheus Marcos de Medeiros S. Farias	10/11/16		R. Manoel Pereira		X		8º	M	U	Quem conta um conto	869-93
159	Yessica Gabriela da Silva Pires	10/11/16		R. João Gomes	183	X		8º	M	U	A descoberta do amor em Poesia	028-5
160	Geovanna Fábria do nas. Santos	10/11/16	23/02/17	R. Adauto Guerra	47	X		8º	M	U	Olhar de descoberta	028-5
161	Clara Hangley de Pires do Castelo	10/11/16	16/12/16	R. João Gomes	198	X		8º	M	U	Olhar de descoberta	028-5

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDERECO	Nº	CATEGORIA			ALUNO			TITULO DO LIVRO	TOMBO
		EMP.	DEV.			ALUNO	RESO	ALUNO	RESO	ALUNO	RESO		
162	Kawane Custiny	10/11/16	23/11/16	R. João Gomes	228	x			8º	M	U	Contos de Maria	869.93
163	Italo Isaac da Silva Medeiros	10/11/16		R. Haroldo Hartmann		x			8º	M	U	O Reino e o Imperador da China	028.5
164	Yosi Ranebon da Costa Silva	10/11/16		R. Angelo Tomé		x			8º	M	U	Deixa que eu conto	028.5
165	Mire Rapela Rêlia Silva de Lima	10/11/16		R. Antônio Henrique	23	x			8º	M	U	Histórias de fantasia	028.5
166	Edmar Napoleon Galvão Neto	10/11/16		R. José Lourenço	182	x			8º	M	U	Contos Brasileiros de Futebol	869.93
167	Karolayne Raquel	10/11/16	14/11/16	Sítio dos Remédios		x			1º	M	B	Harry Potter e o Cálice de Fogo	028.5
168	Barbelle Beatriz de Medeiros	10/11/16	10/11/16	R. Luiz André de Moura		x			9º	M	U	Novo conto Fernando Sampaio	869.93
169	Edgar Gleyson Gomes da Silva	10/11/16	14/11/16	R. Francisco Gomes da Silva		x			7º	M	U	O Kadão de Povo	028.5
170	Karolayne Raquel	14/11/16	20/11/16	R. Luiz André de Moura		x			10	M	B	Harry Potter e o enigma do Príncipe	028.5
171	Aline Jordana Souza Gonçalo	14/11/16	01/10/16	R. Manoel Máximo de Med		x			8º	M	U	Os melhores contos de Fernando Sabino	869.93
172	Fabiana Cintia Santos da Silva	14/11/16	02/12/16	St. Mutuque		x			8º	M	U	Olhar de Desobediência	869.93
173	Rayne Caleoka de Azevedo	14/11/16		R. Rafael Pereira		x			8º	M	U	Contos e Fábulas	869.93
174	Clediane Souza	14/11/16	02/03/17	Angelo Tomé		x			8º	M	U	Faz de conta	869.93
175	Erivande Pereira	14/11/16	21/11/16	R. Pedro Vital	271	x			3º	M	A	Capitão da Suia - fogo armado	1.844
176	Rafaela Comita Jacinto Santos	18/11/16	20/11/16	R. José Sebastião de Moura		x			2º	M	U	O Concerto marcado	869.93
177	ISMAEL EDILÂNIO SILVA MASCIMENTO	23/11/16	01/12/16	Rua Ana Heloisa de Medeiros		x			3º	V	B	Harry Potter e a Ordem da Fênix	028.5
178	Maria Alana de Souza Araújo	27/12/16	30/11/16	Sítio Timbamba		x			2º	M	U	Contos encantados em Cortal	7.154
179	Melissa		06/03/17	obra completa								Contos Encantados em Cortal	
180	Aline Jordana	16/02/17		Rua Manoel M. de M. Júnior					9º	M	U	Diário de um Barão	0.288.5

ANEXO E - Relação dos empréstimos de livros da biblioteca escolar - ano 2017

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM JOSÉ DE MEDEIROS BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017											
Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		aluno	Profª	Com	Série	Turma	Turno	
01	Raiane Erica Pires dos Santos	16/02/2017	17/04/2017	Rua Guin Gerardo Filho - 157	X			2º	U	V	Harry Potter e a Ordem da Fênix
02	Enica da Silva Martins	16/02/2017	20/03/2017	Rua: Conf. Sebastião Araújo	X			2º	U	V	Cidade de Deus
03	Geovana Araújo da Silva	16/02/2017	03/03/2017	Rua: M. Sívio B. de Melo	X			2º	U	V	Livro de sonetos
04	Maria Eduarda L. Gonçalves	21/02/17	21/03/17	Rua: Célio Pedreira de Góis	X			5º	U	M	O Último Olimpiano
05	Aline Fontanari	16/02/17	07/02/2017	Rua Manoel M. de Medeiros	X			9º	U	M	Diário de um Bombar
06	Ragner Mateus	23/02/17	08/05/2017	Sítio Rio Salgado	X			2º	U	V	Mate e a Mate jog.
07	Jyni da Costa Silva	23/02/17	03/03/17	Rua: Enli Enane,	X			2º	U	V	A morte e a morte -
08	Alexandro Pigo P. Silva	02/03/17	06/03/17	R: Ana Helena de Medeiros	X			1º	B	M	Para viver um grand
09	JYNI da Costa Silva	03/03/17	29/03/2017	Rua Enli Enane	X			2º	U	V	Amémio de Pipano
10	Geovana Araújo da Silva	03/03/2017	09/03/2017	Av. Sívio Bezerra de Melo	X			2º	U	V	Diário de um Bombar A verdade nua e crua
11	Alexsandro D. D. de S.	09/03/2017	09/04/2017	Rua Heloisa DE - 2017	X			1º	B	M	-
12	Aline Fontanari	07/02/2017	13/03/2017	Rua Manoel M. de Medeiros	X			9º	U	V	A culpa é de todos

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM JOSÉ DE MEDEIROS BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017											
Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		aluno	Profª	Com	Série	Turma	Turno	
14	Aline Rafaela Reis de Lima	09/03/17	20/03/2017	R. Antonio Hipólito N. 29	X			9º	U	M	Não existe esperanças
15	Luiz Edigilson A. de Melo	08/03/17	X	R: Dr. Mário Nobrega	X			2º		M	Contos de Amos
16	" " " "	09/03/17	30/03/17	" " "	X			2º		M	Ben Vindo
17	Geovana Araújo da Silva	09/03/2017	10/04/2017	Av. Sívio Bezerra de Melo	X			2º	U	V	Convergente
18	Dalvani Medeiros	13/03/2017	20/04/2017	Sítio Mulungu - Cruzeta		X		-	-	-	Contos Tradicionais do Brasil
19	Anderson Carlos Pereira	20/03/2017	17/04/2017	Rua: Françoise P. de Araújo	X			1º B		M	SHERLOCK HOLMES
20	Vitória Luana M. Silva	23/03/2017	24/04/2017	Sítio Rio Salgado	X			2º	U	V	A culpa é das estrelas
21	Gracielly Pereira Santos	23/03/2017	30/03/2017	Rua: Milton Pereira, 208	X			2º	U	V	Lampião em missão
22	Aline Rafaela	27/03/2017	07/04/2017	Rua: Antônia Hilária/28	X			8º	✓	✓	3º DE GRUPO
23	Micaela Larissa	29/03/2017	30/03/2017	Rua Célio Pedreira de Góis	X			2º	U	V	Mário Quintana 80 anos de poesia
24	Geovana Araújo da Silva	10/04/2017	18/04/2017	Av. Sívio Bezerra de Melo	X			2º	U	V	Slam
25	Jyni da Costa Silva	10/04/2017	15/05/17	Rua Enli Enane	X			2º	U	V	O Cononelismo

ESCOLA ESTADUAL JOAQUIM JOSÉ DE MEDEIROS
BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO
FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		aluno	Prof	Com	Série	Turma	Turno	
26	Erica Monique J. da Silva	17/04/17	31/10/17	R. Fátima C. Aguiar Piniz	X			3º	U	01	Encontro marcado
27	Bruna Erica S. de Oliveira	17/04/17	24/05/17	R. R. Prumond NE 58	X			3º	V	01	Planos de um homem e a vontade de uma e um
28	Raiane Erica Regis do Santo	17/04/17	22/05/17	Rua João Geraldo Filho, 157	X		2º	2º	V	U	Harry Potter e o Enigma do Príncipe
29	Graciella Shirley S. Silva	19/04/17	10/05/17	R. Pedro Vital	X			1º	B	01	Vários Histórias
30	Alexandre Diego D. de Silva	19/04/17	10/05/17	R. Ana Heloisa de Medeiros	X			1º	B	01	Vários Histórias
31	Caio Henrique P. Araújo	19/04/17	21/11/17	R. Sílvia Paul Longoa	X			1º	A	01	O Beato do Sertão no voz de Gonçalves
32	Rafaela Camila J. Santos	05/05/17	23/05/17	R. Tomaz Pires, 59	X			3º	A	01	Yago Duplo
33	Caioley Clayton T. Lopes	05/05/17	12/08/17	R. Francisco Raimundo de A. 187	X			2º	U	U	FALLEN
34	Erica Evangelista do Santo	05/05/17	04/09/17	R. Manoel M. de Medeiros, 100	X			2º	U	V	TORMENTA
35	Almeida Tereza da Silva	05/05/17	27/11/17	R. Francisco Raimundo, 35	X			1º	U	V	NÃO SE ILUVA, NÃO
36	CAEME EDUARDA PEREIRA	05/05/17	11/07/17	R. Francisco P. de Medeiros, 85	X			1º	U	V	NÃO SE ILUVA, NÃO
37	Erica da Silva M. de Lima	05/05/17	11/05/2017	R. Henrique Araújo de Góes, 43	X			3º	U	V	PARXAS

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROF	COMU	Série	Turma	Turno	
38	Micaela Karina de Freitas	05/05/17	11/05/2017		X			2º	U	V	PARXAS
39	Adeilza Gisela de S. Porto	05/05/17	05/06/2017	Sítio RIO SALGADO	X			2º	U	V	APAIÇONADOS
40	Kadidja Yanne L. Alves	05/05/17	25/07/2017	R. Alexandrina M. de Jesus	X			2º	U	V	Belo Desastre
41	Marina C. Nogueira de Araújo	05/05/17	10/05/2017	Sítio Pau Logoa	X			2º	U	V	Água Para Elefante
42	Ana Alice do Santo	05/05/17	12/05/2017	R. Luis Geraldo Filho, 205	X			2º	U	V	Sombras de um Verão
43	Gledson Yuri da Costa	05/05/17		R. Herli Ernani de Araújo	X			2º	U	V	Sombras de um Verão
44	Kaline Fábria	05/05/17	11/08/2017	R. João XXIII, 288	X			2º	U	V	Uma Carta de Amor
45	Geovana Araújo	05/05/17	20/06/17	R. Sílvia Bezerra	X			2º	U	V	A INTUITIVA
46	Bruna Grazielly P. Santos	05/05/17	15/05/17	R. Hattar Pereira, 218	X			2º	U	V	Agosto que vc deixou
47	Victoria Luanna de Medeiros	05/05/17	16/08/17	Sítio Rio Salgado	X			2º	U	V	Agosto 9/16 de Junho 01
48	Fagner Mateus da Silva	05/05/17	28/05/2017	Sítio Rio Salgado	X			2º	U	V	A ROSA DO APOCALIPSE
49	Rafael Eduardo de Santos	05/05/17	09/08/17	R. Otávio Simões Bezerra, 45	X			2º	U	V	Depois de Você
50	Natanael Pereira de Araújo	05/05/17	31/10/2017	R. Luis Geraldo Filho, 114	X			2º	U	V	O Escolhido
51	Marcosson Pereira do Santo	05/05/17	24/08/2017	Sítio Rio do Meio	X			2º	U	V	De repente o destino
52	Jamka Samassara S. Barb	05/05/17	16/06/2017	R. Ana Fernandes	X			2º	U	V	Depois a Louca sou eu
53	Alex Fabiano A. S. Júnior	05/05/17		R. Doutor Pedro de Góes	X			2º	U	U	O Milagre
54	Raiane Erica R. do Santo	05/05/17	01/05/2017	R. Geraldo Filho	X			2º	U	V	Desastre Iminente

55 - Allice Rafaela

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROF	COMU	Série	Turma	Turno	
55	Midia Sarah N. da Silva	05/05/2017	22/08/17	R. Sotinha E. de Araújo, 26	X			2º	U	V	O navio das Noivas
56	Nikolay Romelli D. Silva	08/05/2017	28/06/2017	R. Francisco Pereira de Azeite	X			2º	U	V	O Livro de Apolos
57	Hanna M. Porto de Lima	09/05/17	18/05/17	R. Sílvia Salgado	X			2º	U	01	Apaiçoados Amores de Falen
58	Agner Jairo dos S. Filho	09/05/17	13/09/17	R. Sílvia Longuetta Filho	X			2º	V	01	O Juvenci
59	Euzicleides Alisson	09/05/17	22/06/17	R. Rafael P. de Araújo, 440	X			2º	U	01	Depois de Você
60	Elaine Medeiros	09/05/17	17/08/17	R. Pedro E. de Góes, 159	X			2º	V	01	Uma Carta de Amor
61	Emmanuel Medeiros	09/05/17	01/11/17	R. Sival Aguiar, 526	X			2º	V	01	Água para Elefantes
62	Paula Branda	09/05/17	10/05/17	R. Sílvia F. de Araújo	X			2º	V	01	De repente, o desejo
63	Gealson M. da S. Pereira	09/05/17	25/05/17	R. Jairo P. de Medeiros	X			2º	V	01	De repente, o destino
64	Jullis Tabson	09/05/17	25/09/17	R. Longuetta	X			2º	V	01	De repente, é ele
65	Micaela Silva	09/05/17	24/08/17	R. Yesso André, 150	X			2º	V	01	Orgulho e Preconceito
66	Pietra Kelly	09/05/17	24/08/17	R. -	X			2º	V	01	Depois de Você
67	Marina Yasmin	09/05/17	21/09/17	R. Sílvia Saquinha	X			2º	V	01	Depois de Você
68	Thayane Tereza Campelo	09/05/17	09/05/17	R. Talismão Bezerra	X			2º	V	01	Meios de Tormenta
69	Allice Gabriella	09/05/17	04/10/17	R. Jefferson de Medeiros	X			2º	V	01	O Milagre
70	Thayane T. Campelo	09/05/17	16/08/17	R. Talismão Bezerra	X			2º	V	01	Divã
71	Anderson Carlos	09/05/17	12/05/17	R. Francisca P. de Araújo	X			1º	B	01	Harry Potter e o Príncipe da Morte
72	Allice Rafaela	09/05/17	18/07/17	R. Antônio Hipólito	X			3º	-	01	Yago e Will
73	Graciella Shirley	09/05/17	12/06/17	R. Pedro Vital, 239	X			1º	B	01	TORMENTA

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turno	Turno	
72	Nayana Sueda	10/05/17	17/08/17	R: Sítio Pau'logoa	x			2º		02	Drácula das meirões
73	Louanna Yvonia	10/05/17	15/06/17	R: Antonio Hypelito 37	x			2º		02	Então
74	Paula Brenda	10/05/17	19/09/17	R: Sílvia F. de Araújo 61	x			2º		02	Belo Casamento
75	Maria C. Nogueira de Araújo	10/05/17	11/05/2017	Sítio Pau'logoa	x			2º	U	V	Baía da Esperança
76	Liliane Geomina de Siqueira	10/05/17	06/10/2017	Sítio Riacho do Jardim	X			3º	U	V	De repente o desafio você aceita um nome em latim
77	Falmira C. Paiva de Silva	11/05/17	08/06/17	R: Sítio Mungui	x			9º		01	
78	Marilene Dayane	11/05/17	16/08/17	R: Avenida Carmelita	x			9º		01	Belo Casamento
79	Clara Beatriz	11/05/17	17/05/17	R: Dr. Drumond 79	x			9º		01	Cidade dos Anjos
80	Mª Eduarda F. Aguiar	11/05/17	05/12/17	R: Rua XXV 202	x			9º		01	Agua na escumada
81	Francieli Lopes	11/05/17	12/07/17	Sítio Riacho do Jardim	x			9º		01	Henry Pellen
82	Cláudia Souza	11/05/17	23/05/17	R: Angelo Tomé 12	x			9º		01	Agua para alpinista
83	Gabriela Medeiros	11/05/17	12/07/17	R: Antonio Sabino 130	x			9º		01	D Escalada
84	Isabel B. de Medeiros	11/05/17	04/12/17	R: Luis de Abreu de Maia	x			9º		01	Armas que não
85	Clara Beatriz	17/05/17	05/07/17	R: Dr. Drumond 79	x			9º		01	A maldição do Tigre
86	Alfonso Medeiros	17/05/17	23/05/17	R: Sítio Lourenço de Jesus	x			9º		01	Agenda 9100 de Deus
87	Alvaro Diego	18/05/17	18/07/17	R: Ana Heloisa de Medeiros	x			1º	B	01	Cidade dos Anjos
88	Hanna M. P. de Souza	18/05/17	06/09/17	R: Sítio Selgado	x			2º		01	A Sombra da

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turno	Turno	
89	Bianca Erica Regis	23/05/2017	07/07/17	Rua Luis Amado Filho	X			2º	U	V	Henry Potter e as Pedras da Morte
90	Alison Medeiros	23/05/17	18/12/17	R: Sítio Riacho do Jardim	x			9º		M	Drangos do Olimpo
91	Maria Eduarda	23/05/17	19/06/17	R: Ana Heloisa de Medeiros	x			9º		M	Henry Potter e a Pedra da Morte
92	Clara Hangly	23/05/17	17/08/17	R: João Gomes	x			9º		M	A Intuitiva
93	Katiane Medeiros	23/05/17		R: Antonio Sabino, 91	x			2º	U	V	DIVA - Joci de Alencar
94	Talia Cabraline	23/05/17		R: Osvaldo Aguiar de Araújo	x			2º	U	V	Madame de Bourges
95	Debon Souza da Silva	23/05/17		R: Nereide Palmeira, 325	x			2º	U	V	A Vidente
96	Elaine Kelly M. Machado	24/05/17	17/08/17	R: Pedro Eulálio de Gato	x			2º		M	Diva
97	Guabron M. da S Pereira	25/05/17	17/08/17	R: João Florentino de M	x			2º		M	O Guarani
98	Isabel M. de Souza	29/05/17	13/11/17	R: Humberto Pereira	x			1º	01	M	Drangos do Olimpo
99	Clara Beatriz D. da Silva	29/05/17		R: Antonio Sabino 11	x			9º	B	M	D Regate
100	Nikoly Emilly de Silva	29/05/17	05/06/2017	R: Francisco P. de Medeiros	x			8º	M	U	A Esperança
101	Talita Lourenço de Silva	29/05/17	23/01/17	R: Adauto Guerra, 92	x			8º	M	U	Lampião na Tenda do Santo Antônio
102	Myrcella Lourenço	30/05/17	12/07/17	R: Cícero Silva de Lenc	x			2º	U	V	O príncipe e o príncipe
103	Adrielly Guimarães	30/05/17	14/01/17	Sítio Selgado e	x			2º	U	V	Drangos do Olimpo
104	Suara Pereira Alves	30/05/17	06/06/17	R: João Gomes, 225	x			3º	FJA	N	A Consta no Tran
105	Giovanna Fabiana N. P. de	01/06/17	25/09/17	R: Antonio Apolinário de	x			9º		M	Tres romances com meu irmão

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turno	Turno	
106	Alina Jordania	01/06/17	21/08/17	R: Manoel M. de Medeiros	x			9º		M	Agenda 9100 de Deus
107	Daniela Dayane	01/06/17	12/12/17	R: Sílvia Pereira 35	x			9º		M	Jogos Vorazes
108	Cláudia Souza	01/06/17	23/11/17	R: Angelo Tomé 12	x			9º		M	Apavorados
109	Luize Elizabeth	05/06/17	09/10/17	R: Dr. Manoel Nogueira 41	x			2º		M	Baía da Esperança
110	Nikoly Emilly D. Silva	05/06/17	20/07/17	R: Francisca P. Medeiros	x			P.0			30-1000
111	Fátima A. Germano	08/06/17	05/07/17	R: Luis André de Mello	x			3º		M	Cartada
112	Alison Medeiros	08/06/17	31/10/17	R: Sítio Riacho do Jardim	x			9º		M	Apavorados
113	Lindelson Nascimento	09/06/17	12/07/17	R: Cipriana Bogner	x			1º	A	M	Ditosa Olanthiana
114	Isabela Santos	09/06/17	04/07/17	Currais Novos	Profº			-	-	-	Três romances com meu irmão
115	Carolina Araújo	09/06/17	10/01/17	Camão	x			2º		V	Drangos do Olimpo
116	Anderson Carlos	12/06/17	28/09/17	R: Francisco P. Araújo	x			1º	B	M	Slam Nick Henry
117	Vivilla Rayane	20/06/17	13/07/2017	Carão	Profº	x					contos e vida noturna em Carão
118	João Marcos da Silva	03/07/17	10/07/17	R: João Florentino	x			1º	B	M	Jogos Vorazes
119	Maria Eduarda L. Gomes	03/07/17	01/11/17	R: Ana Heloisa de Medeiros	x			9º	P		A Jura de
120	Isabela Santos	04/07/17	21/11/17	Currais Novos	Profº	x		-	-	-	Agenda no Tran
121	Clara Beatriz	05/07/17	08/08/17	R: Dr. Drumond 79	aluno			9º		M	Agenda no Tran
122	Isabela Santos	05/07/17	27/07/2017	R: Ana Heloisa de Medeiros	aluno			3º	A	V	Carão do livro de 15/11/17

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO		TÍTULO DO LIVRO	
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma		Turno
123	Daniel Myke	10/07/17	17/07/17	R: João Florentino	x			3º		M	Tormenta
124	João Marcos	10/07/17	17/07/17	R: " "	x			1º	A		Cidade do Deus
125	Ribeirão Maria	17/07/17	07/11/17	R: João Florentino	x			2º	A	V	esse livro
126	Juan Gustavo	12/07/17	12/07/17	R: Pedro Vital 200	x			2º	A		Análise do tigre
127	Daniel Myke	17/07/17	27/07/17	R: João Florentino	x			3º		U	Paixão
128	João Marcos	17/07/17	20/07/17	R: " "	x			0º	V		Avaliação do tigre
129	Andréia y Garcia	18/07/17	07/08/17	R: Silo Cachoeira	x			1º	B	M	De repente o destino
130	Alexandro Prego	18/07/17	19/07/17	R: Ana Helena de Melo	x			1º	B	M	Conjuração
131	Almeida Rafaela	18/07/17	07/12/17	R: Antonio Hipólito	x			9º		M	o livro escolhido de tempore a tempore
132	João Gustavo	19/07/17	19/07/17	R: Manoel P. Medeiros	x			8º	A	M	Harry Potter
133	Evair Clayton	19/07/17	27/09/17	R: Eli Henandes	x			1º	B	M	O ladrão de Paris
134	Alexandro Prego	19/07/17	20/07/17	R: Ana H. de Medeiros	x			1º	B	M	Diário de um herói
135	João Gustavo	19/07/17	20/07/17	R: Manoel P. Medeiros	x			8º	A	M	Bela Destruição
136	Eileen Rachelle	19/07/17	12/12/17	R: " "	x			8º		M	Tormenta
137	Rafaela Capela	19/07/17	03/08/17	R: Tomaz Pires	x			3º		M	João Strogos
138	Bruna Erica	19/07/17	04/08/17	R: Dr. Drummond	x			3º		M	Os romances de...
139	João Gustavo	20/07/17	16/11/17	R: Manoel P. Medeiros	x			8º	A	M	Quintino Olimpico
140	João Marcos	20/07/17	24/07/17	R: " "	x			1º		M	A menina que viveu...
141	Alexandro Prego	20/07/17	21/07/17	R: Ana H. de Medeiros	x			1º	B	M	Diário de um herói

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO		TÍTULO DO LIVRO	
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma		Turno
140	Mª Alana S. de Araújo	02/08/17	16/08/17	R: Silo Tumbanta	x			3º		M	A Vidente
141	Raiane Erica	02/08/17	21/08/2017	R: Luiz Cecilio Filho	x			2º		V	os incantamentos...
142	Kadidja yanne	02/08/17	27/08/17	R: Alex Pires	x			2º		V	diário de um herói
143	Andréia y Garcia	07/08/17	08/08/17	R: Silo Cachoeira	x			1º	B	M	Conjuração
144	Rafaela Carmela	07/08/17	24/08/17	R: Tomaz Pires	x			3º		M	Cidade do Deus
145	Alexandro P. da Silva	08/08/17	16/08/17	R: Ana H. de Medeiros	x			1º	B	M	Montepárcis
146	Clara Beatriz	08/08/17	16/08/17	R: Dr. Drummond	x			9º		M	João Strogos
147	Enka Rita S. Ferreira	08/08/17	05/12/17	R: " "	x			1º	B	M	O Teosofista Kabbalah
148	Andréia y Garcia	08/08/17	25/09/17	R: Silo Cachoeira	x			1º	B	M	Signa P/ elefante
149	Elizangela y G. da Silva	08/08/17	25/09/17	R: Francisco R. de Araújo	x			8º		M	A garota que tem...
150	Daniel Myke	10/08/17	16/08/17	R: João Florentino	x			3º		M	Um nome, um destino
151	Clara Beatriz	16/08/17	29/09/17	R: Dr. Drummond	x			9º		M	De repente, o destino
152	Alexandro P. da Silva	16/08/17	05/09/17	R: Ana H. de Medeiros	x			1º	B	M	Bela Destruição
153	Pâmela Cibele	16/08/17	23/11/17	R: Felícia C. A. Diniz	x			8º		U	Diário de um herói
154	Juan G. B. de Almeida	16/08/17	12/12/17	R: Pedro Vital	x			2º		M	Sombras de Verão
155	Clara Beatriz	16/08/17	19/02/18	R: Eli Henandes	x			2º		V	o livro escolhido...
156	Ana Alca dos Santos	16/08/17	13/12/17	R: Luiz Cecilio Filho	x			2º		V	o livro escolhido...

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO		TÍTULO DO LIVRO	
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma		Turno
157	Natalia Inês R. de S.	24/07/17	04/10/17	R: Luiz Cecilio Filho	x			3º	V	V	o livro escolhido...
158	M. José Anderson Santana	25/07/17	23/08/17	R: Luiz Cecilio Filho	x			2º	U	V	o livro escolhido...
159	Kadidja yanne del Huz	27/07/17	02/09/2017	Rua: Alexandrina H. de Faria	x			8º	U	V	Peter Jackson e os...
160	Beatriz Alison	27/07/17	05/09/17	Rua Manoel Pires	x			3º	U	EJA	Pontos de impacto
161	Swerton Jansen	27/07/17	04/12/17	Rua João Florentino	x			1º	B	M	João de Cotatás
162	João Marcos	24/07/17	30/07	R: João Florentino	x			1º	A	M	Os livros de fogo
163	Daniel Myke	24/07/17	30/07	R: " "	x			3º		M	Estas
164	Andriane Guedes	24/07/17	24/17	R: " "	x			3º		M	Labana
165	Ana Beatriz	24/07/17	10/08/17	R: " "	x			1º	B	M	Diário de um herói
166	Yadna Natália	24/07/17		R: " "	x			1º	B	M	Prisioneira de Astal...
167	Daniel Myke	30/07/17	10/08/17	R: João Florentino	x			3º		M	A menina q/...
168	João Marcos	30/07/17	01/08/17	R: " "	x			8º		M	O grande tabuleiro
169	João Marcos	01/08/17	17/08/17	R: " "	x			1º		M	É o enigma da Bura...
170	Mª Alana de S. Araújo	01/08/17	02/08/17	R: Silo Tumbanta	x			3º		M	Bela Destruição
171	Raiane Erica	01/08/2017	02/08/17	R: Luiz Cecilio Filho	x			2º		V	o livro escolhido...
172	Alexandro P. da Silva	02/08/17	07/08/17	R: Ana Helena de Melo	x			1º	B	M	Corá Coralina
173	Pâmela Cibele	02/08/17	16/08/17	R: Felícia C. A. Diniz	x			8º		M	Diário de um herói

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROF.	COMU.	Série	Turno	Turno	
157	Georgio Araújo	16/08/17	04/09/17	R: Emanuel Lopes Filho	X			1.º	V	V	2 Escala 10
158	Mauro Marcos	17/08/17	19/09/17	R:	X			1.º		M	A batalha do
159	Daniel Mate	17/08/17	05/12/17	R:	X			3.º		M	Cidade do fogo
160	Laiane Elizabeth	17/08/17	07/12/17	R: Dr. Mário Moreira	X			2.º		M	Omeiros Guapimirim
161	Micaela Silva	17/08/17	08/11/17	R: João André	X			2.º		M	Molinos Don Juan
162	Euzileirson	17/08/17	11/12/17	R: Raphael P. de Araújo	X			2.º		M	Negrinha
163	Louanny T. C. Alves	17/08/17	29/11/17	R: Teoberto B. B. B. B.	X			2.º		M	O Cortico
164	Kadidja Yanne	18/08/17	21/08/17	R: P. P. P. P. P.	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
165	Enley Clayton	18/08/17	13/08/2017	R: P. P. P. P. P.	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
166	Aline Jordânia	21/08/17	05/12/17	R: Manoel M. de Medeiros	X			9.º		M	Belo Casamento
167	Victoria Suamma	21/08/17	21/10/17	Sítio SACADO	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
168	Kadidja	22/08/17	10/09/17	R: P. P. P. P. P.	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
169	Rafaela Camila	24/08/17	23/09/17	R: Tomaz Pires	X			3.º		M	D. D. D. D. D.
170	Maria Alana	24/08/17	25/09/17	R: Silas Timbault	X			3.º		M	P. P. P. P. P.
171	Bruno Thiele	24/08/17	08/11/17	R: Dr. Pedro E. de Góis	X			3.º		M	O Teorema Katherine
172	Kadidja Yanne	29/08/17	29/08/17	R: P. P. P. P. P.	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
173	Kadidja Yanne	29/08/17	21/09/17	R: P. P. P. P. P.	X			2.º			Will e Will

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROF.	COMU.	Série	Turno	Turno	
174	Alexandro P. de Silva	05/09/17	31/10/17	R: Ana H. de Medeiros	X			1.º	D	M	A molhada do Tigre
175	Leandro Alisson	05/09/17	26/09/17	R: Manoel Peixoto	X			3.º	V	ETA	Desastre iminente
176	Nikolaj Emilly de Silva	12/09/17	29/09/17	R: Francisco P. de Medeiros	X			8.º		M	Angos na Escumada
177	Ana Valéria de Silva	13/09/17	05/10/17	R: Dr. Pedro E. de Góis	X		EXC	9.º	A	M	Omeiros das moedas
178	Daniana Fernanda	13/09/17	30/10/17	R: Hirrellon Pereira	X		EXC	9.º	A	M	Estare
179	Italo Anderson	13/09/17		R: Silas Casapara	X		EXC	9.º	A	M	Percy Jackson
180	Aline Rafaela	18/09/17	18/09/17	R: Antônio Hipólito	X			9.º		M	De repente o
181	Aline Rafaela	18/09/17	21/09/17	R: " " "	X			9.º		M	Belo Desastre
182	João Marcos	18/09/17	11/12/17	R: Silas Racho do J.	X			1.º		M	As aventuras de P.
183	Raiane Enica Santos	18/09/17	27/10/17	R: Luis Gonçalo Filho	X			2.º	U	U	Cidade de Vidua
184	Kadidja Yanne	18/09/17	27/10/17	R: Alexandrina M. J.	X			2.º	U	U	Desastre iminente
185	Georgio Araújo	19/09/17	27/10/17	R: Sebastião de A. F.	X			2.º	V	V	P. P. P. P. P.
186	Agnes Gomes dos Santos	20/09/17	30/10/17	R: Stanyta Zelha	X			2.º		M	O Cortico
187	Euzileirson Nazari	20/09/17	23/09/17	R: Alto do Rancho	X			1.º	A	M	Paixão
188	Arando Pantes	21/09/17	12/12/17	R: Silas Maranhão	X			1.º		M	De repente o
189	Alcântara	22/09/17	28/09/17	R: Sebastião Pires	X			X	X	X	P. P. P. P. P.
190	Rafaela de Almeida Santos	22/09/17	26/09/17	R: Sebastião Pires	X			X	X	X	P. P. P. P. P.

**BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVIA MACHADO
FOLHA DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - 2017**

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRÉSTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROF.	COMU.	Série	Turno	Turno	
191	Mauro Marcos	04/10/17	05/11/17	R: Manoel Peixoto	X			3.º			P. P. P. P. P.
192	Aline Rafaela	05/10/17	30/10/17	R: Antônio Hipólito	X			9.º		M	Belo Casamento
193	Rafaela Yana	05/10/17	28/11/17	R: João André	X			3.º		M	Depois de José
194	Maria Alana	05/10/17	30/10/17	R: Silas Timbault	X			3.º		M	Encontro com
195	Bruna Enica	05/10/17	23/10/17	R: Dr. Drummond	X			3.º		M	A grande que
196	Matheus Sousa	05/10/17	30/10/17	R: Conf. Sebastião A.	X			3.º		M	Asônicas de Nauria
197	Maria Silvana	09/10/17	11/10/17	R: João André	X			3.º	V	V	P. P. P. P. P.
198	Agnes Filho	30/10/17	07/12/17	R: Criseta Zelha	X			2.º		M	Trate Fm
199	Elaine Silvana	30/10/17	20/11/17	R: José de Maria	X			2.º		M	De repente o desejo
200	Aline Gabriel	30/10/17	08/11/17	R: Jefferson Medeiros	X			2.º		M	O Mulato
201	João Marcos	30/10/17	23/11/17	R: Silas Racho do J.	X			1.º		M	Trate Fm
202	Franiele	30/10/17	30/11/17	R: Silas " " "	X			1.º		M	A grande que
203	Telma Prof.	30/10/17		R: Jussara Karathine Prof.				-		-	De repente a Voz
204	Telma "	30/10/17		R: " " "				-		-	A casa de minha avó
205	Ana Beatriz	30/10/17	05/12/17	R: Luiz André Maranhão				1.º		M	Ruínas de uma paixão
206	Aline Rafaela	30/10/17	08/11/17	R: Antônio Hipólito				9.º		M	Imranos
207	Clara Beatriz	30/10/17	09/11/17	R: Dr. Drummond				9.º		M	Belo Desastre
208	Gabriela Medeiros	30/10/17	30/11/17	R: Antônio Salgado				9.º		M	O escalho
209	Maurice Davino	30/10/17	30/11/17	R:				9.º		M	A remissão

BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma	Turno	
208	Andressa Jaciane	25/09/17	31/10/17	R: M ^o Augusta de Aguiar	X			1 ^o	B	M	De repente, é ele
209	Edgard Jheison	26/09/17	04/10/17	R: Francisco R. de Aguiar	X			8 ^o		M	A batalha do dia - ^{trunfo}
210	Aline Rafaela	26/09/17	05/10/17	R: Antonio Hipólito	X			9 ^o		M	Deserto trunfo
211	Leonardo Alisson	26/09/17	29/09/17	R: Manuel Peixoto	X			3 ^o	EA	EA	Bele Desastre
212	Rozina da Naves	26/09/17	29/09/17	R: Sebastião Araújo	-	-	-	-	-	-	Sombra de um Vento
213	" " "	26/09/17	29/09/17	R: " " "	-	-	-	-	-	-	Água Pl elefantes
214	" " "	26/09/17	29/09/17	R: " " "	-	-	-	-	-	-	Pantão
215	Kimilithon Nascimento	28/09/17	05/11/17	R: Cyriano Bezerra	X			1 ^o	A	M	Fallen
216	Geovana F. N. Porto	29/09/17	04/12/17	R: Antonio Apolônio	X			9 ^o		M	O Pequeno Príncipe
217	Clara Beatriz	29/09/17	30/10/17	R: Dr. Dumont	X			9 ^o		M	O Contorno de Praga
218	Yago Marcos	29/09/17	30/10/17	R: Sítio Rocha do J.	X			1 ^o	A	M	Agueira dos Troncos
219	Daniel MaKe	04/10/17	07/11/17	R: " " "	X			3 ^o		M	Sherlock Holmes
220	Maryna Yasmira	04/10/17	11/12/17	R: Sítio Siquinho	X			2 ^o		M	Vários Histórias
221	Elaine Zilvória	04/10/17	30/10/17	R: Jorei S. de Maria	X			2 ^o		M	Quando o mar e ca
222	Andressa Francilly	04/10/17	13/11/17	R: Sítio Salgado	X			2 ^o		M	Quando o mar e ca Parque de uma garota nada fiquel
223	Edgard Jheison	04/10/17	12/12/17	R: Francisco R. de Aguiar	X			8 ^o		M	Angos na manjedora
224	no campo de Aguiar	04/10/17	04/10/17	R: Manuel Peixoto	X			7 ^o		M	Bele Desastre

BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma	Turno	
225	Geovana Araújo da Silva	30/10/2017	13/11/2017	Rua Cícero Dedice de Góis	X			2 ^o	U	J	Nação Brasileira
226	Kerolayne Kelly	31/10/17	12/12/17	R: Francisco R. de Aguiar	X			8 ^o		M	Percy Jackson
227	Andressa Jaciane	31/10/17	05/12/17	R: M ^o Augusta de Aguiar	X			8 ^o		M	De repente, o dorso
228	Alenardo Prigo	31/10/17	07/12/17	R: Ana H. de Medeiros	-			1 ^o		M	A guerra dos três
229	Natally Emilly	31/10/17	28/11/17	R: Francisco P. de Medeiros	X			8 ^o		M	Yago Vozes
230	Calistrone Vidai	31/10/17	23/11/17	R: " " " Rua do Aço	X			8 ^o		M	Ospitais do m
231	Alison S de Medeiros	31/10/17	13/12/17	R: Sítio Rocha do J.	X			9 ^o		M	A experiência
232	Felipe Natanael	31/10/17	07/12/17	R: " " "	X			8 ^o		M	Harry Potter
233	Claudio Roberto	31/10/17	07/12/17	R: Yago xxxxx	X			9 ^o		M	" " "
234	Maria Eduarda	01/11/17	07/12/17	R: Amélia de Medeiros	X			9 ^o		M	A culpa é dos sei
235	Leonardo Alisson	05/11/17		R: Manuel Peixoto	X			-		-	Cidade de Paris
236	Katryja Yasmir	06/11/17	14/11/17	R: Alex - Maria da Silva	X			2 ^o	V	V	Algo sob
237	Rafaela Souza	06/11/17	13/11/17	R: Luiz P. A. Filho	X			2 ^o	V	V	OPALIO de um contos de fadas
238	Kerolayne Raquel	06/11/17	13/11/17	R: RUI DO RIBEIRO	X			2 ^o	V	V	Bele Desastre
239	Daniel MaKe	07/11/17	07/12/17	R: Rocha do Jardim	X			3 ^o		M	O festa dos três
240	Emanuele	07/11/17	11/12/17	R: Sítio Salgado	X			2 ^o		M	Uma legião de mulher
241	Puêtra	07/11/17	07/12/17	R: " " "	X			2 ^o		M	A morte e a ans de quinze - vier da guerra

BIBLIOTECA PROFESSORA CARMEM SILVYA MACHADO
FOLHA DE EMPRESTIMO DE LIVROS - 2017

Nº	NOME DO ALUNO	DATA		ENDEREÇO	CATEGORIA			ALUNO			TÍTULO DO LIVRO
		EMPRESTIMO	DEVOLUÇÃO		ALUNO	PROFº	COMU	Série	Turma	Turno	
242	Nayana Suenia	07/11/17	07/12/17	R: Sítio Pau'bagosa	X			2 ^o		M	A cidade ilhada
243	Bruna Maria	07/11/17	20/12/17	R: " " Salgado	X			2 ^o		M	A hora da Estrela
244	Kaline Fátima	07/11/17	11/12/17	R: J. J. J. J. J.	X			2 ^o	V	V	de si/usa - si
245	Aline Rafaela	08/11/17	23/11/17	R: Antonio Hipólito	X			9 ^o		M	Jogos do Silêncio
246	Samuel Eutrópio	08/11/17	12/12/17	R: Sítio Salgado	X			1 ^o		M	De repente, é ele
247	Thaizy Thaynara	08/11/17	05/12/17	R: Yago Florentino	X			1 ^o		M	Partilha de Sombra
248	Carla Rita	08/11/17	05/12/17	R: Angelo Tomé	X			1 ^o		M	A negra danada
249	Maria Alana	08/11/17	28/11/17	R: Sítio Tumbanta	X			3 ^o		M	A Intelectual
250	Micaele S. Aguiar	08/11/17	07/12/17	R: Yago André	X			2 ^o		M	Don Quixote
251	Hanna Mout	08/11/17	12/12/17	R: Sítio Salgado	X			2 ^o		M	Zilvória e Pantão
252	Elaine Medeiros	08/11/17	12/12/17	R: Pedro E. Góis	X			2 ^o		M	Amor de d'eduardo
253	Aline Galvile	08/11/17	07/12/17	R: Jefferson de Medeiros	X			2 ^o		M	O Bom - Amado
254	Mulio César	08/11/17	11/12/17	R: Manuel Lopes	X			2 ^o		M	Don Quixote Riquel de Conterto
255	Juan Bezerra	08/11/17	12/12/17	R: Pedro Zilv	X			2 ^o		M	Bom - Tristão
256	Eugênio Medeiros	08/11/17	07/12/17	R: Manuel Lopes	X			2 ^o		M	O tempo na Memória
257	Yaelson Micael	08/11/17	11/12/17	R: Yago F. de Medeiros	X			2 ^o		M	Três por de Percospe - Bransma
258	Caio César	08/11/17	07/12/17	R: Cyriano Bezerra	X			2 ^o		M	A aventuras de Ripio Loucas

ANEXO F – Lista dos empréstimos de livros feitos no sistema informatizado da biblioteca até o mês de maio de 2018.

Sistema de Gerenciamento de Biblioteca

Pessoas Livros Empréstimos Relatórios Sobre

Lista de empréstimos realizados e/ou atrasados

Empréstimos realizados Empréstimos atrasados

ID	Matrícula	Nome	Livro	Quantidade	Data de entrega	Prazo
64	201631440487	JUAN GUSTAVO BEZER...	UMA BREVE HISTÓRIA D...	1	24/04/2018	24/06/2018
71	201631443881	GEOVANA ARAUJO DA SI...	AS CRÔNICAS DE NÁRNIA	1	03/05/2018	03/06/2018
72	201631325289	MAYARA YASMIN DE ME...	SAGA ENCANTADAS - V...	1	04/05/2018	04/06/2018
73	2018173117	ADAGILSA GOMES DOS...	MOBY DICK	1	04/05/2018	04/06/2018
74	201830266643	JESSICA CRISTINA DA S...	QUANDO A NOITE CA...	1	07/05/2018	07/06/2018
79	201730273206	ANDRÉA JACIANE GARCIA	ASSASSINATO NO EXPR...	1	11/05/2018	11/06/2018
81	201430715471	DENISE DAIANE DE ARA...	DIÁRIO DE UMA GAROTA...	1	14/05/2018	14/06/2018
82	201530630608	IZABELLE BEATRIZ DE M...	NÃO SE ILUDA, NÃO	1	15/05/2018	15/06/2018
84	201430335534	ALINE JORDÂNIA SOUZA	A MALDIÇÃO DO TIGRE	1	16/05/2018	16/06/2018
85	20181279610	MARIA DOS MILAGRES Z...	CAPÃO PECADO	1	16/05/2018	15/06/2018
89	201830268577	LUTHIERRY KAWAN DA...	DIÁRIO DE UM BANANA 1	1	18/05/2018	18/06/2018
91	201631343590	RAIANE ERICA REGIS D...	ADVOGADO DE PORTA...	1	21/05/2018	21/06/2018
92	114435483326	BRUNA GRACIELLY PER...	CIDADE DOS OSSOS	1	22/05/2018	22/06/2018
93	201830265234	INGREY KAMILY DA SIL...	DIÁRIO DE UMA GAROTA...	1	22/05/2018	22/06/2018
94	2017303039597	ALYSON DOUGLAS DOS...	ANJOS NA ESCURIDÃO	1	22/05/2018	22/06/2018
96	201730434657	AMANDA DANTAS DE AR...	ÁGUA PARA ELEFANTES	1	24/05/2018	14/06/2018
97	201630006854	JOÃO MARCOS DA SILVA...	O CEMITÉRIO DE PRAGA	1	24/05/2018	24/07/2018
98	201730493101	ALESSANDRO DIEGO DL...	TORMENTA	1	28/05/2018	28/06/2018
99	2018165203	JOSÉ RANEILSON DA C...	ILÍADA	1	28/05/2018	28/06/2018
100	201815051990	VALQUÍRIA ELOISE DO ...	BOM-CRIÓULO	1	28/05/2018	28/06/2018
101	201830274180	VITÓRIA HELLEN FERNA...	A MENINA QUE ROUBAV...	1	28/05/2018	28/06/2018

Inicio

Pessoas

Cadastrar

Pesquisar

Livros

Cadastrar

Pesquisar

Empréstimos